

PerfilLocal



Ano 6 - Nº 6 - IPS-ESE - Comunicação Social - Edição Especial

5

S

O



N

Abril

Sumário

04 | Editorial

Alcácer do Sal

- 08 | Sonhos Roubados
- 10 | Aproveitaram-se do Poder
- 12 | Cante Alentejano e Cravos Vermelhos
- 14 | Uma vida entrelaçada com a liberdade

Alcochete

- 16 | De Alcochete a Lisboa

Almada

- 18 | A porta para a Liberdade
- 20 | “João, tinhas razão”
- 22 | Antigo Regime silenciava-as com mordças
- 24 | “Nunca optei por uma cor política”
- 26 | “Teríamos lá ficado”
- 28 | “Um empurrão de esperança”
- 30 | “Já nada vai ser igual”
- 32 | Do convés para a soltura
- 34 | Ancorar também é navegar
- 36 | “Já cá estou há imenso tempo e depois há toda uma longa história”

Barreiro

- 38 | “Foi o momento mais lindo da minha vida”
- 40 | “O sonho chamado liberdade”
- 42 | “Somos filhos da democracia”
- 44 | “Só quando lá cheguei é que soube”
- 46 | Memórias cravadas
- 48 | Um dia inesquecível
- 50 | “Nós vivíamos na escuridão”

- 52 | Amordaçada, Desejada, Madrugada

Grândola

- 54 | Os loucos anos 20
- 56 | “A vila da Liberdade”
- 58 | Estórias com vida
- 60 | Cantos de resistência
- 62 | Entrelaçados pelo destino

Moita

- 64 | Histórias de ontem, reflexões de hoje
- 66 | Uma manhã que dividiu corações
- 68 | A Revolução que mudou a vida de Armando e Mariana
- 70 | “Se dissesse que eras retornado, caía o Carmo e a Trindade”
- 72 | Operação viragem histórica
- 74 | Entre duas pátrias
- 88 | Uma fotografia eterna
- 90 | O que me marcou foi estar debaixo de fogo
- 92 | A importância de se chamar Lenine

Montijo

Filho de um revolucionário, segue pegadas do pai | 94
“Sobrevivemos a pescar e a comer pão duro” | 96

Palmela

Sabedoria de pai | 98
Ensinar com cravos | 100

Santiago do Cacém

A melodia proibida | 104
Calma durante a Revolução | 106
Tons de vida | 108

Seixal

Receita para salvar o país | 110
Quando se precisa de um líder | 112
“Foi a minha maior conquista “ | 114
Memórias pintadas com alma | 116
A preocupação de Alzira | 118
Os cravos na lente de um retornado | 120
Um oceano de liberdade | 122

Sesimbra

Um primeiro contacto com a liberdade | 124
A realidade amarga de um retornado | 126
Marés de Transformação | 128
(Re)volta à Revolução | 130

Sines

A melodia de Fernanda | 132

Setúbal

Perseguição e desrespeito | 134
“A falta da minha mãe” | 136
“Perguntaram-se sabia o que se passava no Puto” | 138
“Eu tinha dez anos, não tinha consciência” | 140
Revolução silenciosa pelos olhos de Fernando | 142
Parecendo ser um dia normal | 144
“A minha vida alterou” | 146
Entre cravos e cicatrizes | 148
Angola = Felicidade | 150

Ficha técnica | 152

ESTA REVISTA FOI ESCRITA EM LIBERDADE

EDITORIAL

A “Liberdade para Pensar”, que serve de lema para o Jornal Expresso, é relativamente recente em Portugal e existe há quase tantos anos quanto este mesmo jornal. Com a realização desta revista pretendemos celebrar estes **50 anos de Liberdade** que surgiram com o fim da ditadura.

Este é o resultado de imensos contactos, entrevistas, reportagens e, sobretudo, trabalho árduo, por parte de todos os membros da redação. Tudo isto foi extremamente importante para a formação jornalística de todos os envolvidos no projeto. Foi-nos possível saber o que é lidar com prazos apertados, com o desafio que é encontrar as pessoas certas para entrevistar e com as diversas personalidades que existem num grupo de quase 20 pessoas. O nosso maior objetivo foi contar estórias “anónimas”, que nunca tivessem sido contadas, de pessoas de todos os concelhos do distrito de Setúbal. No total, a redação foi composta por 16 pessoas que desempenharam funções cruciais para a produção desta 6ª edição da Perfil Local. Desde repórter até copy desk, passando por secretariado, publicidade e design, todos os membros foram importantes para que hoje possa estar com esta revista na mão.

Esta “Perfil Local” não seria tão rica sem o apoio da **Associação 25 de Abril**, em especial do Coronel Vasco Lourenço e do Tenente Ramiro Soares Rodrigues, a quem agradecemos profundamente.

Por vezes, escrevemos estórias muito pessoais que revelam as fragilidades dos entrevistados, logo, os mesmos não se sentiram à vontade para aparecer na revista através de registo fotográfico e, diante destes pedidos, respeitamos as exigências. Procurámos sempre ser imparciais e fiéis aos entrevistados, dessa forma, encontrará ao longo da leitura das reportagens, diversas opiniões diferentes, em relação à **Revolução dos Cravos**. É importante lembrar, que são opiniões dos entrevistados e não dos repórteres. Um agradecimento especial a todos aqueles que se disponibilizaram para nos contar as suas estórias, que nos abriram o coração e, muitas vezes, choraram diante de nós. Sem estas pessoas, não era possível concretizar tudo isto.

Por fim, a si, que vai virar a página pela primeira vez, esperemos que esta seja uma viagem ao passado (que não está assim tão distante) e que aprenda imenso com as pessoas que viveram este período da História. Boa viagem pela **Liberdade!**

Daniel Ferreira e Iara Silva

Chefia da Redação

DESAFIA O IMPOSSÍVEL

CTESP
LICENCIATURAS
MESTRADOS
PÓS-GRADUAÇÕES
MICROCREDENCIAIS



WWW.IPS.PT
ESTUDAR@IPS.PT



**POLITECNICO
SETÚBAL**

POLYTECHNIC UNIVERSITY

“

Tia Aurora segue Estados Unidos da América, dia
25, 0300. Um abraço primo António”

* telegrama enviado por Otelô Saraiva de Carvalho a informar
sobre o momento em que se daria a Revolução.

Ansiava estudar e ser jornalista, mas a luta por uma guerra perdida, impediu-o de fazer aquilo que mais queria. José Dias, 71 anos, não tinha ainda completado 18 anos quando foi chamado a ir para Moçambique. Quando soube, sentiu um leque de emoções, seria a primeira vez que ia sair de Portugal, sem a certeza do que “ia para lá fazer”, ou do que esperar, ou do que seria de si, quando voltasse à Pátria mãe. Durante os dois anos que esteve em combate, viveu com a saudade da família a vincar-lhe o coração e, por diversas vezes, “trocou” aquele cenário fatídico pelos

locais e memórias da sua terra, que faziam desvanecer o terror à

sua volta. Ao regressar, o ex-combatente percebeu que o país “era exatamente o mesmo”, o que resultou num acumular de mágoa ainda maior do que aquela que sentia. Esta mágoa permanece consigo até aos dias de hoje “não era isto que eu queria para a minha vida”. Tinha lhe sido retirada a juventude, a inocência com que observava a vida “vê se a vida de outra maneira e, claro, que numa situação de guerra temos obrigatoriamente de mudar a nossa forma de estar”, [pausa]. Após o conflito decide emigrar, achou que “seria mais útil à sociedade” se estivesse “fora de um

regime fechado”, onde não havia lugar para todos e viver em liberdade se mostrava distante. O Canadá, tornou-se na sua nova casa. Reconhece “a inutilidade daquela guerra” como a causa para a construção de um Portugal aquém dos restantes países europeus. Era urgente uma mudança, mas conversar sobre ela implicava mencionar o sistema vigorante “o regime era tabu, nós não podíamos falar”. O 25 de Abril “foi o dia libertador”, que trouxe felicidade para José, mas que anos após o sucedido, lhe revelou ser uma “utopia” pois o sentimento de alegria que nutriu no tão esperado dia que terminou com a ditadura,

apagou-se quando a realidade mostrou “que não era mais do que um sonho”,

“Recordo-me duma mocidade perdida”

que foi vendido à população por ser tão belo. O significado de liberdade foi explorado e esquecido desapontando uma nação, “era o meu sonho, também”, afirma com emoção. José Dias foi obrigado a crescer, a desapegar-se dos sonhos de menino e a tornar-se num homem, “recordo-me duma mocidade perdida”. 50 anos depois do icónico dia, mantém a esperança dos seus antepassados, de que um dia o 25 de Abril voltará a acontecer e os seus ideais voltarão a reinar Portugal, “o meu avô e o meu pai acreditaram, eu vou seguir a tradição da família”.



APROVEITARAM-SE DO PODER

O SOFRIMENTO CHEGOU DEPOIS DA QUEDA DO REGIME



Entre campos verdejantes onde o cultivo é fonte de rendimento e as famílias trabalham para o mesmo senhorio, há quem tenha sofrido com o pós-revolução que traria a prometida prosperidade a Portugal. Sílvia Guerreiro, 62 anos, conheceu a liberdade na juventude e embora reconheça atualmente a importância do 25 de Abril, afirma que “muitas coisas não correram bem”, depois desta data histórica. Recordando a situação vivida em Alcácer do Sal, terra que a viu nascer, pinta as dificuldades experienciadas pelos seus avós no pós-revolução, afirmando que “sofreram mais depois do 25 de Abril do que antes”.

As pessoas que envolveram aquela terra

recheada de memórias da sua infância, trabalhavam em grande parte para uma herdade de cultivo e ainda que “se ganhasse pouco, toda a gente trabalhava e não havia ninguém sem ofício”, o que se alterou depois da grande Revolução. Sílvia recorda o proveito da situação transitória do país, garantindo que “muita gente se aproveitou da liberdade para mandar, mas que não sabiam mandar”, referindo-se a alguns trabalhadores da herdade onde os seus avós trabalhavam e que usaram o pretexto da liberdade para tomar posse daquelas terras e ex-

plorar os funcionários, ameaçando-os de não pagarem os seus salários, realçando a pressão psicológica pela qual os seus avós foram alvo. A setubalense, tinha apenas 13 anos quando se deu o momento histórico, mas ainda que não o compreendesse na sua totalidade, sabia que era algo que há muito se esperava alcançar. Pensativa, revive a manhã de Abril de 1974 em que o seu pai saiu para trabalhar e voltou euforicamente dizendo que “se tinha dado a Revolução”. Houve desde então um agitar daquelas pessoas que queriam exaltar os feitos heroicos dos militares, indo até à cidade de Setúbal para verem desfilar os verdadeiros impulsionadores da Revolução dos

Cravos. Guerreiro não consegue esquecer

“Finalmente podemos ser contra ou a favor do que quer que fosse”

cer as alegres palavras que entoavam naquelas ruas, frisando ouvir-se repetidamente “agora vai haver liberdade, finalmente podemos ser contra ou a favor do que quer que fosse”, expressa. Com mais de meio século de vida, certamente há muitas estórias que a marcarão, mas em particular conta ter sido o “abuso da liberdade” que marcou o pós-queda da ditadura e que alimentou uma certa revolta dentro de si. Reflexiva, menciona ainda o estado atual do país comparando-o com o passado e afirmando estarmos cada vez mais a recuar.



©Bruno Marques

CANTE ALENTEJANO E CRAVOS VERMELHOS

“A LIBERDADE ERA UMA ILUSÃO”

O eco do passado repercute-se nas palavras de Manuel de Jesus, um antigo guarda prisional que viveu a repressão da ditadura antes da Revolução dos Cravos. Hoje, membro da direção do canto alentejano de Grândola, uma tradição musical profundamente enraizada na cultura portuguesa, sendo declarado Patrimônio Mundial, uma honra que reflete a importância desse tesouro cultural para o mundo. Durante o Estado Novo, as canções alentejanas eram muitas vezes um refúgio, “permitiam que as pessoas expressassem os sentimentos de maneira velada”. As letras muitas vezes eram carregadas de simbolismo, transmitindo mensagens de resistência e desejo pela liberdade. Revela as sombras

de um tempo em que “a liberdade era uma ilusão e o medo pairava sobre as conversas”. Durante os anos de chumbo da ditadura, sentia-se aprisionado na sua própria terra, “era um guarda prisional e sentia-me muito preso, não tinha liberdade para nada”, relembra com um sentimento de mágoa. Num regime onde a censura era implacável, “as palavras tinham peso e o ato de falar podia ser perigoso, tínhamos de ter sempre atenção com quem estávamos a falar”, acrescenta. Refletindo sobre os tempos em que a vigilância era constante, sob o governo de Salazar, a liber-

“A liberdade era uma ilusão e o medo pairava sobre as conversas”

dade de expressão era uma utopia e os cidadãos viviam sob a constante sombra da repressão. A Salazar não lhe interessava que a população tivesse um nível de escolaridade superior, pois “ele não queria que a população estudasse, para que não comesçassem a questionar sobre como as coisas são”, revela com uma certa dor. A estratégia do regime era “manter o povo na ignorância”, para evitar qualquer forma de pensamento crítico que pudesse questionar a sua autoridade. A visão limitada sobre o mundo exterior também era parte da manipulação, “nós, em Portugal,

pensávamos que os regimes eram assim por toda a Europa, não tínhamos noção do que acontecia nos outros sítios”, revela com um desconhecimento que pairava na sua cabeça na

aquele tempo. A cortina de isolamento estendia-se além das fronteiras, impedindo que os cidadãos compreendessem a verdadeira extensão da liberdade como noutros países europeus. A Revolução mudou radicalmente esse cenário, lembra-se da euforia e da esperança que invadiam as ruas de Alcácer do Sal. Contudo, ele também destaca um ponto sombrio, “morreu quem não devia morrer, ou seja, os inocentes morreram”, onde as cicatrizes incluíram a perda de vidas preciosas, mas a conquista da liberdade, sendo um preço que muitos estavam dispostos a pagar.

BRUNO MARQUES

UMA VIDA ENTRELAÇADA COM A LIBERDADE

50 ANOS DE UMA NAÇÃO TRANSFORMADA



Meio século após o 25 de Abril de 1974, as memórias da Revolução dos Cravos continuam a pulsar na mente de Ermelinda Sobral, 68 anos, residente no concelho de Alcácer do Sal, uma das protagonistas que testemunhou a transição para a liberdade em Portugal. Ignorante do que se desenrolava, dormia enquanto a Revolução dos Cravos tomava forma nas ruas de Lisboa. Foi apenas na manhã seguinte, através das ondas da rádio, que descobriu que algo extraordinário estava em curso. Trabalhava como rececionista e telefonista na multi-

nacional americana Eletrónica Signetics, Ermelinda percebeu rapidamente que algo fora do comum acontecia quando chegou ao trabalho, “era a LIBERDADE”. Rumores de uma possível guerra civil circulavam, ecoando os temores anteriormente alimentados por Salazar. Este período inicial de incerteza foi seguido por semanas de expectativa e agitação, culminando na deslocalização da empresa onde trabalhava no ano seguinte, “só tinha sido instalada em Portugal pelos baixos salários praticados”, afirma. Apesar da falta de formação política inicial, Ermelinda rapidamente aderiu à Revolução dos Cravos. A juventude da época,

“Vieram para as ruas mostrar como estavam felizes por finalmente poderem falar livremente”

guiada pela utopia e generosidade, abraçou o Processo Revolucionário em Curso (PREC), participando em manifestações e eventos cruciais. A jovem passou a dedicar integralmente o seu tempo à causa, trabalhando na Organização Política à qual já pertencia, o Movimento Democrático Português em Setúbal. O foco agora era contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Além de Setúbal, acompanhou ainda o processo revolucionário no concelho onde nasceu, Santiago do Cacém, “vieram para as ruas mostrar como estavam felizes por finalmente poderem falar livremente”.

Ermelinda expressa preocupações sobre o estado atual do país. Apesar dos indicadores económicos positivos, aponta retrocessos em vários setores, destacando a persistência da pobreza, “continuam a existir mais de dois milhões de pobres”, afirma. No entanto, ressalta que a luta pela liberdade valeu a pena. O 25 de Abril permitiu a Portugal romper com um passado obscurantista e repressivo, proporcionando liberdade, democracia e a oportunidade de construir um país mais justo. Cinquenta anos após a Revolução dos Cravos, a voz de Ermelinda Sobral ressoa como um testemunho vivo da esperança, luta e compromisso que caracterizaram aqueles tempos tumultuosos e transformadores em Portugal.

DE ALCOCHETE A LISBOA:
O CAMINHO REVOLUCIONÁRIO



Cesaltina Catarino sempre preservou a sua liberdade e, como tal, assim que soube da Revolução, pela rádio, apresentou-se na tentativa de “fazer parte deste grande acontecimento”, apesar dos avisos para ficar em casa, ela queria sair. Não tinha carro, por isso, teve de ir à casa mais próxima: “Tive que pedir o carro emprestado ao meu vizinho na altura e ele, em vez de me dar as chaves, levou-me até Lisboa”, este foi um gesto que Cesaltina nunca esqueceu: “tinha falado duas ou três vezes com ele e, de repente, tornamo-nos amigos”. Fizeram-se à estrada, a viagem que durou algumas horas, parecia “interminável”. À medida que passavam pelas cidades, em plena madrugada, viam pessoas a celebrar “em êxtase”, as ruas preenchiam-se de felicidade e euforia, no final de contas, este seria o dia que vinha a mudar a vida de todos os portugueses. Quando chegaram a Lisboa, já era de dia e “só se via ambulâncias a passar” e ainda mais pessoas na rua. Cesaltina e Adelino, nome do vizinho que a acompanhou nesta jornada, abrigaram-se durante várias horas na casa de uma amiga: “Chegámos a Sacavém e, lá em casa, estava tudo maluco a festejar, mas ao mesmo tempo não queriam ir até às manifestações [suspira] achavam que era perigoso”. Ninguém os deixou sair de casa e foram então “obrigados” a acom-

“ As pessoas abraçavam-se só porque sim ”

panhar a Revolução pela rádio. “Já estava farta daquela marcha”, afirma Cesaltina, referindo-se à marcha do MFA que passava entre os comunicados do Movimento. Devido a esta inquietação, os dois vizinhos ignoraram os conselhos que lhes foram dados e aventuraram-se pelas ruas de Lisboa. “Até hoje não sei bem como é que chegámos ao Quartel [do Carmo]”. Por esta altura, “já estava exausta [pausa] tinha sido uma noite agitada, mas aquilo que senti quando lá cheguei acordou-me de uma maneira inexplicável” conta Cesaltina, com os olhos em lágrimas. Embora não estivessem na linha da frente, conseguiam sentir toda a excitação e entusiasmo que pairavam no ar: “as pessoas abraçavam-se só porque sim”, lembra a rir-se. Ouviam, atentamente, todos os comunicados e atualizações “de longe, não percebíamos bem o que se estava a passar então tínhamos que ouvir pela rádio”. Cesaltina recorda o momento em que foi anunciado que Marcelo Caetano se tinha rendido: “já estávamos no final da tarde [pausa] foi uma explosão de alegria como nunca vi”. “Tina” teve de voltar de imediato para Alcochete, mas a festa não parou por aí. Quando chegou viu que o clima era praticamente o mesmo e que não havia sinais de que fosse abrandar: “A festa durou dias e dias [pausa] para mim, ainda hoje é motivo de festa”.

A PORTA PARA A LIBERDADE

UMA OPORTUNIDADE PARA ABRI-L(A)



Ramiro Soares Rodrigues era o oficial de serviço da fragata Sacadura Cabral, na Base Naval do Alfeite, no dia 24 de Abril de 1974. Tendo pertencido a alguns grupos, a que chama “secretos”, estava por dentro das conspirações que aconteciam regularmente entre os oficiais, no entanto, “não sabia se [a Revolução] seria no dia 23, 24 ou 25”. No dia 24, “disseram-me: «vê lá se ‘tás com atenção, que hoje é capaz de haver aí alguma coisa.»”, percebeu imediatamente que poderia ser o dia em que a sua vida mudaria para sempre, ainda assim, foi dormir: “Eu estava num navio com um sistema de eletrónica muito atualizado, eu disse ao pessoal que ia dormir na cabine e se acontecesse algo para me irem acordar”. Durante a Revolução manteve sempre a mesma posição, à qual chamava “neutralidade ativa”. Defendia que a marinha

deveria estar sempre do lado do exército: “A preocupação da marinha era que nenhum navio, a arma de excelência da marinha, se opusesse ao movimento dos capitães e que fizesse, fosse o que fosse, para neutralizar as suas forças”. O Capitão de Abril afirma que ao contrário daquilo que é, muitas vezes, noticiado “não inventei avaria nenhuma”. A fragata Sacadura Cabral não saiu do Alfeite, e arruinou a Revolução, devido a uma avaria relacionada com o combustível e

não por invenção do Tenente, uma grande e feliz “coincidência”. Soares Rodrigues desvaloriza a importância da sua intervenção no golpe, afirmando mesmo que “há histórias muito mais engraçadas e muito mais importantes do que a minha”, apesar de tudo, é difícil pensar que a Revolução teria corrido da mesma forma se o oficial de serviço, naquela madrugada, não fosse o Tenente Ramiro Soares. O Capitão acredita que “não há guerras que levem a lado nenhum” e enaltece os modos pacíficos em que ocorreram os acontecimentos da Revolução pois, ao contrário de

outras revoluções, esta teve uma abordagem essencialmente estratégica. Para além disto, acredita que: “A Revolução é consequência do povo da rua”, visto que, tanto os militares que estavam com o MFA, como os que estavam do lado do Regime, ao verem centenas de pessoas na rua, evitaram disparar qualquer tipo

de munição. Soares Rodrigues sublinha, ainda, a importância do domínio dos meios de comunicação, como “a Televisão, o Rádio Clube Português e a Emissora Nacional”, no desencadeamento da Revolução: “A partir do momento em que a gente tirou a comunicação ao inimigo, já foi um trunfo bastante grande”. Para Ramiro Soares Rodrigues, o 25 de Abril significou uma “abertura”: “É como se tivesse sido aberta uma porta [pausa] até mesmo para criticar [risos]”.

“Não
inventei
avaria
nenhuma”

“JOÃO, TINHAS RAZÃO”

Um olhar comovido por Abril



Ao longo dos cinco anos em que o irmão esteve na Guerra do Ultramar, João Carlos Silveira nunca perdia as emissões de Natal e da Páscoa, onde os soldados se despediam intensamente das famílias. Nessa altura, ainda novo, afirmava com certeza: “Quando for mais velho, podem matar-me, prender-me, fazer o que quiserem, eu não vou para a Guerra! Mas a minha mãe dizia para me calar, se não ainda tínhamos problemas com a PIDE”. João recorda o 25 de Abril de 1974, em lágrimas, após ter acordado com a sua mãe encostada a si, comovida: “João, tinhas razão.

amor e, posteriormente, foi convocado para os “Rangers”, a Força de Operações Especiais do Exército Português. A partir desse momento, nunca mais deixou de ver as transmissões onde os soldados se despediam, algo que solidificou a sua decisão de evitar o serviço militar. Essa convicção permaneceu até ao dia em que acordou com a sua mãe emocionada, revelando o fim da Ditadura. Tudo isto culminou numa onda de alegria e entusiasmo: “Eu saltei da cama, vesti umas calças de ganga e, praticamente de pijama, corri para a rua. Queria ver tudo, queria saber tudo, as ruas de Almada estavam cheias de gente!”. João fe-

“As pessoas que dizem mal dos dias de hoje, não têm consciência do que foi o ontem”

Não vais para o Ultramar, a Guerra acabou! Está a haver uma revolução!”. Com 64 anos e natural de Idanha-a-Nova, garante que o seu passado, embora distante, continua vivo na memória, relembrando com uma mistura de saudade e tristeza, os tempos difíceis da sua infância: “As pessoas eram todas muito pobres, muitas iam descalças para a escola”. Com a morte do pai, a família mudou-se para Almada, onde continuou a sua vida, marcada por uma paixão pelas Relações-Públicas Internacionais. No entanto, por trás do seu sucesso profissional, estão as memórias vividas de um período de Revolução. A Guerra Colonial deixou cicatrizes na sua família, especialmente com o destino do seu irmão mais velho, que desistiu dos sonhos de se tornar padre, por

chou-se umas horas na sede dos escuteiros que frequentava para ouvir as comunicações entre militares nas rádios, recordando-se de alguns nomes de código: “*Charlie Brown, Charlie Papa*”. João, destaca a forma como Almada participou ativamente neste momento crucial da história portuguesa: “A cidade de Almada sempre teve uma grande componente política, que ainda hoje tem”. A sua memória não se limitou à euforia da Revolução, também abordou a dura realidade da quantidade de presos políticos residentes do concelho. Cinco décadas depois da Revolução, João vê o país de forma positiva: “muito diferente, não tem nada a ver”, finalizando com convicção: “As pessoas que dizem mal dos dias de hoje, não têm consciência do que foi o ontem”.



ANTIGO REGIME SILENCIAVA-AS COM MORDAÇAS

O legado do feminismo no antes e após ditadura

O momento decisivo que levou Portugal à democracia foi liderado por soldados que carregavam armas e cravos, irradiando esperança através dos seus olhares. Para além dos eventos reconhecidos como parte do Golpe de Estado, as mulheres desempenharam um papel crucial para a liberdade. Mesmo silenciadas numa sociedade patriarcal, protagonizaram desde as lutas contra o antigo regime até assumirem a liderança nas fábricas no dia em que eclodiu a Revolução. Manuela Tavares, 74 anos, é membro da União de Mulheres Alternativa e Resposta, conhecida como UMAR,

desde a sua fundação em 1976. Disposta a conversar, partilha que “durante o Estado Novo, as mulheres eram vistas apenas como donas de casa, sem direito legal ao aborto ou ao divórcio”, evidenciando a ignorância que prevalecia em Portugal naquela época. Desde a sua juventude, Tavares mostrou-se uma jovem revolucionária, participando em diversas lutas académicas contra o regime enquanto frequentava o curso de Economia no ISCEF. Emocionada, recorda uma dessas manifestações “fizemos greve aos exames, o que resultou na prisão de vários estudantes da Económicas e na morte de um aluno de Direito pela PIDE”. Por pouco não foi presa naquela ocasião,

atribuindo isso ao facto de estar grávida na época “uma senhora do prédio da frente viu a minha barriga e, ao ver a polícia a aproximar-se com cães, puxou-me para dentro”. Tinha apenas 24 anos quando a Revolução dos Cravos desabrochou no país e, nesse dia, Manuela estava prestes a mudar-se com o marido e a filha para Lisboa, sem estar ciente do que acontecia na capital. “A minha mãe disse-me para não ir por conta dos relatos na rádio sobre haver muita confusão”, relembra. Curiosa, a jovem licenciada procurou mais informações na televisão, “quando vi as notícias e soube da corveta no Tejo, fui ao Cristo Rei para entender de que

lado estavam”. Ao perceber que era um Golpe de Estado, descreve o sentimento como uma “alegria inesquecível”, sentindo que as mulheres tinham agora um recomeço para serem mais livres. Após o 25 de Abril, dedicou-se à alfabetização feminina em Almada, ensinando-lhes a ler e a escrever, o que permitiu a muitas obter algum tipo de educação. “Conseguí fazê-las sentirem-se mais empoderadas”, revive com um sorriso. Entre estórias e conquistas das mulheres na democracia, Tavares relembra que “nem tudo está feito” e enfatiza a importância contínua da luta pelos direitos feministas e por um Portugal com liberdade de expressão.

PATRÍCIA TEIXEIRA

Após o 25 de Abril, dedicou-se à alfabetização feminina em Almada, ensinando-lhes a ler e a escrever, o que permitiu a muitas obter algum tipo de educação



“Nunca optei por uma cor política”

João Machado: saído da Marinha e sem se render a discursos bem “elaborados”

Jão Machado relembra o 25 de Abril de 1974, como um dia muito marcado pelos meios de comunicação, afirmando que passou o dia a ouvir rádio. Acordou e seguiu a sua rotina habitual de trabalho. Ouviu conversas vagas sobre a possibilidade de uma revolução, mas as suspeitas foram confirmadas quando, na Rua do Alecrim, assistiu à passagem de vários militares fardados. Recorda que, na altura, poucas pessoas sabiam que a Revolução poderia ser bem-sucedida e que era muito difícil ter uma voz política. Na Marinha, onde trabalhou desde 1973, “não se falava sobre política e muito poucos sabiam o que era”. “Vivíamos num país onde as notícias não chegam” afirma, após refletir sobre a forma como a propaganda salazarista impedia muitas notícias de chegar aos jornais. Quanto à PIDE, lembra que existia um grande medo, porque “tinha sempre um indivíduo disfarçado que nos ouvia e que nos prendia”. Afirma que algumas pessoas, ao contrário dele, acabaram presas ou magoadas. “Aqui havia política, pensava eu”, disse referindo-se a panfletos de “propaganda” que os grupos espalhavam na rua, que, mesmo o seu pai não deixando que ele lesse, sabia do que se tratava. Reflete, também, a ingenuidade que tinha na altura, “Eu era novo, queria lá saber, queria era jogar à bola!”, afirmando que até o tentaram recrutar para um grupo organizado, mas nunca quis. A única vez que

“Até hoje não há ninguém que possa dizer que eu tenha uma cor política, nunca quis, e vou continuar assim!”

teve que tomar uma posição política, “foi na Guerra do Ultramar”, na qual assumiu a defesa de um Portugal colonialista. Afirma que, apesar dos “discursos bem elaborados” que ouvia na política, sempre se manteve neutro: “até hoje não há ninguém que possa dizer que eu tenha uma cor política, nunca quis, e vou continuar assim!”. Ao tentar explicar como o mundo de hoje parece mais difícil, vê-se atrapalhado, mas afirma que “a ganância do ser humano é muito grande e estamos a degradar o planeta!”. 50 anos depois do 25 de Abril, realça que “nunca viveu com medo”, e por isso, sente saudades do que viveu, apesar de que “não deixava o país voltar atrás”, mesmo com todos os problemas que aponta do mundo atual. Em Almada, recorda uma comemoração do 5 de outubro: “Os aparatos militares, isto era um centro de revolucionários” completa, lembrando alguns dos eventos que mais o marcaram nessa data: “um GNR a cavalo assim com a espada tocou nas costas do meu pai e nas minhas, a mandar-me para casa”. Acredita que “a Revolução valeu a pena, mas não no contexto que foi feita” e acrescenta: “A Revolução não foi feita pelas pessoas, foi feita pelos militares”. Admite ainda que o seu quotidiano não mudou com a Revolução e conclui a conversa afirmando que, hoje em dia, não existiria uma Revolução “com cravos, nunca vi governantes largarem o poder tão facilmente”.

CÁTIA DUARTE / PEDRO VENTURA

“TERÍAMOS LÁ FICADO”

Portugal deixou de significar casa



Em 1969, Paula e Mário Fonseca, eram dois jovens apaixonados, confrontados com uma ditadura e uma guerra colonial, na qual Mário teria de cumprir serviço militar. Abandonam Portugal e, assim, iniciam um novo capítulo das suas vidas, em Angola. O Senhor Fonseca, nos seus deveres militares e Paula, que, ao contrário de muitas mulheres na altura, já trabalhava, num novo emprego. Foi assim que encontraram uma nova vida, que consideraram melhor que a anterior. No dia 25 de Abril de 1974, já lá estavam há 5 anos, casados e apenas a 3 meses do nascimento do primeiro filho, tinham “uma vida fácil... tranquila”, garante a Senhora Fonseca. A Revolução passou-

chamavam de “terroristas”, e as tropas portuguesas. Refere, ainda, que chegou a sentir-se discriminado pelas tropas, por ser português. Paula, lembra-se de assistir a lutas clandestinas, entre milícias rivais, depois do recolher obrigatório, estabelecido após a Revolução. Como milhares de outras pessoas, o casal viu-se obrigado a voltar para Portugal e abandonar a vida que tinha construído, durante anos, em África. Paula diz que, durante muito tempo, “apenas se ouvia o martelar de caixotes” das pessoas que foram obrigadas a ir embora à pressa nas pontes aéreas. Este não foi o seu caso: foram embora “calmamente” em janeiro de 1975 e foram viver para casa dos pais da, então, jovem. Quando chegaram a

“Estava em Luanda e disseram-me “houve uma revolução” e eu perguntei “e então?” e disseram-me “pois não sei” e ficámos à espera...”

lhes um pouco “ao lado”, admite que apenas soube no dia seguinte: “estava em Luanda e disseram-me “houve uma revolução” e eu perguntei “e então?” e disseram-me “pois não sei” e ficámos à espera...”. Mário estava “no mar”, em trabalho com os fuzileiros e também soube da notícia apenas no dia 26: “quando se soube ... ficámos todos na expectativa.”. O ex-militar afirma que, nos dias que se seguiram à Revolução, vivia-se um clima “tenso” entre as tropas locais, onde havia muitos membros da UNITA e de várias milícias anticolonialistas, às quais

Portugal, o casal que diz não ser “nada de políticas”, admite não ter reparado em muitas diferenças, quando comparado àquilo que era Portugal aquando da ditadura: “Havia mais liberdade, mas, no fundo, de que é que isso serve?”, questiona Mário, demonstrando alguma hesitação. Ambos concordam que, por terem uma vida confortável, não teriam vindo para Portugal se a Revolução não tivesse acontecido: “Se não tivesse acontecido o 25 de Abril, teríamos lá ficado”, no entanto, hoje, não voltariam a viver em Angola porque “os tempos são outros.”

“UM EMPURRÃO DE ESPERANÇA”

As memórias e a perspectiva de João Lobato

“

Pessoalmente, acho que a Margem Sul vive mais o 25 de Abril do que Lisboa por tudo o que passavam”. Esta é a perspectiva de João Lobato, 59 anos, sobre o dia em que se deu a Revolução dos Cravos, onde apesar de ter apenas dez anos, tem presente algumas memórias do movimento que acompanhou pela televisão e através das janelas de casa. É desta forma que se lembra de “ver a passagem dos carros militares e das pessoas que se manifestavam com euforia pela rua fora”. Recordou também ter ido antes para a escola de manhã, onde acabou por não entrar por estar fechada, voltando para casa, na qual permaneceu durante todo o dia juntamente com os seus pais. Porém, na altura, não teve uma grande percepção

“Com o 25 de Abril veio a paz e a

da importância do dia 25 de Abril de 1974, justamente por ser muito novo, ganhando-a mais tarde, através de conversas e daquilo que ia ouvindo ao longo do tempo “de que havia liberdade e que as pessoas podiam dizer aquilo que pensavam sem correrem o risco de serem perseguidas ou presas pela PIDE”. Riscos esses que João Lobato refere nunca ter passado com os pais, pois viviam uma vida tranquila sem se envolverem em situações que lhes pudessem causar algum tipo de problema. 50 anos depois, já mais velho e com todo o conhecimento que foi adquirindo acerca da Revolução, tem a ideia de o 25 de Abril ser muito mais festejado na Margem Sul do que em Lisboa, pois “era onde as pessoas eram

mais perseguidas, havia mais desemprego e desigualdades, enquanto, em Lisboa, isso passava um pouco despercebido” e então, com a Revolução, “houve um empurrão de esperança de uma vida melhor para essas pessoas”. Refere ainda que se vivesse na Margem Sul, na qual atualmente vive, “talvez tivesse tido uma melhor percepção da importância daquele dia”, pois os seus pais dir-lhe-iam as eventuais dificuldades passadas. Além disto, realça que houve um melhoramento na qualidade de vida da maioria das pessoas da época, mas que, nos dias de hoje, vê “um país difícil para os jovens a nível da habitação e **esperança das pessoas**”

empregabilidade”, destacando que “muitos jovens, se não fossem os pais, estavam em situações muito difíceis”, dando o exemplo do filho de 24 anos que ainda vive em sua casa. Relativamente ao crescimento da força de extrema-direita em Portugal nos dias que decorrem, João Lobato afirma sentir um receio, “porque são partidos que querem voltar aos tempos antes da Revolução”, reforçando a ideia de que foi importante lutar pelos ideais, pois, na sua opinião, “com o 25 de Abril veio a paz e a esperança das pessoas de viverem uma vida melhor”.

DIOGO PAIS



“JÁ NADA VAI SER IGUAL!”

O terror vivido na TIMEX



E stava em casa”, diz Catarina, quando questionada onde estava quando se deu a Revolução do 25 de Abril de 1974.

Muitas pessoas só percebem o que estava a acontecer pela falta de transportes, à porta do local de trabalho ou pelo clima nas ruas. Parecia um dia normal como qualquer outro, apanhava o autocarro na Avenida 23 de Julho, na Cova da Piedade, juntamente com as colegas de trabalho e acabou por se transformar num dia inesquecível para Catarina. Quando chegou ao trabalho, deparou-se com um clima de tristeza e entendeu que: “já nada vai ser igual”.

Ficou “refém” na empresa com os colegas, por membros revolucionários,

que tomaram o controlo da fábrica de relógios – a TIMEX. A fuga só foi possível, após dois dias, com mais seis pessoas por uma vedação. Na perspetiva de Catarina Machado, o 25 de Abril foi sinónimo de reencontro entre famílias, que pelo regime da PIDE tiveram de viver sem família ou sem saber da mesma. Também refere que Almada era uma terra onde o comunismo empeirava, onde se queriam apoderar de tudo e ser “senhores e autores de tudo”. Sentia-se abençoada por trabalhar naquela fábrica, por receber um bom salário para a época, que era

sempre recebido a tempo e horas. No Natal, os filhos dos trabalhadores recebiam presentes, no entanto, depois do 25 de Abril, os funcionários e a empresa não tiveram a mesma sorte. Muitos trabalhadores foram despedidos ou ficaram com os salários em atraso, devido a um conjunto de regras implementadas, chegando a existir violência. Na Revolução, a cidade de Almada reagiu com manifestações e greves. Catarina Machado participou numa manifestação que foi desde a fábrica até Cacilhas, que terminou à porta da Câmara Municipal de Almada, embora não concordasse com os ideais defendidos.

Apesar das dificuldades vividas antes do 25 de Abril, o emprego era con-

Sentia-se abençoada por trabalhar naquela fábrica

seguido facilmente graças às multinacionais, mas com a Revolução, a busca de emprego ficou mais dificultada por causa da presença dos partidos políticos nas fábricas, podendo passar por cima de qualquer um, graças aos “sapatinhos de veludo”. Quando questionada acerca de um possível golpe de estado, Catarina diz que seria mau para todos – reformados, pensões, liberdades e o próprio trabalho. No fim, a entrevistada reforça que a Revolução só foi possível graças aos militares e nunca às forças partidárias que acabaram por tomar “a voz” da revolução.

DO CONVÉS PARA A SOLTURA

RELATO DE UM OPERÁRIO NAVAL SOBRE O NASCER DA DEMOCRACIA

De madrugada, Francisco Tomás, trabalhava na Lisnave, em Cacilhas, num petroleiro, com o seu camarada Adelino Maia, que estava ancorado. Mas por volta das três da manhã teria o seu descanso com a sua “bucha”, mas foi interrompida quando chegou ao refeitório e se encontrava fechado, semeando a desconfiança nos mais de 500 trabalhadores daquele turno. Rumor vai, rumor vem que algo de grave estava a acontecer, desde ameaças de bomba, até movimentações estranhas, o que se confirmou quando uma das fragatas partiu em direção de Lisboa. Quando saiu do seu expediente, foi para a capital

resultaram numa greve pela melhoria das condições laborais, mas sem apoio de quaisquer partidos que se diziam os partidos revolucionários. O operário naval afirma que a volta à democracia trouxe recompensas graças ao movimento cívico criado na altura, como o salário mínimo e as férias remuneradas, já que antigamente era escolha do empregador, se queria pagar ou não as férias de um trabalhador. O problema da habitação, não é apenas um problema da atualidade já que naquela altura não havia habitação suficiente para todos e as rendas eram caras o que acabou por resultar num aumento de invasão de casas devolutas. Democracia, para Francisco, ecoava nas

“Depois foram tempos de sonho...”

onde ficou no Largo do Corpo Santo, onde se erguia a antiga sede do Ministério da Marinha. Lá, uma cena digna de um filme de suspense aguardava-o: militares barricados, armas em punho, apontadas na direção do próprio ramo militar. A tensão crescia, escalando até uma troca de tiros, que acabou por ferir um dos soldados na Rua do Arsenal. O povo da capital estava em busca de informações, já que ninguém sabia o que realmente estava a acontecer, acabando por seguir os passos dos militares. Não se recorda bem o movimento que decorria dentro da Lisnave daquele dia, mas relata que houve movimentações imediatas que

palavras de Sérgio Godinho: “Só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir / Quando pertencer ao povo o que o povo produzir”. Uma definição profunda, uma busca incessante pela verdadeira liberdade. Refere que o seu quotidiano foi muito alterado, participou na fundação de um partido que elegeu um deputado nas primeiras eleições democráticas e participou em diversas manifestações de grande dimensão a nível nacional, como a que ajudou a criar a lei dos cuidadores informais de idosos. Logo após a Revolução, descreve que “depois foram tempos de sonho...”, para a liberdade que hoje respiramos.



A madrugada do dia 25 de Abril foi para Manuel Custódio como a de muitos outros portugueses: a dormir tranquilamente em casa. O alvoroço se fez antes e após essa data para o marinheiro que, na altura, estava expulso de suas tarefas militares (as quais exercia desde 1958) por “atividades subversivas contra a segurança interna e externa do Estado”. Porém, o contacto com os amigos da Marinha se mantinha e já se podia ter uma ideia de que algo estava por vir, “estava mais ou menos informado do que ia acontecer. Não sabia que seria aquilo, mas sabia que a gente estava a trabalhar para que isso acontecesse”. Manuel, hoje com 85 anos, possui muitas memórias sobre a Revolução, a começar pela libertação dos presos em Caxias, o qual fez questão de ver após sair da fábrica onde trabalhava na altura, “foi

depois da saída, às quatro e meia quando saímos fomos para Lisboa, não fui para casa porque fui para Caxias, fizemos a nossa festa.”. A dor de ser um preso político era uma memória recente para Manuel que, de 1970 a 1975 se viu afastado da Marinha, embora sua prisão tenha durado alguns meses, “fui preso, julgado e absolvido. Ficava numa cela fechada o dia inteiro, mas ali não era mau porque tinha os amigos, os camaradas.” Quatro dias após a queda do regime, no dia 29 de abril, Manuel ajudou a escrever o que viria a ser um novo capítulo da Mari-

nha Portuguesa ao ser um dos fundadores do Clube do Sargento da Armada. O espaço de convívio entre os sargentos, que hoje tem a sede em Lisboa e a delegação em Almada, é um símbolo da resistência antifascista que era vislumbrado antes mesmo da Revolução “A gente ia lá fora, fazia relação com os militares daqueles outros países, eles levavam a gente para os clubes deles, já antes da Revolução andávamos a procurar clubes para formarmos o nosso. Então o clube só existe porque existiu o 25 de Abril.” Segundo Manuel, um possível motivo da Marinha ser na altura uma instituição com princípios democráticos é o contacto inevitável com outros

países, “A Marinha sempre teve uma boa relação com a democracia, talvez isso seja devido a gente ir lá fora [ao estrangeiro]”. O marinheiro que demonstra paixão e brilho nos olhos ao contar as viagens mar afora também o

“O viajar e o navegar propriamente dito é bom, andar por aí é bom”

faz ao contar o cotidiano simples do clube que ajudou a fundar. Se, segundo ele, “o viajar e o navegar propriamente dito é bom, andar por aí é bom.”, também conseguimos imaginar que ele encontrou motivos felizes para ancorar. O Clube do Sargento da Armada, que oferece atividades desportivas, um coro polifónico e um espaço cultural, talvez seja para Manuel, muitos outros marinheiros e a comunidade onde está inserido, o vislumbre de um mar livre pronto a ser explorado; mas com certeza é a consequência de um 25 de Abril.

LENICE RUBIO

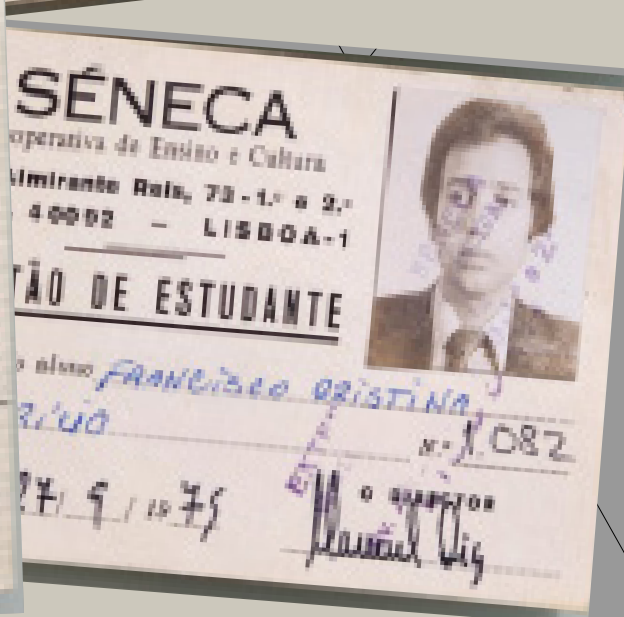
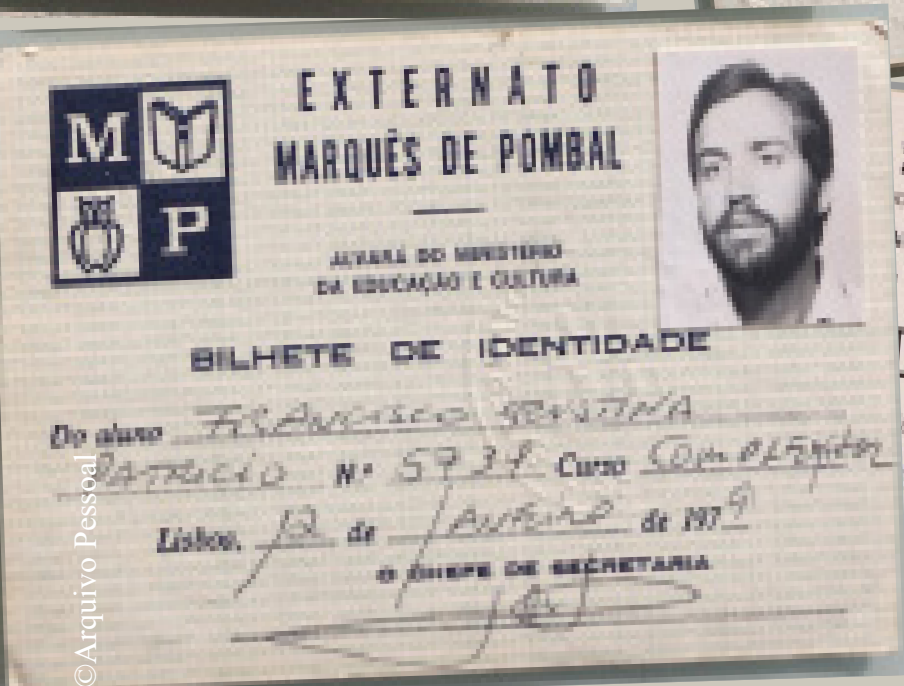
ANCORAR TAMBÉM É NAVEGAR

“A Marinha sempre teve uma boa
relação com a democracia”



“JÁ CÁ ESTOU HÁ IMENSO TEMPO E DEPOIS HÁ TODA UMA LONGA HISTÓRIA”

A perspectiva de quem viveu um pouco de tudo



Foi na rua que fez as suas memórias, descrevendo aquele dia como um momento de “alegria” e “sorrisos”.

Francisco Patrício, de 73 anos, expressa com palavras diretas e os olhos emotivos como o antes e o depois do 25 de Abril mudaram o rumo da sua vida e de toda uma geração de jovens. Quando questionado sobre o que estava a fazer na madrugada do dia, o almadense estaria a dormir na casa dos pais em Lisboa, e só percebeu o que estava a acontecer quando a mãe o acordou. Contrariando as recomendações da mãe que pediu ao jovem de 24 anos para não sair de casa, Patrício revelou-se rebelde ao ir para a cidade ver o que se passava.

o fim do Estado Novo “fez com que as pessoas não se preocupassem mais com o facto de poderem estar a ser ouvidas pela PIDE ou por um bufo à espreita”, e completa que os jovens se sentiram livres após a data, começando a ter o hábito de frequentar bares e discotecas, algo que não fazia parte da mentalidade dos portugueses. Enfatizou também a questão partidária, em que partidos como o PCP, que viviam na clandestinidade por décadas, puderam existir sem medo. Patrício complementou as suas palavras com tesouros documentais sobre a data e o que se sucedeu antes, incluindo bilhetes de identidade e papéis de marinheiro oficial. Apesar de ter experienciado um salto

“Não dá para vocês imaginarem o que era este país antes do 25 de Abril”

O passado do professor foi desafiador, começando a trabalhar aos 13 anos após concluir a quarta classe. Trabalhou como operário têxtil e posteriormente serviu na Marinha de Guerra, incluindo dois anos na Guerra Colonial em Moçambique. Após regressar a Portugal, a sua alma e coração português juntou-se à Marinha Mercante, vivenciando a vida em Boston e Nova Iorque, antes de regressar a casa seis dias antes do 25 de Abril. Passados vários meses da Revolução, Francisco trabalhou nas instalações da antiga PIDE, através da Interpol, e depois na Polícia Judiciária. Como professor, afirma que

social e financeiro, resultado de ter-se casado com a sua professora de História, uma mulher pertencente a uma família de classe média alta, antes da Revolução, foi graças a ela que Francisco Patrício pode continuar a estudar e a construir o seu percurso académico, licenciando-se em Filosofia aos 40 anos e exercendo como professor desde então. Destacou a liberdade trazida pelo Movimento, concluindo sobre a dificuldade de viver num país censurado e sem espaço para sonhar, direcionando-se para os jovens de hoje com: “Não dá para vocês imaginarem o que era este país antes do 25 de Abril.”

“FOI O MOMENTO MAIS LINDO DA MINHA VIDA”

“Possivelmente posso me emocionar porque há situações que a gente revê e que recorda”, é assim que Adriano Encarnação, 74 anos, começa a conversa. As memórias deste período evocaram lágrimas e brilho nos olhos do militante que na altura do 25 de Abril desenvolvia a sua atividade política na Baixa da Banheira, no Barreiro. O Ginásio Atlético Clube possui uma forte relação com Adriano e outras centenas de jovens que lutavam pela liberdade. Até hoje o espaço é um local de encontro para os que viveram a data em primeira pessoa, “o 25 de Abril deverá ficar sempre na memória dos portugueses. E nós fazemos por isso. Vamos à procura de transmitir os valores que se conseguiram”. A emoção do militante surge principalmente ao lembrar das privações que a família passou durante o regime de Salazar. Filho de um preso político, viu a sua mãe passar dificuldades, “ela caminhava por 15km até a casa da minha avó para se alimentar” e, mais tarde, aos 20 anos, precisou de se exilar na Bélgica, pois vivia na clandestinidade do Partido Comunista Português, “eu não gosto de falar disso. Portanto, a Comissão de Socorro aos Presos Políticos deu-me dinheiro e eu fugi para o estrangeiro [lágrimas escorrem] a nossa vida era esta, o 25 de Abril foi uma coisa espetacular porque permitiu esta liberdade de expressão”. A luta de Encarnação, que até hoje faz parte da União de Resistentes Antifascistas Portugueses, sempre foi a favor da igualdade e

Um comunista e a sua bandeira

melhores condições de vida ao povo “desde cedo, meu pai passou a instruir valores humanos, valores sociais que não tinham nada a ver com os valores da ditadura”. Nas memórias mais bonitas da Revolução, o militante lembra-se do desfile atémelhores condições de vida ao povo “desde cedo, meu pai passou a instruir valores humanos, valores sociais que não tinham nada a ver com os valores da ditadura”. Nas memórias mais bonitas da Revolução, o militante lembra-se do desfile até Alhos Vedros que fez com uma bandeira confeccionada pela mãe e o momento em que subiu ao palco e pôde dizer sem receios que era do Partido Comunista Português, “fomos a uma loja, comprámos o cetim vermelho e amarelo, fizemos uma foice e um martelo e desfilámos. Isto à parte do nascimento dos meus filhos, foi o momento mais lindo da minha vida porque representou a vida aprisionada da minha família e a minha e depois o momento que obtemos esta liberdade”. Adriano relembra que os encontros dos jovens do Movimento Democrático aconteciam “disfarçados de piquenique” e, caso a polícia aparecesse, a desculpa era que se estava a comemorar o São Martinho, a comer castanhas e a beber água ao pé “juntavam pessoas sem partido, antifascistas, socialistas. Naquela altura era preciso estarem todos unidos com um objetivo”. Os ideais eram propagados e discutidos nessas reuniões, o que foi de suma importância para a fortificação do movimento, “a gente ganhava consciência e dizia assim, nós vamos para Angola e Nova Guiné lutar pela pátria? Nós somos um país invasor, estamos num país que não é nosso. Portanto eles é que são os libertadores do país”.

LENICE RUBIO



Na comemoração do 25 de Abril, exploramos corredores do tempo para desenterrar memórias que deram forma à liberdade em Portugal. António Sousa Pereira, 71 anos e Lurdes Sales, 66 anos, duas testemunhas vivas desse acontecimento histórico, contam os detalhes íntimos de um dia que ecoa na consciência coletiva portuguesa. Ambos recordam o feito político, e também as histórias humanas que definiram o caminho para uma nova era, oferecendo um olhar profundo sobre a transformação de uma nação, e as estórias que antecederam à tão esperada liberdade. Sousa Pereira, no dia 25 de Abril,

e reveladora, Lurdes, uma estudante de 15 anos na altura, partilha a sua narrativa às sombras da ignorância política. Naquela época, Sales reconhece, com sinceridade, que a consciência política não tecia os fios do seu entendimento e, que foi somente após o 25 de Abril que as cortinas da sua perceção se abriram para o que tinha ocorrido no país durante os dias de repressão. “Senti mudanças no Magistério” e, afirma com convicção que este era o lugar “onde dava para perceber o que é que antes não tínhamos e passámos a ter na educação, que na altura, era muito direcionada para o regime”. António Sousa Pereira, jornalista e diretor do Jornal Rostos Online, debruçou-se sobre

**“A melhor forma de viver o 25 de Abril
é acordar pela manhã e dizer:
Bom dia!”**

“estava na tropa” e, portanto, recorda-se de ter assistido à “queda do regime com as armas na mão”, no Terreiro do Paço, onde viu pessoas com “a rádio na mão a ouvir músicas”, e foi nesse momento, que se apercebeu que estava a existir uma Revolução. Num contexto paralelo, ao longo dos anos de repressão, o jornalista desenvolveu uma perspetiva sobre a censura. Enquanto o país sofria sob o peso da Guerra Colonial, este traçava rotas de descontentamento no seu íntimo, afirmando que “já discordava da Guerra Colonial”, mas que “sonhava com o 25 de Abril”, para assim o seu país começar a sentir o que era “viver a liberdade, o que é a força da liberdade e o que é amar a liberdade”. Numa jornada íntima

as páginas brancas e escreveu a sua vivência através da criação de uma obra literária, um livro de poesia que se torna um testemunho vivo da efervescência revolucionária, intitulado “O sonho chamado liberdade”. Este foi “um legado para os meus filhos do que era o sentimento que eu tinha sobre o 25 de Abril, e então procuro transmitir aquilo que eu acho que é o 25 de Abril” [sorridente], afirma que “é o sabor da palavra liberdade”. A Revolução dos Cravos não é apenas uma página nos livros de história: é um legado vivo, e um convite para que as gerações futuras se conectem com as raízes da liberdade. Sousa Pereira sublinha que “a melhor forma de viver o 25 de Abril é acordar pela manhã e dizer: Bom dia!” [risos].

JOANA MENDES

“O SONHO CHAMADO LIBERDADE”

DUAS TESTEMUNHAS DO DESPERTAR DEMOCRÁTICO



“Somos filhos da **democracia**”

O 25 de Abril, aos olhos de quem não o viveu



Em 1974 há quem tenha despertado ao som da liberdade, outros, vivenciaram a ditadura até ao dia da grande Revolução. Samuel Mendes de 50 anos, nasceu em 1974, o ano em que a música de Zeca Afonso, movimentou as tropas portuguesas, em prol da liberdade. Embora tenha nascido no ano em que a democracia se instaurou no país, refere não ter memórias vivenciadas por si, ainda que recorde, as estórias que lhe foram transmitidas pelos familiares. Com nostalgia, revive a maneira intensa com que os mais idosos, expressavam o que tinham vivenciado no 25 de Abril. Impressionava-lhe, particularmente “a maneira como contavam a estória como se tivesse sido ontem”. No início da sua educação, assegura que a formação escolar, teve um papel fundamental para a aquisição de conhecimento sobre o Portugal de Salazar, bem como para o seu entendimento sobre a Revolução que mudou a vida dos portugueses. Reflexivo, afirma que, naquela época, os seus professores, mencionavam a forma como “Portugal melhorou na educação e na saúde”, não esquecendo a apresentação das antigas colónias portuguesas e a forma como estas tinham sido afetadas, pelas Guerras Coloniais e a ocupação de Portugal. Afirma ter compreendido, ainda na sua juventude, que “a liberdade tinha um papel fundamental

“A liberdade tinha um papel fundamental na nossa sociedade”

na nossa sociedade”, algo que não existia no tempo da ditadura, acrescentando não existir “a preciosa liberdade”. Sendo operador de câmara há cerca de 30 anos, Mendes menciona ter presenciado alguns eventos relacionados com o 25 de Abril, como é exemplo, as comemorações do festejo desta data, na emblemática Avenida da Liberdade, em Lisboa, que contavam com milhares de pessoas. Além disso, registou algumas sessões solenes do 25 de Abril, realizadas na Assembleia da República, que ainda hoje se concretizam de forma a celebrar a “nossa liberdade”. Colaborou ainda na criação de um filme sobre esta data emblemática, apelidado “A hora da Liberdade”, alusiva ao 25º aniversário deste marco. Pensativo, sublinha o privilégio em colaborar nas gravações de todos estes eventos, “foram sem dúvida, um aprendizado, a nível pessoal e profissional, enquanto operador de câmara”. Enfatizando a temporalidade do seu nascimento, o barreirense, sublinha diversas vezes, ter consciência histórica deste feito. Com 50 anos de vida, Samuel Mendes, na impossibilidade de experienciar a data da liberdade, afirma ter procurado, junto dos seus familiares, aproximar-se daquele dia, que tantos mencionavam. Ao nascer em 1974, o ano em que o cravo se tornou símbolo da liberdade, proclama com convicção que “somos filhos da democracia”.



“SÓ QUANDO LÁ CHEGUEI É QUE SOUBE”
O DIA QUE MUDOU A VIDA DE EDUARDO

“Fui para o trabalho sem saber bem o que estava a acontecer”, é assim que Eduardo Pires, 76 anos, começa por contar como entrou em contacto com a Revolução de Abril. Veio de uma família com origem no campo, cujo pai passava muito tempo fora, pois foi para o exército e construção civil, fazendo com que tenha sido apenas a sua mãe a educá-lo. Assim, Eduardo não ligava muito aos estudos, passando mais tempo a brincar, tirando más notas. Mais tarde, foi para a Baixa da Banheira, onde começou a estudar no liceu, mas, devido à crise na construção civil que afetava o seu pai, voltou para a aldeia onde vivia antes. “Aí, a minha vida dá uma grande volta”, dedicando-se mais à escola, sendo o melhor aluno da turma. Já mais velho, Eduardo sofre uma intensa politização, começando a ter acesso clandestino à literatura da área Marxista e cria, juntamente com outras pessoas, um centro de oposição democrática. Em 1973, é preso pela PIDE e quando sai, recebe uma proposta para ir trabalhar para a Lisnave como monitor nas escolas, sendo nessa altura que vai vivenciar a Revolução. “Acordei eram seis da manhã, despedi-me da minha mulher e da minha irmã e fui para o trabalho sem saber bem o que estava a acontecer. Só quando lá cheguei é que soube realmente o que se passava, atra-

vés de uns colegas meus que já tinham estado no exército”. Posto isto, Eduardo rumou até ao Quartel do Carmo onde escutou o discurso do diretor do jornal “A Capital” e assistiu à rendição de Marcelo Caetano, “foi incrível, as ruas estavam cheias de gente, até nas árvores”. Após a Revolução, as coisas aceleram-se muito, porque “nunca se aprendeu tanto em tão pouco tempo” e, mais uma vez, a sua vida muda drasticamente, pois é eleito para a comissão de trabalhadores da Lisnave e vai participar na fundação da União Democrática Popular (UDP) onde teve grandes responsabilidades. Questionado sobre

“Nunca se aprendeu tanto em tão pouco tempo”

como vê o país 50 anos depois, Eduardo Pires diz que “nada tem a ver com o país onde a gente vivia. Só o facto de estarmos aqui a falar sobre isso sem ninguém à escuta diz muito” [risos]. Salientou ainda a evolução tecnológica que houve no país, permitindo o seu desenvolvimento, no entanto, refere que “as classes trabalhadoras continuam muito desfavorecidas apesar de terem mais reivindicações, sendo dominadas pelo aparelho que as classes mais dominantes possuem e controlam.” Mesmo assim, o 25 de Abril de 1974 é descrito por Eduardo como sendo o momento na história do país que reuniu mais gente em prol de uma vida melhor.

DIOGO PAIS

Memórias cravadas

A jornada de dois corações pelo despertar português



Filomena Cristina Quintas, de 76 anos, relembra os dias de opressão que antecederam à Revolução dos Cravos. Os seus olhos, outrora testemunhas de um Portugal silenciado, agora iluminam-se ao recordar a sensação de liberdade que se instalou no país naquele dia inesquecível. Ao seu lado, Pedro Pires Mira, de 79 anos, cujas rugas contam a saga de um país em transformação, recorda os tempos em que as correntes da ditadura oprimiram a sociedade, mas não foram capazes de quebrar o espírito resiliente do povo português. Sentados numa sala repleta de antiguidades que testemunharam décadas de mudanças, estes dois idosos partilham, melhor acabava por se desvanecer. O impacto do 25 de Abril trouxe um misto de emoções a grande parte da população e, este casal não foi exceção. Enquanto Filomena se apercebia da Revolução que se despoletava pelo país, encontrava-se também numa situação crítica que exigia a sua ida imediata ao hospital para ir buscar o seu filho, “era isso ou ficava sem ver o meu filho durante meses” [emociona-se]. Em contraste com a realidade de Quintas, Pedro, recém-atualizado sobre os acontecimentos que definiam o rumo do país, decidiu juntar-se aos demais portugueses que comemoravam a queda da ditadura, “Eu andei toda a tarde agarrado aos carros de combate, a festejar o

“O 25 de Abril foi o dia mais feliz da minha vida”

com olhos brilhantes e vozes cheias de emoção, as suas recordações do dia que ficou gravado na memória de um país: o 25 de Abril de 1974. Durante a vida de Pires e Cristina, o sentimento de medo e angústia, sempre foi uma constante. O casal, afirma que sentiam medo, “medo da PIDE, porque todos os dias de manhã passeavam aquele grupo enorme de 50 ou mais homens pela cidade”. O conforto era inexistente, quer estivessem em casa ou na rua, os “bufos”, infiltrados no meio das praças, ouviam as suas conversas e “iam logo contar a quem tinha poder”, o receio instalava-se em toda a população e, a vontade de lutar por algo

25 de Abril”, relata Mira com um sorriso no rosto. No coração de Abril, pulsam memórias de uma nação que, unida, desfez barreiras e ergueu cravos. Onde reafirmamos o nosso compromisso em preservar a chamada liberdade, honrando aqueles que, com coragem e determinação, abriram caminho para um Portugal mais justo e livre. Pedro e Filomena, testemunhos deste acontecimento, proclamam com alegria e sem sombra de dúvidas que “O 25 de Abril foi o dia mais feliz da minha vida”, o sentimento de liberdade, de conquista de direitos, e a crença de que, após a Revolução dos Cravos, “havia esperança” de uma vida melhor para todos.



UM DIA INESQUECÍVEL

O SARGENTO QUE MARCHOU PELA LIBERDADE

No concelho do Barreiro, a história ganha vida através dos olhos serenos de Francisco Egas Soares, 88 anos, o Sargento Mor mais velho do país. Ainda que não exerça funções militares, permanece ligado à sua base, onde mantém contacto com alguns dos seus antigos colegas. Francisco é uma ponte viva entre o passado e o presente, uma testemunha da Revolução dos Cravos que partilha memórias vibrantes e emoções que ainda ecoam no seu coração: “os dias antes do 25 de Abril foram como um vulcão prestes a entrar em erupção!”, relembra. Com detalhes vívidos, descreve o ambiente tenso e a esperança fervente, que permeavam o ar naquele período. Como um

jovem sargento na época, sentiu a energia de mudança e liberdade, e ao ser questionado sobre o dia histórico, Francisco não esconde a emoção: “foi uma explosão de alegria e alívio. Ver o povo nas ruas, cravos vermelhos no punho, a celebrar a conquista da liberdade... foi indescritível”, afirma, enquanto um brilho nostálgico ilumina os seus olhos. A sua participação na Revolução dos Cravos não foi apenas como observador, Francisco estava na base militar, pronto para seguir as ordens que o levariam para as ruas, lado a lado com os manifestantes, na procura por uma nação livre: “nós éramos parte de algo maior, algo que transcendeu os nossos papéis militares. Éramos o povo de Portugal, a clamar pela

“Nós sabíamos que estávamos a dar um passo corajoso, a liberdade não é dada, é conquistada”

dignidade e pela democracia”, acrescenta com firmeza. Soares recorda vividamente o momento em que as notícias da revolta se espalharam pela base militar, o entusiasmo e a esperança eram palpáveis, mas também havia apreensão quanto ao desfecho da Revolução: “nós sabíamos que estávamos a dar um passo corajoso, mas necessário. A liberdade não é dada, é conquistada”, destaca com determinação. Como parte integrante desse movimento histórico, lembra-se de ter marchado pelas ruas ao lado de civis, colegas de farda e pessoas de todas as idades, “foi um momento de união, onde as diferenças foram deixadas de lado para

um objetivo comum, que era a liberdade”. Apesar de se terem passado décadas desde o momento crucial na história de Portugal, Francisco Egas Soares permanece uma figura respeitada e admirada na comunidade do Barreiro. A sua dedicação à causa da liberdade e a sua participação ativa na Revolução dos Cravos continuam a inspirar as gerações mais jovens, lembrando a importância de lutar pelos valores fundamentais da democracia e da dignidade humana, “o meu neto faz-me contar esta história milhares de vezes aos amigos, e eles ficam todos admirados, e eu aproveito para influenciá-los para que lutem por um futuro melhor”.

JÉSSICA DIAS



“NÓS VIVÍAMOS NA ESCURIDÃO”

DUAS VIDAS SOB O MANTO DA DITADURA



Numa época marcada por mudanças profundas e revoluções, abrimos as portas do tempo para as narrativas pessoais de José Orta, 82 anos, e Teresa Orta, 80 anos, duas testemunhas atentas de um período de efervescência social e política que alterou os rumos de Portugal. José Orta, ao longo de toda a vida, dedicou-se de forma integral ao serviço militar, comprometendo-se de maneira plena e dedicada às responsabilidades inerentes a essa carreira. “Estava no quartel, em Queluz, e assim que soube que havia um golpe, os quartéis entraram em prevenção, ou seja, toda a gente tinha de ficar dentro do quartel e ninguém podia sair,

poderíamos ter de atuar”, recordando a experiência como militar, torna-se notório que,

mesmo diante das adversidades, surgiam sinais que indicavam a proximidade de uma revolução. “Nós já sabíamos que mais dia, menos dia, ia acontecer uma revolução, porque já havia sinais, já ouvíamos canções que permitiram-nos perceber isto”. Entre cravos vermelhos e o eco da melodia da liberdade, o 25 de Abril emergiu como um símbolo de resistência e renovação, sendo palco de inúmeras experiências vividas por Teresa, “eu estava no Largo do Carmo quando se deu a Revolução, vi tudo com os meus olhos [pausa] estava em cima dos acontecimentos todos”. Durante os anos de

ditadura, a vida deste casal foi marcada por dificuldades e adversidades, “nós que vivemos numa repressão, com miséria de fome, maus-tratos, estávamos, sem dúvida, ansiosos para tudo isto [emociona-se]”. Entre as sombras da Revolução dos Cravos, “nós nunca sabíamos quem eram os bufos, até podia ser alguém da nossa família”, relata o ex-militar, afirmando que “dei boleia a um indivíduo, estávamos a falar mal da PIDE, e mais tarde, com o meu espanto ele era um dos chefes da PIDE, eu não sabia quem ele era”, relata com um ar pensativo. Aos olhos do casal, a vivência nos tempos da ditadura foi marcada por um conjunto de desafios, “as pessoas chegavam-se à nossa porta,

não diziam nada e choravam, esta era a realidade de viver em ditadura”, mas ao lembrar “a passagem

“Nós que vivemos numa repressão, com miséria de fome, maus-tratos, estávamos, sem dúvida, ansiosos para tudo isto”

da ditadura para a democracia, foi como a noite para o dia de repente, nós vivíamos na escuridão”, afirmando que “era terrível viver uma coisa assim [deixa escapar uma lágrima]”. As experiências durante a ditadura foram marcadas por sofrimento constante, mas ainda assim, com o desenrolar da Revolução dos Cravos, Orta afirma que, “no 25 de Abril houve a libertação total [pausa] foi o melhor dia da minha vida [sorri]”. Assim, a história do casal não se encerra aqui, torna-se um testemunho atemporal sobre a importância de preservar a memória coletiva e de aspirar a um futuro melhor para todos.

AMORDAÇADA, DESEJADA, MADRUGADA

Um país inteiro acordou estremunhado, despenteado, desconcertado! A muitos não entraram as senhas que a rádio colocou em antena. A estranheza das músicas proibidas, dirigida aos operacionais sabedores, tinha a marca da madrugada, esse lugar onde o sono repousa na sua fase mais profunda. Mas, para um punhado de homens, as horas destinadas ao sossego e tranquilidade, foram enxertadas de uma adrenalina infinita, pujante, irreversível. Do pesadelo mais agitado, perpetuado por décadas de isolamento e sofrimento, estava



por horas um despertar claro e luminoso. Há esse telegrama de cunho familiar – “Tia Aurora segue Estados Unidos da América. 25, 0300, um abraço primo António”- e quem diria que por entre as singelas palavras de uma mensagem dirigida a um parente se encontravam as linhas de um país que fazia subir

as cancelas da vida estagnada, adormecida, amordaçada. Tragam as ondas da rádio, tragam os discos de vinil, tragam a onda média, a frequência modulada e deixem as pautas da música abrir as portas que o mês de Abril há-de abrir. A cada música interdita, ouvidos atentos darão resposta assertiva, a cada nota

contida em “Grândola”, se dará eco sobre quem mais ordena, afirmando tanta vontade reprimida. E a cada nota contida em “E depois do adeus”, lá dentro, uma explosão de vontade, um querer contido, tanta coisa mal arrumada e porcamente consentida. E tanta coisa não dita, e tanta coisa não

escrita, e tanto que havia por dizer e por escrever e que os lápis da cinza história maldosamente apagaram, silenciaram, ocultaram. Mas dessa fase, sombria e triste, censurada e desbotada prestes estava a surgir a manhã clara. Sophia, sempre o soubeste, esta “é a madrugada que eu esperava”. Eu e milhões

de tantos “eus”, aqui, no rectângulo de pedra angulosa, tantos na desgraça ultramarina, que imensidão de pés fugidos na clandestina fronteira, e tantas outras almas orando por um futuro condigno, por uma vida com amanhã, por um olhar de brilho e esperança. “O dia inicial inteiro e limpo”, foi a a visão poética para assinalar o corte com a “noite e o silêncio”. E tantos dias foram passados a pensar nesse porvir, nesse mal que não pode para sempre durar e nesse bem que um dia se há-de concretizar. E tantas coisas podem os homens chamar-lhe: sonho, quimera, romantismo. As palavras são isso mesmo, são palavras que contêm coisas, vivências e o que está para vir. De tudo o que chegou, nem leite nem fel, nem vinagre, nem mel. É da mistura dos temperos que se faz a história de um povo, agridoce, lusco-fusco, vislumbre de um homem novo. Sedento de tudo o que não conhecia, há gente que amanhece, há um país que amanhece. Na verdade, tanto tempo passado de falsos amanheceres, da terra às estrelas, tudo amanhece e rejuvenesce e em cada canto há um olhar livre, há lábios

sem ferrolhos e tanto que o homem pensa, sonha imagina e deseja, há coisas por cumprir. E se me pergunto sobre o Portugal que há-de ser, sobre os portugueses aprisionados, sobre a terra que é preciso lavrar, consigo imaginar todas as réstias de esperança. Tragam-me, aos magotes, tudo o que se encontra preñado de vida por desbrotar. Podem trazer-me, mais ainda, os sabores e cheiros nunca consentidos. Juntem-lhe as mais secretas alquimias da vida, e terei entendido o que aconteceu, não da noite para o dia, mas da fértil madrugada para um país renascido. Desse Portugal, com a mordança feito pretérito, nasce um verbo de presente contínuo. Perfeito presente contínuo? Ora essa, mas existe algo à face da terra que exista nesse tempo verbal? Então, que cada um de nós, faça do passado um ensinamento, do presente uma breve conquista e do futuro um tempo verbal por conjugar. Dessa forma, todos seremos poucos para fazer da rua e do mundo uma imensa praça de “gente madura”. E desta forma quereremos firmemente pensar que “livres habitamos a substância do tempo”.

Grândola

OS LOUCOS ANOS 20

“É UM SOFRIMENTO ENORME”



É

final de tarde de um dia frio de outono, em Grândola. As luzes estão ligadas por toda a vila e quase não se vê ninguém na rua.

Aprígio de Sousa, 79 anos, arrasta a cadeira e senta-se na mesinha da sede do PCP, a preparar-se para o lanche com os seus camaradas. “Quando fui preso, tinha 20 anos”, são as palavras que profere enquanto mexe o seu café. Incentivado pelos “mais velhos” para ser militante do partido, na altura clandestino, foi através de uma rusga da temerosa PIDE “pela altura do 1º de maio” que abandonou a sua juventude. “Havia muita bufaria, trabalhavam connosco e depois denunciavam [suspira]” relembrando a dor de ser traído pelos seus compatriotas. A prisão de Caxias torna-se na sua nova casa. O cheiro a esgoto já não incomoda, as pa-

redes sujas tornam-se acolhedoras, os insetos são a sua companhia. O espírito de camaradagem era evidente, estavam todos juntos numa luta perdida “era contra o governo, era preso”, afirma. A abordagem da polícia estatal era apenas em Lisboa, onde até a maldade ganhava outro estatuto. Sousa é maltratado e torturado. Viveu em isolamento “4 meses, 120 dias”, a sós com os seus pensamentos e as memórias de uma vida tão curta até à data. É com a voz coberta de revolta que relata, “tive 8 dias, 8 noites sem

dormir, era a tortura do sono”. Um silêncio arrepiante irrompe por toda a sede. O corpo já não sente nada, o cérebro “já não trabalha como deve ser”, a consciência desaparece, assim como, o açúcar do seu café “às tantas, a gente acaba por dizer o que não devia”. Após dois anos exaustivos, foi para a tropa e “andou por aí”, até ser chamado para a Guerra Colonial em Moçambique. Saiu de África com 26 anos, encontrando na região Algarvia o local para começar uma nova vida na restauração, com a esperança de que

o mar e o calor desvanecessem o passado. Aprígio, nunca pensou que iria viver os seus “loucos anos 20” afastado de tudo o que lhe era familiar. Navega com o olhar pelos cartazes do PCP, à procura das palavras certas para descrever a sua juventude. Recorda-se da dor e afirma “É um so-

**“Tive 8 dias,
8 noites
sem dormir,
era a
tortura do sono”**

frimento enorme”, enquanto se dirige para um cartaz de Álvaro Cunhal, com o café na mão, quase vazio. “Fui massacrado com 20 anos”, mas após os acontecimentos garante que estes “não afetam, porque depois trabalhei e organizei a minha vida”. Abre os braços, e com um sorriso no rosto afirma, “O 25 de Abril foi uma alegria”. Foi esta a data que o salvou. A ele e ao futuro do país, que com este dia se libertou de uma luta em vão à qual não se via fim “se não fosse esta data, a juventude não tinha salvação”.

“A VILA DA LIBERDADE”

A REVOLUÇÃO NA CIDADE PROTAGONISTA



A pesar de ser apenas um jovem, Luís Antunes, sempre teve consciência que vivia numa ditadura. Ainda menor e antes de integrar uma escola, trabalhou para uma alfaiataria. “Um dia precisei de ir a uma das sedes da PIDE para entregar uns fatos e uma vizinha viu-me a entrar lá para dentro [pausa] comentou tanto que chegou à minha mãe e ela ficou a pensar que me estavam a torturar”, esta situação criou um mau estar dentro da família, quando Luís chegou a casa, estavam todos a chorar por ele. A partir do momento em que ingressou no ensino primário, “as coisas acalmaram”, deixou de trabalhar na alfaiataria e não conviveu, em mais nenhuma altura, com a polícia política ou qualquer outro tipo de milícia, até ao dia 25 de Abril de 1974. Antunes recorda-o como um dia “atípico”, no entanto, admite: “Não me apercebi de revolução nenhuma até às 11h da manhã ... aquilo foi tudo em Lisboa”. As aulas tinham sido canceladas, “na altura, tinha 17 anos, só fiquei feliz por ter um dia de folga, nem questioneei o porquê...”, esse era apenas o início do dia que viria a mudar a sua vida

uma revolução e que Grândola, a pequena vila onde vivia, era protagonista da mesma. “Fui logo para a rua, só queria festejar”, dirigiu-se à praça central da vila e, de longe, já conseguia ouvir as pessoas a entoar a música de Zeca Afonso. Não conhecia a música mas rapidamente passou a conhecê-la. “As pessoas estavam loucas”, afirma Luís, no meio de gargalhadas. Garante, que isto se deveu aos 48 anos de repressão e censura que toda a população viveu: “As pessoas não sabiam lidar com tanta liberdade”. Admite, ainda, que pode ter-se excedido em algumas situações, visto que, durante vários dias, “estava constantemente fora de casa” em celebrações com os amigos. “Foi uma lufada de ar fresco para nós jovens... ganhou-se um clima de que todos os nossos sonhos eram possíveis de concretizar”. Luís tem, dentro de si, um grande sentimento de “admiração” em relação a quem iniciou as conspirações e tornou possível a Revolução: “Considero-os os meus heróis... eles salvaram a minha vida”. A partir daí, viveu calmamente na vila em que nasceu e cresceu “nunca precisei de sair daqui, somos a vila da liberdade e eu sempre

“Considero-os os meus heróis... eles salvaram a minha vida”

e a de tantos outros. Luís conta que estava na mercearia, a pedido da sua mãe, quando começou a aperceber-se dos burburinhos, sentiu um “clima de tensão e expectativa” à sua volta mas não deu grande importância e voltou para casa para pousar as compras. Foi aí que lhe contaram o que se estava a passar,

adorei isso” afirma o ex-professor de História. Antunes descreve o 25 de Abril utilizando apenas uma palavra: “Liberdade”, considera-a “demasiado básica”, no entanto, afirma que não conseguiria caracterizar o acontecimento com qualquer outra palavra porque “esta é a única que me faz qualquer sentido”.

A gaveta das memórias abriu-se, os livros que envolvem o espaço das recordações não registaram a estória de quem conheceu o 25 de Abril, através das pessoas da cidade que a viu crescer. Marta Jesus, 22 anos, não conheceu o momento que libertou os portugueses da ditadura, mas foram os relatos que a ajudaram a construí-lo. Recorda ter sido no ensino básico que ouviu atentamente António Figueira Mendes, Presidente da Câmara de Grândola, que teria sido “preso várias vezes pela PIDE” porque falava sobre o regime. As memórias de criança não esqueceram até hoje as perguntas que a circundavam, e embora já conhecesse parte da história do regime, diz ter sido as palavras do presidente que a ajudaram a “perceber o quão grave tinha sido aquela altura” e a levaram a questionar o que teria acontecido re-

almente. Pensativa recorda as conversas com a avó que pintou o Estado Novo como “uma altura nada boa”, foram tempos muito difíceis e as dificuldades económicas eram extremas, a fome não a tinham, mas “uma sardinha dava para seis irmãos”, expressa comovida. Marta relembra que embora a Revolução se tivesse dado, “as coisas não mudaram de um dia para o outro” e a sua avó continuava com dificuldades, mas a pequenez da vila e a entreatjada da população, que embora esti-

vessem a passar por situações similares, ajudaram-na a superar algumas dificuldades. A jovem estudante jamais esquecerá a maneira como lhe eram contadas as estórias de Abril, em particular a postura e o olhar da avó, sublinhando que “se via tristeza no seu olhar, mas também agradecimento por ter superado as dificuldades”, algo que a marcou profundamente. Hoje releva ter sido “a liberdade de expressão o que mais me marcou da história do 25 de Abril”, a possibilidade de falar de qualquer assunto independente do tema, algo que a sua mãe recorda não poder fazer na altura, levando-a a afirmar que “o 25 de Abril

lhe trouxe a liberdade”. Invocando as imposições do regime autoritário, refere que atualmente conhecendo a sua realidade “seria difícil viver em ditadura, possivelmente a nossa tecnologia ser-nos-ia retirada”. Reflexiva recorda os

“As coisas não mudaram de um dia para o outro”

países que em pleno Século XXI vivem sem “a liberdade que temos em Portugal”, sublinhando que as pessoas não conhecem outras realidades, à semelhança do que aconteceu com o Portugal de Salazar. A grandolense diz que “a vila não mudou muito” desde Abril de 1974, e que as suas ruas e murais “contém muita estória”, mas as pessoas, essas sim, tem muito para nos dizer e contar, especialmente “a geração mais idosa que são muito patriotas e orgulhosas da nossa história”.

RUI MORAIS

ESTÓRIAS COM VIDA

Melodias passadas de uma nação





CANTOS DE RESISTÊNCIA

“A PRIMEIRA CANÇÃO, FOI MANUSCRITA NUM GUARDANAPO”

Conviver com Zeca Afonso era estar com uma pessoa “fora da malha”, como refere o seu amigo José Ramos, natural de Grândola. Foi em 1972, no Círculo cultural de Setúbal, que Ramos conheceu aquele que se tornaria num dos mais ilustres cantores portugueses, “o laço que criei com o Zeca é desde aí”. Estava acompanhado pela futura esposa, Zélia, “uma mulher determinada e premissa”, que desempenhou um papel crucial tanto na vida como na carreira do artista que, mesmo após a separação do músico, permaneceu a seu lado na doença que acabou por lhe retirar a vida, “Zélia foi o braço direito dele”. A música pode tam-

bém ser considerada como a fiel acompanhante de Zeca. Foi com a “Canção de Coimbra” a penetrar-lhe a voz, que começou a explorar a riqueza da música, era Zeca ainda um estudante da Universidade com o mesmo nome, apenas no início de uma jornada que transcenderia fronteiras. Foi numa viagem de comboio a solo que, em 1964, José Afonso faz amizade com Grândola que, na época, “não era conhecida”. Tinha sido convidado para atuar num Festival de Musical, quando chega é encontrado “a falar consigo mesmo”, por não saber para onde se deslocar, acompanhado pelo instrumento de trabalho, “andava sempre com um gravador” relata o amigo, com um sorriso no rosto. A pri-



“Grândola imortalizou-se por causa da canção do Zeca”

meira canção escrita pelo artista, “manuscrita num guardanapo” é uma carta de agradecimento à direção desse evento, mas é na mudança para Paris e com a ideia de criar um disco, que concebe a emblemática “Grândola, Vila Morena”, marcada por uma visão de fazer música com propósito, “a canção nasce disso”. No acaso a canção ganha imortalidade, “quando um homem na rádio a escolheu para acompanhar o comunicado de uma revolução iminente”. É na simbiose entre o canto alentejano e o batuque dos pés numa marcha que ressoaria para sempre, que a pequena vila se torna num símbolo de resistência, “Grândola imortalizou-

-se por causa da canção do Zeca”, conta Ramos com emoção. Na altura, defendia-se “a canção do triste e não a provocação” e foi a coragem de Zeca Afonso, marcada pela sua “utopia de pensamento”, que tornou esta música num ícone da resistência em Portugal. Zeca, “estava sempre no lugar certo e no momento certo, manteve as suas convicções até o fim, sem ser influenciado por alguém”, frisou com um olhar convicto. Nos últimos anos do artista, José Ramos conta com emoção, “nunca deixei de o apoiar, ninguém olhou para ele, nem o próprio Estado” revelando, assim, a amizade e o carinho que mantinha pelo amigo.

ENTRELAÇADOS PELO DESTINO

“O 25 DE ABRIL LEVOU-ME O AMOR
DA MINHA VIDA”



O 25 de Abril de 1974 não foi apenas uma página virada na história, mas sim um turbilhão de emoções que moldou destinos de forma complexa. Maria da Conceição, 75 anos, uma mulher cuja vida foi gravada pelos eventos revolucionários em Grândola, mergulha nas profundezas das suas vivências. O esposo, José Martins, pagou o preço máximo, deixando uma ferida que oscila entre a mágoa pela perda e a gratidão pela transformação que a Revolução trouxe. Um militar comprometido com o regime, era uma presença constante na sua vida, mas a felicidade do casal era frequentemente ofuscada pela guerra, “éramos uma família como as outras, mas a guerra estava sempre presente na nossa

vida”, recorda. No fatídico 25 de Abril, a sua vida alterou-se para sempre. O seu marido, envolvido nos tumultos da Revolução, perdeu a vida. A dor da perda deixou uma marca inesquecível na sua alma, e a mágoa cresceu como se fosse uma sombra, “o 25 de Abril levou-me o amor da minha vida, é uma ferida que não tem cura [emociona-se]”. Mas, em meio à dor e à perda, um raio de esperança surgiu quando, um mês após a morte de José, Maria da Conceição descobriu que estava grávida. A notícia foi como um raio de luz a dispersar a es-

curidão que envolvia a sua vida. A gravidez trouxe consigo não apenas a promessa de uma nova vida, mas também uma força interior que não sabia que possuía. A filha tornou-se uma âncora que a manteve firme nos seus dias mais difíceis, “a minha filha foi a minha razão para continuar”. Ao longo dos anos, tornou-se uma guardiã das memórias, carrega consigo não apenas a saudade, mas também uma mágoa profunda pela forma como o destino se desdobrou naquele dia, “não posso esquecer a dor que esse dia me trouxe, é uma mágoa que ficou em mim como se fosse a minha sombra”. Apesar da tragédia pessoal, reconhece que a Revolução trouxe

consigo mudanças significativas para o país, expressando a sua gratidão pela li-

“A minha filha foi a minha razão para continuar”

berdade conquistada, mesmo que tenha vindo com um preço alto, “perdi muito naquele dia, mas também ganhámos algo valioso, a liberdade”, partilha entre suspiros de saudade e sorrisos tingidos de tristeza. Hoje, enquanto recorda o 25 de Abril com uma mistura de emoções, Maria da Conceição é mais do que uma sobrevivente. A sua história é um eco poderoso de que, mesmo nas maiores adversidades, a vida pode florescer novamente, desafiando as sombras do passado e iluminando o caminho para um futuro cheio de possibilidades.

JÉSSICA DIAS



História de ontem, reflexões de hoje

“O que se passa hoje, com Salazar
não acontecia nem metade”

Era uma vez um português. Era uma vez um grande influente durante grande parte do século XX. Era uma vez um Chefe de Governo. Era uma vez o homem da Pátria. Era uma vez um homem que enalteceu Portugal. Era uma vez um homem de negócios. Era uma vez “alguém que só ao conhecer, se via a sua grandiosidade”. É assim que, Gracinda Oliveira, aos 87 anos, descreve Salazar. Adepta inabalável do regime autoritário, afirma com convicção que as críticas ao líder eram injustas, provenientes de quem nunca compartilhou os privilégios de conviver com o homem que idolatrava. Um dia, ao tentar apanhar o autocarro, viu-se impedida de o fazer devido à

suficiente para começar o árduo trabalho de dona de casa. No entanto, o destino reservou para Gracinda um caminho surpreendente quando ingressou no serviço doméstico de um senhor, amigo íntimo de Salazar. Recorda com nostalgia os dias em que se cruzava com o líder, testemunhando o que quase ninguém viu. Gracinda, a mulher que viu para além da Revolução, agora vê-se entre dois mundos. Uma defensora ardente do passado, testemunha as mudanças que se desenrolam diante dos seus olhos, “o que se passa hoje, com Salazar não acontecia nem metade”, lamenta. Uma história de descobertas e reviravoltas, faz com que Gracinda se relembre das dificuldades enfrentadas, mas também dos valores que

“**Nunca me compreenderam**”

agitação que se sentia. Desconcertada, retornou à sua casa, onde, ao ligar o rádio, foi surpreendida pela notícia de que o 25 de Abril havia começado. O mundo de Gracinda desmoronou-se diante dela, “não era o país perfeito, mas havia ordem. Nós sabíamos o que esperar, e havia um sentimento de segurança, o que não há hoje.” Oliveira, dedicou muitos anos da sua vida a trabalhar nos campos, colhendo a essência da terra que a viu crescer. Uma estória de sacrifício e perseverança começou a desenrolar-se quando, finalmente, atingiu a idade

eram cultivados, “a juventude de hoje, não compreende aquela época, não era perfeito, mas dava estabilidade ao país que não temos agora”. Filha de uma família tradicional, viu-se envolvida num dilema que dividia a sua casa: a discordância política durante o regime de Salazar. Enquanto os seus familiares eram contra o governo autoritário, Gracinda mantinha uma visão distinta, apoiando as políticas em vigor. Essa divergência foi marcada por escolhas difíceis e uma quebra de laços que perdura até aos dias de hoje, “nunca me compreenderam” [silêncio].

UMA MANHÃ QUE DIVIDIU CORAÇÕES

“FOI UM DIA MUITO NUBLADO”



Manuel Rodrigues, residente de Sarilhos Pequenos, concelho da Moita, enfrentou mais sarilhos do que o nome da sua aldeia sugere. Parece que os sarilhos não entenderam o significado de pequenos no seu dicionário. Numa terra que um dia foi unida pelo calor da comunidade, o 25 de Abril trouxe consigo não apenas a promessa da liberdade, mas também uma dicotomia de emoções que ecoa até os dias de hoje. Manuel, um observador melancólico desta transformação, compartilha, aos 79

anos, as reflexões sobre uma terra que sofreu grandes mudanças. “O 25 de Abril foi a coisa mais linda que podia ter acontecido”, mas não ficou por aí. A beleza da liberdade foi ofuscada pela sombra

de oportunistas e pela metamorfose das relações, a harmonia que antigamente prevalecia, desapareceu após a Revolução, pois “deixou de haver amizades e passou a haver inimizades”. As palavras ecoam na memória de Rodrigues, “na minha terra houve muitos excessos”, o que deveria unir, tornou-se a mola propulsora do ódio. Famílias unidas encontravam-se em lados opostos, “usaram o 25 de Abril para se odiarem umas às outras”. Recorda-se, assim, de um

passado onde as linhas divisórias eram nítidas e as relações eram redefinidas pela política. A aldeia da estremadura transformou-se numa arena onde “quem não tinha lugar na sociedade queria tê-lo à força”, constata. No coração dessa desavença, Manuel afirma com mágoa: “infelizmente, o 25 de Abril fez a cabeça a muitas pessoas. Não era isto que eu gostava de ser, nem queria que a minha terra fosse”. Um trabalhador incansável da Lisnave, testemunhou a mudança que varreu Portugal naquele dia inesquecível. O rádio do autocarro anun-

ciava uma revolução que ecoaria por décadas, mas, para Manuel, a euforia inicial rapidamente deu lugar a uma mistura de sentimentos, marcada pela desilusão e gratidão. Ao chegar ao estaleiro, o caos reinava,

“aquilo era uma confusão, toda a gente estava entusiasmada”, recorda, com a voz embargada pela emoção. O 25 de Abril foi, para muitos, a promessa de liberdade, um sopro de ar fresco após anos de autoritarismo sob a liderança de Salazar. No entanto, para Manuel, revelou uma terra que ele jamais reconheceria. Em Sarilhos Pequenos, a Revolução dos Cravos deixou para trás um legado de amizades perdidas e corações partidos, “foi um dia muito nublado”.

**“Usaram o
25 de Abril para se
odiarem umas
às outras”**



A REVOLUÇÃO QUE MUDOU A VIDA DE ARMANDO E MARIANA

“O mundo deixou de ser a preto e branco
e passou a ser a cores”

Eram clandestinos, viviam com nomes falsos e com a Revolução, veio a liberdade. Mariana e Armando Morais passaram grande parte do período pré-revolucionário a serem perseguidos pela polícia política. Mariana passou o dia histórico em casa enquanto o marido, apesar de desaconselhado, “foi se encontrar com um colega, mas o colega nunca chegou a aparecer”. Ambos lembram esta data como sendo um dia que mudou as suas vidas, refletindo que “os jovens hoje em dia não sabem o que é não ter esta liberdade e por isso é que as coisas estão assim”. Os mesmos não podiam andar pelas ruas da baixa porque podiam ser reconhecidos, o que os fez passar grandes

dificuldades. A senhora ainda aproveita para expressar o sentimento perante os anos de ditadura: “chamavam o regime de Estado Novo mas era um regime fascista”. Neste aniversário que marca os 50 anos da Revolução dos Cravos, o casal assume que “agora é completamente diferente, de um dia para o outro mudou muita coisa em todos os aspetos”. “Não se podia falar contra o regime e quando não era a PIDE, havia bufos”, relembra. afirma que, apesar de tudo, a Revolução valeu a pena “com todos os retrocessos, com toda a malfeitoria”, inclusive acredita que “foi pena é não se ter feito mais”. Armando e a esposa recordam, depois, o

ano seguinte à Revolução: “avançou-se tanto, foi sempre a avançar”. Acreditam que hoje em dia já se perdeu muito do que se lutou para conseguir naquela época “este recuo está a ser muito grande, mas mesmo com isto tudo, a diferença para o período fascista, é ainda maior” diz Armando, ao que a esposa completa afirmando: “Só termos a liberdade, é uma mudança muito grande”. Ambos falam da CUF e da centralização das grandes empresas, “quem usava isqueiro tinha de pagar uma taxa à fosforeira, porque era concorrência!”, completando ao apontar as diferenças sociais naquela

época “eram quase só barracas, andava-se descalço, muita pobreza e era um país de faz de conta, escondia-se tudo”

“Só termos a liberdade é uma mudança muito grande”

dizem ao relembrar algumas áreas de Lisboa, Barreiro e Moita. Mariana pensa que a única coisa que podia ter sido diferente na Revolução, foi a maneira como se tratou a economia do país, “havia os 3 “D”: democratizar, descolonizar e desenvolver... a questão económica esteve sempre nas mãos deles, nós [povo] nunca conseguimos agarrar nisso”. Armando completa o pensamento da esposa, “Numa palavra, o que faltou foi a continuação e não a interrupção”. Mariana e Armando Morais não só têm muitas histórias para contar sobre a Revolução, como ainda hoje lutam para defender os ideais com que a mesma foi feita.



**“SE DISSESSES QUE ERAS RETORNADO
CAÍA O CARMO E A TRINDADE”**

**VOLTOU PARA PORTUGAL E
DEIXOU A SUA JUVENTUDE EM LUANDA**

“Nem me apercebi”, conta Rui Castro sobre a Revolução que acontecia em Portugal, enquanto estava em Luanda, em abril de 1974. “Só uns meses depois é que se começou a perceber”, completa. Voltou para Portugal um ano depois e já contava 20, “não havia condições, não havia emprego, havia combates mesmo na cidade, a maior parte das pessoas teve de se vir embora e foi o meu caso”. Conta que a ficha não lhe tinha caído e nem às pessoas à sua volta, até começar a guerra e, por consequência, terem de voltar para Portugal. “As pessoas já tinham medo de sair à rua, havia recolher obrigatório a partir das 4 horas da tarde”. Conta o que se alterou no quotidiano das pessoas à sua volta, da falta de trabalho e cuidados de saúde. Rui acredita que a adaptação a Portugal foi mais fácil porque encontrou outras pessoas na mesma situação “conheci muita gente que veio de Angola, inclusive a mãe do meu mais velho também morava em Luanda, a 200 metros de mim, e não a conheci até vir para cá”. Saiu de Portugal com apenas 10 anos, voltou com 20 e admite que “nem conhecia isto, fui-me ambientando”. Menciona ainda as dificuldades que passou, “se disseses que eras retornado, caía o Carmo e a Trindade”. Ao recordar a guerra colonial, afirma “a independência devia ser dada, mas não da forma como foi” e completa, emocionado

“A independência devia ser dada, mas não da forma como foi”

“eu vi pessoas morrer, que nunca tinha visto na minha vida”. Ao lembrar os últimos 50 anos afirma que “falta um bocadinho de mão dura que nós tínhamos antes do 25 de Abril, mas não aquele exagero que havia” e completa “tenho a certeza que o povo português não estava preparado para a Revolução”. Acredita que o que perdeu, foi a sua juventude “ainda hoje penso nela, a juventude que eu tive lá é inesquecível”. Apesar de ter voltado para Portugal, pois as condições de Angola já não eram as melhores, admite que, antes da guerra, a qualidade de vida era muito melhor que a que alguma vez tiveram em Portugal “estamos a falar em 1960 e tal, aqui era muito pior, lá a qualidade de vida nem se comparava, via-se dinheiro, não é como aqui”. Rui recorda outras coisas das quais tem saudades “a camaradagem, as praias, a comida... o meu filho é comissário, manda-me fotos de lá e está muito bonito, mas não é o mesmo”. Afirma que tem alguma dificuldade para chegar a uma resposta quando pensa se a Revolução valeu a pena “a maioria das pessoas, que foi o meu caso, veio para cá com uma mão a frente e outra a trás, não foi fácil, não havia estabilidade”. Emocionado, conta que “se não houvesse a Revolução, tenho a certeza absoluta que eu, hoje, ainda estava em Angola, nunca tinha saído de lá. Ainda hoje choro por aquilo”.

OPERAÇÃO VIRAGEM HISTÓRICA

“A ESPERANÇA NUMA VIDA MELHOR”



Numa noite fria e escura, faltando cinco minutos para as onze horas da noite do dia 24 de Abril de 1974, entra em funções a operação que daria de novo a Portugal o que há tanto tempo procurava – a Democracia. “E Depois do Adeus” deu o pontapé inicial para a Revolução, onde em Vendas Novas um cabo miliciano, Vítor Pás-saro, 22 anos, fez parte da primeira unidade que entrou em funções visando derrubar o Estado Novo. Às três da manhã saem com destino à sua primeira paragem – O Cristo-Rei, em Almada, sendo acompanhado por 6 obuses, ou seja, canhões e 250 homens distribuídos numa companhia de atiradores e bateria de

artilharia. Contudo, um contra-tempo veio assombrar o batalhão, entre Pegões e Pal-

mela, metade do grupo já tinha ultrapassado uma passagem de nível de comboio, enquanto um comboio de mercadorias “longo, longo, longo... até dizer chega [risos]”, ficou com receio de que o governo já sabia e estaria a sabotar a operação militar, mas passados uns longos minutos todos passaram a linha em direção a Lisboa. Antes de chegar à capital, o Cristo-Rei sentiu o silêncio da população nas ruas, porém foi surpreendido por uma senhora com um saco “com uns 200 papos secos, talvez por já ter ouvido o comunicado do MFA na rádio ou

qualquer coisa do género”. O antigo militar recorda-se de um episódio que o pôs realmente à prova, estava no topo do Cristo-Rei, tendo com vista a Praça do Comércio e vê chegar uma fragata que tinha partido da Base do Alfeite, estando preparado para atacar Salgueiro Maia, enquanto esperava a rendição de Marcello que se renderia no Largo do Carmo. Encarregado dos cálculos de artilharia, preparou os canhões para um ataque devastador, caso a situação se precipitasse. Com a ameaça, a fragata levantou os canhões em direção ao céu, significando um sinal de que não vai haver disparos. Os fuzileiros de Vale de Zebro tinham ordens para seguir para Lisboa e passar a ponte,

mas tinham uma “palavra-passe” para passá-la: abanar as boinas, devido à sua posição privile-

giada poderiam atingir caso não cumprissem as ordens, mas não foi necessário. A jornada de Almada para Setúbal, descrita como um “inferno”, consumiu mais de uma hora e meia, graças à multidão extasiada que inundava as ruas. Milhares de pessoas celebravam a libertação das amarras da ditadura, um mar de euforia que deixava transparecer a esperança num futuro mais luminoso. “Esperança... esperança por um mundo melhor” é assim que define o 25 de Abril, mas também é o anseio do futuro de um dos capitães de Abril.

“Longo, longo, longo...
até dizer chega ”

ENTRE DUAS PÁTRIAS

A PERSPETIVA DE UMA EMIGRANTE



Entre memórias de um passado distante e a vivacidade da Revolução dos Cravos, Maria Serra, 76 anos, viveu os primeiros dias de liberdade que se desenrolavam em Portugal, longe de casa. A sua vivência revela uma perspetiva única de alguém que, mesmo longe das fronteiras familiares, “aguardava pela liberdade”. Uma narrativa que conta a história de Maria que, por razões pessoais e profissionais, encontrava-se na Alemanha durante o emblemático 25 de Abril de 1974. Serra não apenas presenciou a mudança política e social que existia em Portugal, mas também refletiu sobre as complexidades da saudade, da distância e do medo, “tinha muitas saudades da minha família”. No dia da Revolução, a procura incansável por notícias dos familiares, preenchia os dias de Maria, tornando-se uma prioridade na sua rotina,

“fiquei bastante preocupada, até mesmo com receio, porque isto antes, não se podia falar, não era democrático e uma pessoa estava sempre com receio de tudo” [emocionasse], “depois falei com os meus familiares e disseram que estava tudo bem”. No retorno a Portugal, após o 25 de Abril, a ex-emigrante trouxe consigo uma fase de readaptação. “A vida continuou um bocado difícil”, confessa

Maria após retornar ao país de origem, já num contexto democrático. “Senti muita diferença quando voltei para cá”, relatando que não iria regressar à Alemanha, por consideração aos filhos, com receio dos possíveis efeitos negativos que a mudança frequente de país, poderia causar na educação futura. Porém, a alegria de reunir-se com a família e a resiliência para seguir em frente eram evidentes. Enquanto os cravos desabrochavam nas mãos dos portugueses em celebração à liberdade recém-conquistada, Serra afirma que “valeu

“Senti
muita
diferença
quando
voltei
para cá”

a pena terem lutado pelos ideais da Revolução”, um país que testemunhou mudanças significativas, de forma interna e externa, impactando até mesmo aqueles que estavam longe do seu país de origem “nós pensávamos: oxalá que seja pelo melhor, então, a nossa esperança era que tudo fosse igual ao que vivíamos aqui”. O legado de Maria Serra transcende as

fronteiras do tempo, deixando uma marca indestrutível que vai para além das páginas históricas. A experiência única durante o 25 de Abril não é apenas um relato, mas sim um testemunho vivo que se tornou essencial na construção da identidade cultural das gerações futuras na família de Maria. Assim, esta narrativa é contada por alguém que se encontrava distante, numa realidade paralela.



“Prefiro uma democracia com muitos defeitos do que uma ditadura sem defeitos nenhuns”

VASCO LOURENÇO

Nesta entrevista, o Capitão de Abril, Coronel Vasco Lourenço, conta a sua vivência antes, durante e após o dia 25 de Abril de 1974. Um “herói invisível”, que desempenhou um papel fundamental para a concretização da Liberdade, que mudou para sempre o nosso país, que nos abriu as portas e permitiu que soubéssemos mais acerca dele e de como se tornou alguém tão importante neste contexto.

Perfil Local (PL): Como é que foi o seu dia 24? Antes da revolução, antes de começar, o que é que lhe estava a passar pela cabeça?

Vasco Lourenço (VL): “Eu sou um caso especial porque eu fiz toda a conspiração aqui no continente. Fui eu que coordenei a conspiração, mas 1 mês e pouco antes fui transferido, compulsoriamente, para Ponta Delgada, para os Açores. Ainda passei pelo Forte da Trafaria, estive lá preso 5 dias, entre o dia 10 e o dia 15 de março. No dia 25 de abril, [...] estava em Ponta Delgada, no Quartel-General. Por acaso, estava de oficial de serviço, aconteceu...por acaso. Como vos disse, eu era o responsável operacional pela conspiração e pelo movimento e seria eu, em princípio, a comandar todas as operações, como eu saí daqui, fui substituído pelo Otelo [Saraiva de Carvalho], portanto, na responsabilidade operacional e, depois, estava com o [Ernesto] Melo Antunes, outro capitão de abril, chegou no dia 22 de março, cheguei no dia 15, ele chegou 7 dias depois de mim. Eu combinei com o Otelo, através de um emissário, um capitão da Força Aérea que passou por lá, uma visita de serviço e eu combinei com ele. Fiz um código e dei-lhe para que o Otelo mandasse para um telegrama [...] e eu pedi que ele mandasse em código para a sogra do Melo Antunes, para não despertar desconfianças, um telegrama a dizer quando é que ia começar o 25 de abril. Eu estava preparado para atuar lá nos Açores, mas precisava de saber, porque havia muita dificuldade de ligação e estávamos, digamos assim, «independentizados» do que se estava aqui [Lisboa] a passar, mas precisávamos de acordar, no mínimo, fazer as coisas ao mesmo tempo. No dia 24, perto do meio dia chegou um telegrama para a sogra do Melo Antunes,

com o texto: «Tia Aurora segue Estados Unidos da América 25 0300 um abraço primo António», é um indivíduo que está a dizer a uma prima que a tia embarca nesse dia para os Estados Unidos. Estados Unidos porque era um sítio para onde ia, efetivamente, um avião a essa hora. Eu disse-lhe: «vais ao aeroporto, vês para onde é que parte um avião à hora definida e pões o destino» e, portanto, o que me interessava ali era o «25 0300», que era dia 25 às 3 da manhã, que era quando começava[...] Fiz um serviço, a partir daí, extraordinariamente rigoroso, sabia exatamente onde estavam todos os soldados. Nós tínhamos previsto assumir o comando, mas se fosse necessário, prendíamos o almirante que era o comandante-chefe e assumíamos o comando. [...] A partir da uma da manhã, eu sabia que aqui ia começar e eu pensei «Pá, se eu estivesse lá o que é que eu faria?». Bem, uma das coisas que eu faria, era ocupar uma emissora de rádio, para a utilizar para transmitir informações que quisesse para a população. E, em último caso, se as minhas comunicações falhassem, para transmitir, mesmo em claro e diretamente, ordens às tropas que estivessem no terreno. «Será que o Otelo pensou o mesmo que eu pensei? E se pensou, qual é a emissora que ele vai ocupar?». Dentro disso, primeiro saber se iam ocupar emissora alguma e depois saber qual seria. Eu a partir das duas e pouco, portanto, aqui [Lisboa] era uma e pouco passei a fazer aquilo que hoje se diz o zapping. [...] Comecei a correr os postos para tentar ouvir. E eram duas e vinte, sensivelmente, lá [Ponta Delgada], portanto, quatro e vinte aqui. Eu caí num posto português [...] a falarem português. E caí a ouvir a parte final do primeiro comunicado do MFA, a parte final em que se dizia «Pede-se às pessoas para não saírem de

casa, pede-se para os médicos ocorrerem aos hospitais...» e, para quem estava naquela situação, a dúvida era: de quem é que é este comunicado? É nosso? Ou é do adversário? E terão sido dos momentos mais longos da minha vida, foram aí uns três minutos e pouco, mas eu passei no gabinete, que era mais pequeno do que esta sala. Eu, passeava de um lado para o outro, sozinho «É nosso? É deles? É nosso? É deles?». De repente, [...] parou a marcha e eu ouvi «Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas». **Eu parecia um doidinho pá ... aos saltos, sozinho. «Ganhámos, ganhámos». Fiquei com a convicção absoluta que**

íamos ganhar.

E, ao ver que, de facto, se tinha ocupado um posto de rádio e que estava a funcionar eu conhecia as capacidades que nós tínhamos e vi aí com a certeza absoluta que **íamos ganhar**”.

PL: Em que dia ou momento é que se deu por confirmado o dia e todas as preparações para o golpe?

VL: “O dia em que nós decidimos fazer mesmo o Golpe, foi no dia 5 de março em Cascais [...] fizemos a última das grandes reuniões do Movimento. O Movimento foi uma conspiração que durou 8 meses e pouco, costumo dizer que **a criança nasceu prematura então ainda tinha assim algumas formações menos completas** [...] É no dia 24 de março que se assu-

me, também... [que a Revolução seria no dia 25 de abril], e perguntam: porquê o dia 25? O dia 25 foi por acaso. Por acaso é feliz porque, em Itália, o dia 25 de Abril também é o dia da independência, o dia em que eles comemoram o fim do fascismo lá. Mas, porque tinha que ser terça, quarta ou quinta-feira. Porque não podia ser a um fim de semana. Sexta-feira já o pessoal estava a preparar-se para sair. Segunda-feira ainda havia pessoal a chegar. Portanto, tinha que ser a um dia, a meio da semana. Porque nós íamos utilizar os militares e tinham que estar no quartel. E se repararem, ao longo da História, inclusive a última tentativa que é feita a 16 de

março e já é feita no meio do movimento, são feitas todas ao fim de semana. Falharam todas. É uma das razões, não é a única, mas são todas feitas ao fim de semana. Podia ser a 23, 24 ou 25, se não me

engano. Acho que 25 foi uma quinta-feira. E tinha que ser antes do 1º de Maio, porque a PIDE estava orientada para o 1º de Maio. Nós lançamos o boato que íamos aproveitar as movimentações do 1º de Maio para fazer qualquer coisa. Eles estão mais focalizados e a olhar mais para o 1º de Maio e para o que vem a seguir”.

PL: E qual é que foi o momento em que se apercebeu? “Ok, isto pode mesmo resultar, podemos ter outra vida.” Foi naquele momento em que estava a ouvir rádio ou antes disso?

“A criança nasceu prematura então ainda tinha assim algumas formações menos completas”



Esta revista não foi visada por qualquer comissão de censura.

VL: “A minha convicção é que íamos ganhar. A nossa convicção é que íamos ganhar. Porquê? Acreditávamos em nós. [...] Acreditávamos que os homens que nós comandávamos, os soldados, tínhamos prestígio junto deles e, portanto, tínhamos a certeza de que eles nos obedeceriam. Por outro lado, estávamos convictos de que era isso que a população queria. Quer dizer, nós estávamos absolutamente convictos de que íamos fazer aquilo que os portugueses queriam que se fizesse, tínhamos uma confiança muito forte. É evidente que podia ter corrido mal. Ariscamos, mas a nossa convicção é que íamos ganhar e avançámos dentro dessa convicção. Agora, eu pessoalmente, quando é que eu tenho a certeza de que está vitorioso? Para mim é quando oiço «Aqui posto do comando do Movimento das Forças Armadas». Eu fiquei absolutamente convicto de que já não podíamos perder”.

PL: O que sentiu quando foi afastado para os Açores?

VL: “Eu tenho dito às vezes e várias vezes já, que se eu tivesse sido mandado para os Açores em janeiro, não teria havido 25 de abril. Podia haver uma outra coisa qualquer. Porquê? Eu era uma peça fundamental, de facto, na conciliação. [...] Em março, quando eu vou, eu já tenho a certeza, conheço e já tenho a certeza de que o processo já está num estado tal que dificilmente iremos perder. Apanho um susto, que é o 16 de março. [...] Nos Açores, vociferei, chamei nomes aos meus camaradas, dizia: «cambada de incompetentes», «Eu faltei lá, só fizeram asneiras» [...] É evidente que o meu maior desgosto, talvez o meu maior desgosto da vida, em termos pessoais, é não ter estado aqui no 25 de Abril. **Eu costumo dizer que as minhas maiores alegrias são: o nascimento da minha filha, o nascimento do**

meu neto e o 25 de Abril. Mas [...] com o Otelso correu bem, comigo não se sabe como é que teria corrido. E já não é possível fazer a prova”.

PL: Foi para os Açores porque foi obrigado a ir, certo? Foi preso cá?

VL: “Não. Eu estava detetado como andando a conspirar há muito tempo. Já tinha sido chamado à pedra, como se costuma dizer, às chefias militares. Enfrentava-as, eu dizia: «Sim senhor, andamos a fazer conspirações», mas nós criámos uma bandeira que servia de motivação e de mobilização para muitos, mas servia também de camuflagem para o que nós andávamos a fazer, que era, nós andávamos preocupados e a discutir o problema do prestígio das Forças Armadas junto da população portuguesa. E eu assumia. Dizia-me, o Secretário de Estado do Exército, no dia 22 de Dezembro de 73, «Vocês andam aí em reuniões» e eu: «andamos... a discutir o problema do prestígio das Forças Armadas. Então, você é militar, venha à próxima reunião, venha à reunião.» «Ah, mas eu não quero ir à reunião». «Mas faz mal! Venha à reunião. O assunto também lhe diz respeito». Eu estava detetado, não fui só eu, acabei por ser eu, mais dois capitães. Eu dirigia a ligação que nós fazíamos entre todos os envolvidos, há uma dessas linhas de ligação que é detetada, eu e mais três elementos somos transferidos [...] houve um documento que nós divulgámos, feito lá na Trafaria por mim, sobre uns acontecimentos que houve na Beira, em Moçambique, que há lá um assalto a uma fazenda de colonos e a população reage mal contra os militares, dizendo que não os estavam a proteger. [...] por deficiências de alguns na cadeia de ligação, eles perceberam que tinha sido eu que o tinha feito. Transferiram-me. Sou chamado, por acaso estou na carreira de tiro na

Trafaria, lá no BRT [...] Estava a treinar o tiro e chegou o soldado: «O nosso comandante pede para ir ao gabinete dele». Eu vou lá. Chego ao gabinete, o comandante estende-me um papel, em que dizia: «Fulano de tal, Vasco Lourenço, capitão não sei quantos, transferido por razões de serviço, para o Quartel-General de Ponta Delgada». Eu digo, «Mas isto a que propósito? Isto não se faz». E diz o comandante: «Não. E o embarque é amanhã». «O quê? Estão a brincar comigo, isto não se faz». Depois, fizemos uma reunião imediatamente, descobrimos que havia mais transferidos, outro para os Açores, mas para Angra do Heroísmo, um para Madeira e outro de Águeda para Bragança, e depois decidimos “raptarmo-nos” [...] Nós até queríamos ir

unidades. E em todas as unidades, os oficiais diziam ao Comandante «Nós estamos solidários com os que foram impedidos de embarcar e com os que os impediram de embarcar»”.

PL: Já se passaram 50 anos desde a Revolução, já deu muitas entrevistas sobre isto, imagino. Há alguma história que nunca tenha contado?

VL: “É difícil [...] posso contar, por exemplo, a minha passagem pela prisão, porque é lá na Trafaria [...] Portanto, nós fomos raptados. Estivemos, no dia 9, clandestinos e, depois, perto das 7 horas, chegámos à conclusão que já se tinha atingido o objetivo que se queria. Isto é, já se tinha lançado a confusão no poder [...] não

“A minha convicção é que íamos ganhar. A nossa convicção é que íamos ganhar. Porquê? Acreditávamos em nós”

cumprir a ordem, o movimento tinha impedido [...] e, para isso, raptaram-nos. Fui raptado pelo Otelo e não me deixaram embarcar. [...] Às três da manhã do dia nove, o Ministro da Marinha é acordado em casa por três oficiais que vão dizer «Senhor Ministro, há aqui uma bronca, o Ministro do Exército deu ordem de transferência a três capitães do Exército, o Movimento não vai aceitar isto». [...] O Ministro da Marinha telefona aos outros e entrou tudo de Prevenção Rígida, que é a situação máxima de segurança antes do Estado de Sítio, que não existia em Portugal desde 1961. Estava prevista uma manifestação no Terreiro do Paço, junto do Ministério do Exército, já não se faz essa manifestação, decidimos que se fazem mini manifestações nas

tínhamos vantagem em entrar numa situação de clandestinidade, então, decidimos entregar-nos. Arranjámos um capitão para nos ir entregar, em nome do movimento [...] E quem é que foi o capitão que nós escolhemos? Foi o Nuno Pinto Soares, capitão de Engenharia [...] Apareceu sozinho, fardado, no Terreiro do Paço para fazer a manifestação. E pensou: «Não há mais ninguém, o que é que se passa?» Informou-se e soube o que é que estava a passar. [...] O Pinto Soares entrega-nos no quartel-general. Andava tudo à nossa procura e, de repente, aparecem ali, eram perto das oito da noite. Chama-se aquilo dos portões fechados. Chamou-se o sentinela: «olha, chama aí o oficial de serviço». Ficou tudo com a boca aberta. Quer dizer, está o país todo

à procura de três fulanos e eles estão ali para serem entregues. Bem, veio o chefe de Estado-Maior, o comandante da região, toda a gente, e nós estivemos ali a falar. Dos três transferidos, houve um que não saiu de casa a tempo de ser raptado. E, portanto, foi apanhado em casa, metido no avião e seguiu, de facto, no dia 9, para Angra do Heroísmo. Foi o Carlos Clemente. Eu e o Antero Ribeiro da Silva saímos de casa a tempo, fomos raptados e fomos entregues [...] No dia seguinte, levam-nos à Trafaria, para ficarmos lá presos. Fomos cada um de nós acompanhados por um major [...] Nós ficámos lá instalados, na prisão, a casa do Cousão tinha um edifício que era a prisão de oficiais, ficámos cada um em seu quarto, teoricamente incomunicáveis. Na primeira manhã que passámos lá, depois da primeira noite, nós estamos os três a falar, e chegou um dos tenentes da guarnição do quartel-geral, da prisão. E começa: «Os capitães tiveram frio durante a noite? Vejam lá se tiveram frio. Se precisam de mais uma manta, eu arranjo mais uma manta». E eu olhei para ele e digo assim: «pá, vocês estão mesmo a rasquinha, não estão?» «Então? Não estou a perceber» «Estão cheios de medo, pá» «Não percebo», diz ele. «Com estes cuidados todos que estão conosco, estão mesmo cheios de medo, pá» “Não, não, nós aqui tratamos bem todos os seus oficiais que vêm para cá». Eu dou-lhe assim uma palmadinha nas costas e digo: «epá, não esteja preocupado, nós só viemos aqui com uma missão. Eu vou passar aqui uns dias, para escolher a cama do Ministro. Quando o Ministro vier para cá, ai de si se você não o põe a dormir na cama onde eu estou agora, ouviu? Olhe, quando o Ministro... não vai demorar muito, mas quando o Ministro vier, você vai pô-lo a dormir onde eu estou». [o oficial ficou atrapalhado] E saiu.

Bem, o que acontece é que a seguir ao 25 de Abril, eu tive de ir à Trafaria, à casa de prisão, [...] E quando cheguei e se abre o portão, quem é que me aparece? Este tenente, a quem eu tinha dito isso. E ele: «Está bom? Olá, como é que está?» E eu: «Então e aquele Ministro?», «Está lá na sua cama, está lá na sua cama, quer ir lá vê-lo?» [de forma desesperada] Eu: «Não, não preciso ir ver». Eu admito que tenho um feitio assim um bocadinho “especial” também, mas o que é facto é que isso passou-se”.

PL: E como é que acha que esta geração, nascida após o 25 de abril, vê a revolução?

VL: “Isto depende muito do tipo de educação, do tipo de posições. Os programas oficiais têm sido muito mal feitos, na minha opinião. E o que nós [Associação 25 de Abril], que temos contactos com imensas escolas, constatamos, é isto: Depende, essencialmente, da posição dos professores. Há escolas em que os professores são mais interessados e querem saber e promovem trabalhos, há aqueles que, ou são menos interessados, ou chegaram ao programa e o programa é dado no fim do ano. Portanto, à juventude, acima de tudo, eu costumo perguntar-vos, a todos, quando estou nestes contactos. Vocês façam uma pergunta, peçam aos vossos avós que vos expliquem o que era Portugal. Porque a melhor explicação que nós podemos dar para explicar o que é o 25 de abril, é porque é que foi necessário fazer o 25 de abril? E isso só se compreende sabendo que tipo de sociedade é que havia, que tipo de falta de liberdades havia, etc. Depois eu costumo fazer uma pergunta, perguntem a vocês próprios uma coisa. «Será que eu aceitaria viver num país sem liberdade?» E a resposta é: «Ah, está a brincar con-

nosco, era o que faltava». Mas infelizmente, antes do 25 de Abril era isso que existia. É a razão principal, há defeitos, há erros, com certeza que há erros, com certeza que há defeitos, não há democracias perfeitas. Claro que sim. Para mim, costumo dizer, a democracia, já o Churchill dizia, é o pior de todos os sistemas, com exceção de todos os outros. Mas **prefiro uma democracia com muitos defeitos do que uma ditadura sem defeitos nenhuns**. Porque a ditadura tem, em si própria, esses defeitos. [...] A leitura que eu faço é que o que prevalece na sociedade, mais acentuadamente, em quem viveu os outros tempos, mas também nos jovens, são os valores do 25 de Abril, essencialmente os valores da liberdade e da democracia. [...] Perguntem aos vossos avós: «Como é que era o país antes?» Eu já não falo na questão da

guerra. Aos 15 anos, já os seus pais andavam a pensar que você ia para a guerra [...], portanto, foram 13 anos de guerra, de ditadura e de repressão, não foi uma ditadura e uma repressão tão violenta como foi a espanhola, ou a alemã, ou italiana. Os nossos grandes costumes dão para tudo. Até para a ditadura deram. Agora, é preciso é que os jovens saibam e possam comparar com a liberdade. E, portanto, eu “cota”, não é? Já no meu dizer, 81 anos, já ninguém me os tira. Eu costumo dizer, eu tenho esperança, estou convicto que a juventude ama a liberdade. E que quando sentir que é a liberdade que está a ser posta em causa, vai reagir”.

PL: Olhando para trás, para tudo o que fez desde a preparação, desde o dia 25, alguma coisa que teria feito diferente?



VL: “É difícil de responder [...] muitas vezes tenho razão depois do tempo. Várias vezes ao longo do processo, quer antes do 25 de Abril, quer depois do 25 de Abril, eu fiz propostas concretas que foram vencidas. E que, depois, passado algum tempo: «epá, tu é que tinhas razão». Agora, como se costuma dizer, torça a orelha que ela já não deita sangue. E, portanto, agora, há uma coisa que costumo também afirmar, eu nunca me arrependo de nada do que fiz. O que não quer dizer que não tenha cometido erros. O que não quer dizer que soubesse o que sei hoje, naquelas circunstâncias, poderia ter feito de maneira diferente. Agora, o que eu tenho a certeza é como fiz as coisas, sempre de forma honesta, convencido que estava a fazer o melhor que podia fazer e que era possível fazer, não tenho de me arrepender. [...] Uma das coisas que tenho dito e que é imperdoável, nós no MFA não termos sido capazes de evitar o dividir-nos durante 1975. Mas eu tive uma situação desse estilo. A certa altura, é preciso discutir, havia os nove, à esquerda, os novos gonçalvistas e os otelistas. Vamos fazer uma reunião dos três. Apareceram só os otelistas e dos nove apareci eu. E dos otelistas estavam lá todos. E há um deles que diz assim: «Ó Vasco, vamos esclarecer aqui uma coisa, nós contigo dialogamos e contigo temos confiança, mas com os outros dos nove não temos confiança». E eu comecei a correr um ao outro, um, todos um a um, e a apontar-lhe e a dizer-lhe: «Tu és uma porcaria, tu és uma m****» (desculpem o termo) «tu és isto, tu és aquilo...» E no fim, cheguei ao outro e disse: «Contigo eu dialogo». E depois perguntei-lhe «Vocês aceitam isso?» «Ah, não». «Então, eu também não aceito estar aqui a representar um grupo

e dizer-lhe: nós falamos contigo, mas com os outros não falamos». Por exemplo, uma das coisas, uma das satisfações enormes que me dá na vida, é esta associação em que estamos, a Associação 25 de Abril. A Associação 25 de Abril foi fundada quando terminou o período de transição, terminou o Conselho da Revolução, e nós criámos a Associação que é uma associação cultural e cívica. Eu fui o presidente da Comissão Instaladora, sou sócio número um e tenho sido o presidente da direção [...]. Mas a Associação 25 de Abril, depois de tudo o que nós fizemos, andarmo-nos a prender uns aos outros, para cumprirmos aquilo que tínhamos prometido, a Associação 25 de Abril teve como sócios fundadores 95% dos militares de Abril. Porquê? Há cá muitos dentro, desde o início, com os quais eu estou em desacordo em muita coisa. Agora, nós conseguimos unir-nos à volta do essencial, que é aquilo que é muito difícil de conseguir, que é, o essencial é que nos deve unir, o acessório deve ser posto de lado. [...] Tive aqui um membro da direção que quando queria brincar comigo, às vezes: «Aqui o Vasco mandou-me prender no 25 de Novembro». E eu digo, «não, não fui eu que mandei prender diretamente. Foste preso, mas não fui eu que mandei prender diretamente». [...] Se há alguma coisa que me dá gozo, é a Associação 25 de Abril, acabamos de fazer 42 anos e, hoje, direi que dos sócios, dos militares de Abril vivos, estarão cá 85%, 90%”.

DANIEL FERREIRA / IARA SILVA



© Associação 25 de Abril

**“Eu costumo dizer que as
minhas maiores alegrias são:
o nascimento da minha filha,
o nascimento do meu neto e o
25 de Abril”**

UMA FOTOGRAFIA ETERNA

“FUI FOTOGRAFADA PELO THE NEW YORK TIMES”



Conceição Machado começou a trabalhar em 1973, altura em que começou a perceber melhor o regime ditatorial em que vivia, “comecei a trabalhar, ganhava muito bem e era apenas uma miúda, grande parte das mulheres não trabalhava na época, mas eu tinha estudos e conseguia trabalhar por 1550 escudos, um casal com dois ordenados normalmente ganhava menos que eu”, reflete sobre como os estudos tiveram um impacto grande na sua vida. “Eu não tinha uma consciência muito grande em relação à ditadura, mas o meu pai tinha muito medo por mim, na altura não era incomum que as mulheres fossem mortas pelos maridos se os traíssem e não lhes acontecia nada”. No dia do 25 de Abril, “fui trabalhar de manhã como se fosse um dia normal e lembro-me que deixei passar um homem na minha caixa que escondeu latas de atum num saco por causa da fome”,

reflete sobre como a fome era uma realidade durante a ditadura. “Temos um presidente que foi muito próximo do Marcello Caetano, lembro-me de ver uma entrevista da filha dele em que dizia que, no fundo, isto não mudou nada, temos liberdade para falar mas a liberdade também é subjetiva e a minha liberdade acaba onde começa a do próximo”. “A Revolução foi ótima, as mulheres não podiam usar calças ou sequer trabalhar sem a autorização dos maridos, mas

como tudo na vida, tem os seus pontos negativos também, porque há sempre uns que são beneficiados e outros que não, muitos, aqui, passavam fome e os que vinham de fora muitas vezes recebiam apoios”, confessa sobre como a sua vida, enquanto mulher mudou de forma drástica e como houve muitos que ficaram mais prejudicados financeiramente. “Foi tudo muito impulsionado pelos estudantes, têm capacidades de reflexão que poucos na altura tinham e foi por eles que as ideias revolucionárias se espalharam”, afirma, deixando transparecer a

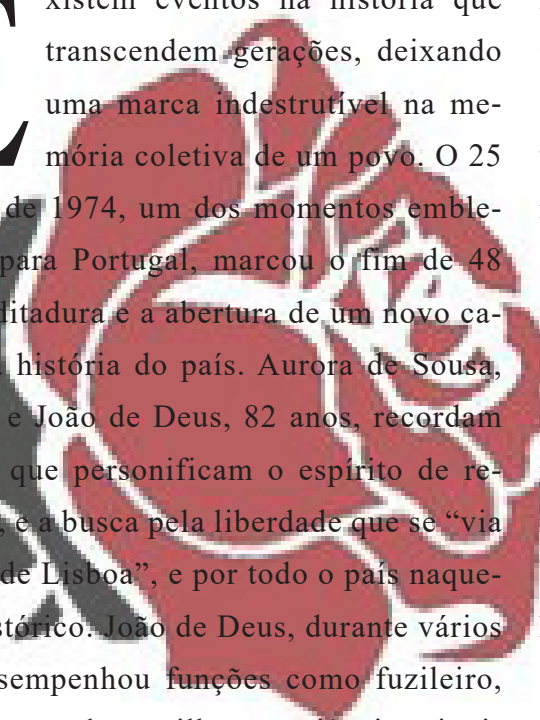
gratidão por ter tido a oportunidade de estudar mais do que muitos na altura, graças a uma professora que acreditou nas suas capacidades. Em relação aos dias de hoje e às principais mudanças que vê, assume que “a vida era muito mais barata antigamente”, tendo comprado uma casa por 1250 contos e um carro novo por 250, que, na altura era muito dinheiro, mas hoje, segundo consta, “é muito mais caro”. Expõe ainda que o SNS foi a maior criação do 25 de Abril, “o acesso à saúde era muito complicado e poucos tinham médicos de família como a maior parte tem hoje”. Faz questão de mencionar que, no primeiro dia do trabalhador do pós Revolução, em Lisboa, onde trabalhava, foi abordada por um fotógrafo do The New York Times que a fotografou para representar a recém ganha liberdade portuguesa no estrangeiro.

“Fui trabalhar de manhã como se fosse um dia normal e lembro-me que deixei passar um homem na minha caixa que escondeu latas de atum num saco por causa da fome”

“O QUE ME MARCOU FOI ESTAR DEBAIXO DE FOGO”

TESTEMUNHOS DA RESISTÊNCIA





Existem eventos na história que transcendem gerações, deixando uma marca indestrutível na memória coletiva de um povo. O 25 de Abril de 1974, um dos momentos emblemáticos para Portugal, marcou o fim de 48 anos de ditadura e a abertura de um novo capítulo na história do país. Aurora de Sousa, 86 anos, e João de Deus, 82 anos, recordam histórias que personificam o espírito de resistência, e a busca pela liberdade que se “via nas ruas de Lisboa”, e por todo o país naquele dia histórico. João de Deus, durante vários anos, desempenhou funções como fuzileiro, em Caxias, onde partilha experiências signi-

ficativas relacionadas ao envolvimento que tinha com o poder militar. Ao longo da sua jornada, relata ter mantido “contato com a PIDE diver-

sas vezes”, trazendo consigo uma missão militar específica: “levava os presos para serem internados e depois trazia-os (...) trazíamos a arma que eles tinham e depois ficavam lá presos”. Este relato não ressalta apenas as responsabilidades militares de João, mas também a complexidade das situações que vivenciou durante a Revolução. Ao abrir as portas do tempo para o 25 de Abril, Aurora, com a sua voz suave e delicada, afirma que só soube da Revolução através da rádio “onde diziam para as pessoas ficarem sossegadas”,

mas Sousa e o seu marido não se retraíram, ignorando assim os alertas que ecoavam: “não vão para Lisboa, quem lá vai já cá não vem”, mas com garra e determinação, decidiram desafiar o destino e dirigir-se à capital, ansiosos por testemunhar a grandiosidade da festa que se desenrolava no Terreiro do Paço. “Quando chegámos lá, começamos a ver os militares com as espingardas cheias de flores”, um momento inesquecível para Aurora. Entre os olhares e vivências destes dois idosos, “houve sempre o bom, e aqui também houve a parte má”, mas ao longo de várias experiências e de um período complexo na história de Portugal, João afirma com convic-

ção que “o 25 de Abril foi tão bom, acabou a guerra” [sorri]. A cada cravo vermelho erguido, fincou-se não apenas na terra, mas profundamente no coração do fuzileiro, marcando a vitória da liberdade sobre as sombras do autorita-

rismo. “O que me marcou foi estar debaixo de fogo”, revive João, recordando as lembranças mais significativas da sua vivência durante a Revolução dos Cravos, como se uma chama adormecida dentro dele tivesse sido reacendida. Enquanto honramos as conquistas do 25 de Abril, é imprescindível recordar que a defesa da liberdade é um compromisso constante. Que esta data seja a chama que nos incita a enfrentar corajosamente os obstáculos presentes e futuros, com a mesma coragem que marcou aquele momento histórico.

“Não vão para Lisboa,
quem lá vai já
cá não vem”



A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR LENINE

“Eu tinha um nome que não podia ter”

Lenine da Costa Ferreira é um dos quatro irmãos que foram para a tropa, saindo de lá em 1964. Desde cedo, percebeu que o seu nome era diferente e alvo de julgamento, ao afirmar que “eu quase fui preso antes do 25 de Abril” referindo-se, essencialmente, à perseguição que sofreu por parte da polícia política por ter um nome marcadamente comunista. “Fui a uma reunião, eles não autorizavam reuniões”, referindo-se ao porquê de quase o terem conseguido apanhar e conclui “tive que sair dali”. Durante a Revolução, foi mandado para casa, onde seguiu todos os acontecimentos através dos meios de comunicação, “na rádio dizia-se tudo o que se estava a passar, porque o grande movimento era na Praça do Comércio, era no quartel do Carmo”. “As pessoas ganhavam pouco, viviam mal, sem quaisquer condições, os miúdos andavam descalços e eu, simplesmente por me chamar Lenine, nunca poderia viver em paz, tinha que usar um nome falso”, expressa em relação à situação de pobreza que assistiu durante a ditadura e ao estilo de vida que levava, já no tempo de Marcello Caetano. Conta que gostaria de ser advogado, no entanto, foi impedido, também devido ao seu nome, “como é que se chama? Lenine? Levem este homem daqui para fora”, conta o que ouviu, quando tentou ir fazer o “Ad Hoc”. Admite que, por diversas vezes o quiseram prender graças ao seu nome, “é uma estupidez, eu tinha um nome que não podia

“Que culpa é que tinha se não fui eu que o escolhi?”

ter! Que culpa é que tinha se não fui eu que o escolhi?”. Conta que a neta seguiu o sonho que não pôde seguir, mais uma vez fruto da opressão com o seu nome, “é advogada, é o meu orgulho, claro” [diz emocionado]. “Digo já que não acredito em Deus” afirma, passando a contar que quase não foi batizado, “eu fui registado, para ser batizado, com o nome do meu irmão, porque Lenine não podia, não é?”. Diz ainda que, uns anos antes, na catequese, foi agredido, “um padre deu-me um estalo, eu atrevi-me a perguntar porque é que não podia utilizar o meu nome na igreja e ele deu-me o estalo, era uma altura muito complicada”. Afirma que viu nascer uma grande

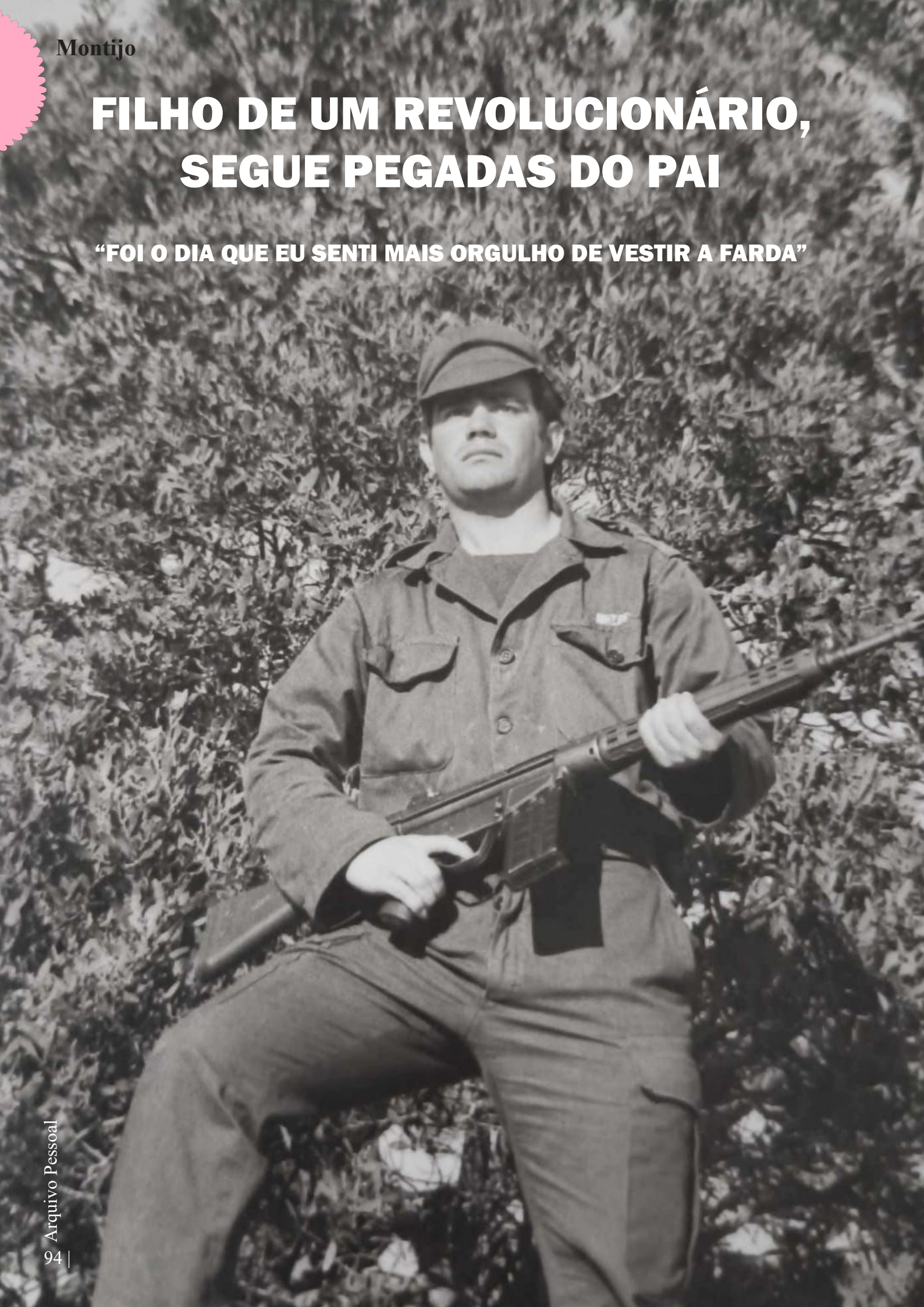
comunidade política na cidade do Barreiro, depois do 25 de Abril, ao que aderiu também “eu estava inclusive para ser deputado, mas estava no fundo da lista, por um lado ainda bem que não fui [diz rindo]

mas gostavam muito de mim pelo meu nome, depois da Revolução já houve o sentido inverso”. Indica que, na sua opinião, a maior conquista democrática que Portugal alcançou foi “O Serviço Nacional de Saúde! Todo o português devia ter direito ao essencial da vida, que era a saúde e depois a educação, isto é importante”. Critica também os políticos atuais, “se o meu filho tem um curso, é à minha conta e da minha mulher, não do governo”. Reflete sobre as perseguições que sofreu ao longo da sua vida, “se não fosse a Revolução, se calhar nem cá estava, podia estar preso ou ainda vivia escondido”.

Montijo

FILHO DE UM REVOLUCIONÁRIO, SEGUE PEGADAS DO PAI

“FOI O DIA QUE EU SENTI MAIS ORGULHO DE VESTIR A FARDA”



António Ventura conta que viveu o dia do 25 de Abril como qualquer outro, “para mim foi um dia normal, fui trabalhar de manhã e entrava no DRM às 14h”. Era militar e trabalhava como tipógrafo e conta que soube da Revolução antes de entrar ao serviço “a minha vizinha bateu-me à porta, contou que estava a haver uma revolução, que era para todos irmos para o quartel. Como eu não tinha quartel, não fui, fiz a minha vida normal”. Admite que, no entanto, existiram mudanças, como por exemplo, ao deslocar-se por Lisboa com a sua roupa de militar, a população o saudava “toda a gente que eu encontrei na rua me cumprimentava, foi o dia que eu senti mais orgulho de vestir a farda”. Diz que, para si, “o verdadeiro dia da liberdade” foi o 1º de Maio, pois fez parte das suas comemorações, “vi coisas que nunca

esperava ver, por exemplo, dois carros a baterem um no outro, as pessoas saírem e abraçarem-se em vez de discutir”. Acredita que a maior conquista da Revolução foi a saída da ditadura e a entrada na democracia através de votos “a partir desse momento, nós podíamos escolher o nosso destino”. Conta que a vida de militar se alterou completamente “antes do 25 de Abril tínhamos uma disciplina militar muito rígida, qualquer coisa era logo um processo”, admitindo também que as verdadeiras mudanças nos quartéis vieram depois do 11 de Março de 1975, onde também existiu uma

“A partir desse momento, nós podíamos escolher o nosso destino”

tentativa de golpe “os milicianos passaram a ter um poder muito maior, revoltaram-se. Os militares de quadro pensavam que ia regressar ao antes do 25 de Abril, eles eram contra a Revolução, mas não regressou, felizmente” e completa dizendo que esses mesmos militares foram dispensados, havendo também uma grande perseguição à corrupção, “no 11 de março foi quando se deu a maior mudança, o 25 de Abril foi o início”, completa. “Não era tão permissivo com os que lá estavam no governo e nem com a PIDE”, admite, ao falar

do que alteraria na Revolução, “Os PIDES, na António Maria Cardoso, mataram civis e nunca foram condenados” e completa indicando que muitos membros da polícia política se mantiveram no ativo, como polícia civil. Conta que o seu pai esteve preso e foi torturado “era um dos ativistas na Carris, estive um ano preso, não provaram nada e o castigo que lhe deram, graças ao sindicato, foi reformá-lo. Foi o melhor que lhe podia ter acontecido, dentro do pior”. Recorda o seu pai com carinho “o meu pai só tinha a 4ª classe, mas para mim ele era um dos mais inteligentes que havia” e relembra, com tristeza, a época em que o pai esteve preso “eu com 11 anos revoltei-me contra o governo, o meu pai influenciou-me muito, lembro-me que eu lhe comuniquei que tinha passado da 4ª classe, estava ele no Aljube”. Hoje em dia, admite não ter perdido as suas convicções “eu sempre fui, sou e vou continuar a ser um contestatário”.

“SOBREVIVEMOS A PESCAR E A COMER PÃO DURO”

QUASE QUATRO ANOS NO ULTRAMAR VIVIDOS EM MEMÓRIAS



Aos 21 anos, José Freixo partiu para Moçambique rumo à Guerra Colonial, onde construiu um passado repleto de desafios, camaradagem e momentos inesquecíveis. Foi convocado para a “Cavalaria 8”, como condutor de carros de combate: “Eu levava os meus colegas em jeeps e, na altura, guardei a maior barragem de Moçambique”. Mesmo desempenhando diversas funções em cenário de guerra, tentava sempre encontrar tempo para descontrair com o grupo, “jogávamos muitas vezes futebol por lá e escrevia cartas para a minha mulher”. Chegou, também, a ir até Gorongosa, a reserva de caça, onde se maravilhou a avistar “búfalos, elefan-

comermos [riu-se]”. Apesar das dificuldades, não se arrepende, “se fosse hoje, ia para lá à mesma. Fiz amizades que levo para a vida e ainda jogava futebol”. As lembranças desse longo período entranharam-se na mentalidade e dificultaram a sua adaptação à vida civil após um ciclo demorado na tropa: “Ainda levei uns tempos para me habituar, eu continuava a fazer continência a oficiais quando os via [riu-se]”. No dia 25 de Abril de 1974, José estava a trabalhar na TLP, em Lisboa. Quando chegou de manhã, pediram para ter cuidado e não sair à rua, naquele instante, percebeu que tudo poderia vir a mudar. Apesar de não ter participado ativamente na Revolução, “estava sempre em contacto com a central telefónica

**“Se fosse hoje, ia para lá à mesma.
Fiz amizades que levo para a vida
e ainda jogava futebol”**

tes, leões e muito mais”. Ainda assim, os momentos de tensão eram uma constante na vida militar: “Andámos cerca de dez dias atrás de um homem que matou uns dez marinheiros. Ele nunca foi apanhado”. As vivências são imensas, mas José destaca um dos episódios mais caricatos da sua estória, em que esteve desaparecido mais de uma semana porque se tinha perdido: “Pensava que já não ia chegar ao quartel. Sobrevivemos a pescar e a comer pão duro, até molhávamos o pão para deixá-lo mole”. Nas aldeias por onde passavam, a presença militar causava pânico imediato na comunidade local, “eles fugiam, deixavam lá as galinhas e os patos sozinhos para nós

à procura de saber aquilo que ia acontecer a seguir”. Dada a proximidade do local de trabalho ao sítio onde decorreu o golpe militar, teve a oportunidade de testemunhar a passagem de figuras importantes e observar os carros da tropa a pararem na rua. A partir desse momento, foram várias as mudanças sentidas, mas destaca que “as pessoas começaram a falar mais e mais”. Sem qualquer intenção de desprezar a conquista da Liberdade, José Freixo continuará a destacar os “quase quatro anos na Guerra Colonial”, os quase quatro anos de futebol e os quase quatro anos que consolidaram grandes amizades e deram origem a momentos memoráveis da sua vida.

DANIEL FERREIRA

Palmela

SABEDORIA DE PAI

“ERA ANALFABETO, MAS NÃO ERA ESTÚPIDO”



Desde muito nova que Adília Candeias está em contacto com revoluções e com a linguagem revolucionária.

Sendo a primeira alfabetizada da família, quando ainda estava no segundo ano de escolaridade, começou a ser persuadida pelo pai para ler, folhetos anti-regime que divulgavam, ilegalmente, possíveis revoluções clandestinas: “Quando ele percebeu que eu sabia ler pôs-me a ler documentos, na altura, da luta pelas

oito horas de trabalho”. Admite

que não percebia aquilo que

estava a ler, “lembro-me do «proletariado» ... irritava-me aquela palavra, às vezes

passava à frente [risos]”,

mas que percebia quando

os seus tios apareciam lá

em casa e ficavam a ouvi-

la decifrar os diversos

folhetos. A presidente da

Sociedade Recreativa e

Cultural do Povo do Bairro

Alentejano, admite que,

muitas vezes passava à frente

certas palavras ou, até mesmo,

parágrafos completos por serem “mais

díficeis de ler”. No entanto, não conseguia

enganá-los, desconfiados, questionavam-na

sempre se tinha a certeza daquilo que estava

a ler, “o meu pai era analfabeto, mas não

era estúpido”. Recorda que, muitas vezes,

os seus tios iam lá a casa e ficavam a ouvir

“rádios proibidas”. Lembra, também, o

truque que utilizavam, para que o som não

passasse daquelas quatro paredes: “Eles

punham um copo de água em cima da rádio porque achavam que o som não se ouvia para o exterior ... não sei se funcionava, mas era

nisso que eles acreditavam”. Quando conta a história do seu 25 de Abril de 1974, fá-lo de sorriso na cara. Estava na fábrica de têxtil onde trabalhava, não tinha visto nada

no caminho para lá, quando a mandaram para casa continuava sem perceber bem o que se estava a passar. Foi em conversa com

o seu pai, que o mesmo lhe disse: “Olha filha, eu não sei o que é que isto vai dar ... mas pior do que já está, não vai

ficar de certeza”. Nesse exato

momento, Adília Candeias teve a certeza de que “o 25

de Abril podia mesmo vir a ser algo muito bom”.

A, na altura, jovem de

19 anos e o seu marido

foram para as ruas de

Lisboa, Adília afirma

que viu muita gente por

lá, mas que não conseguiu

ver os militares, algo que

foi uma desilusão, visto que

era mesmo esse o seu objetivo.

A partir deste momento, começou a

envolver-se “em muita coisa”, passou a ter

uma participação ativa na política, chegando

mesmo a ser vereadora da Câmara Municipal

de Palmela. Descreve a Revolução usando

as palavras “Transformação” e “uma coisa

extraordinária”, visto que, a sua vida

mudou completamente de rumo: “Quando

era mais nova queria trabalhar no campo

... era só isso que eu conhecia, hoje, os

jovens podem ser aquilo que quiserem”.

“Quando ele percebeu que eu sabia ler, pôs-me a ler documentos, na altura, da luta pelas oito horas de trabalho”



ENSINAR COM CRAVOS

“PODIA FINALMENTE ENSINAR
O CORRETO AOS MEUS ALUNOS”

Em Palmela, uma pequena vila encantadora entre as vinhas de Portugal, emergiu uma história inspiradora que ilustra o impacto da Revolução dos Cravos não apenas na política, mas também no sistema educacional. Teresa da Silva, 79 anos, cujo compromisso

som de buzinas, músicas e vozes, “fiquei com o coração nas mãos com a algazarra que havia na rua”. Era o eco da Revolução dos Cravos, um evento que transformaria não apenas o país, mas também a vida de Teresa. Ao sair, a professora encontrou Palmela num clima de euforia e festa onde “todas as pessoas

com uma educação de qualidade tentou sempre resistir às restrições impostas pelo regime autoritário que dominava Portugal. Na véspera do 25 de Abril de 1974, circulavam na cidade os rumores de uma mudança iminente, o que fazia com que “toda a gente ficasse com receio do que poderia vir”. Ao acordar na manhã seguinte, foi surpreendida pelo

trocavam abraços e sorrisos, era como se lhes tivessem tirado um peso dos ombros”, afirma com um sorriso no rosto. Como educadora comprometida, Teresa percebeu imediatamente que a liberdade recém-conquistada abriria portas para transformações no sistema educacional, “podia finalmente ensinar o correto aos meus alunos”. Nos dias que se seguiram



à Revolução, a na altura jovem e outros professores juntavam-se em discussões sobre a reforma do currículo, na procura de uma abordagem mais progressista. Antes a escola era um local de aprendizagem restrita, tornou-se um espaço de diálogo aberto, onde alunos e professores “podiam expressar livremente as suas opiniões e ideias” referiu Teresa

alunas a sonharem além “de serem mais uma simples dona de casa”. Recorda com alegria o momento em que foi abordada por um aluno “disse-me que agora podia sonhar sem medo”, essa frase marcou-a bastante e motivou-a a continuar a trabalhar para que cada aluno se sentisse capaz de sonhar alto. A história de Silva é um exemplo vibrante de como indi-

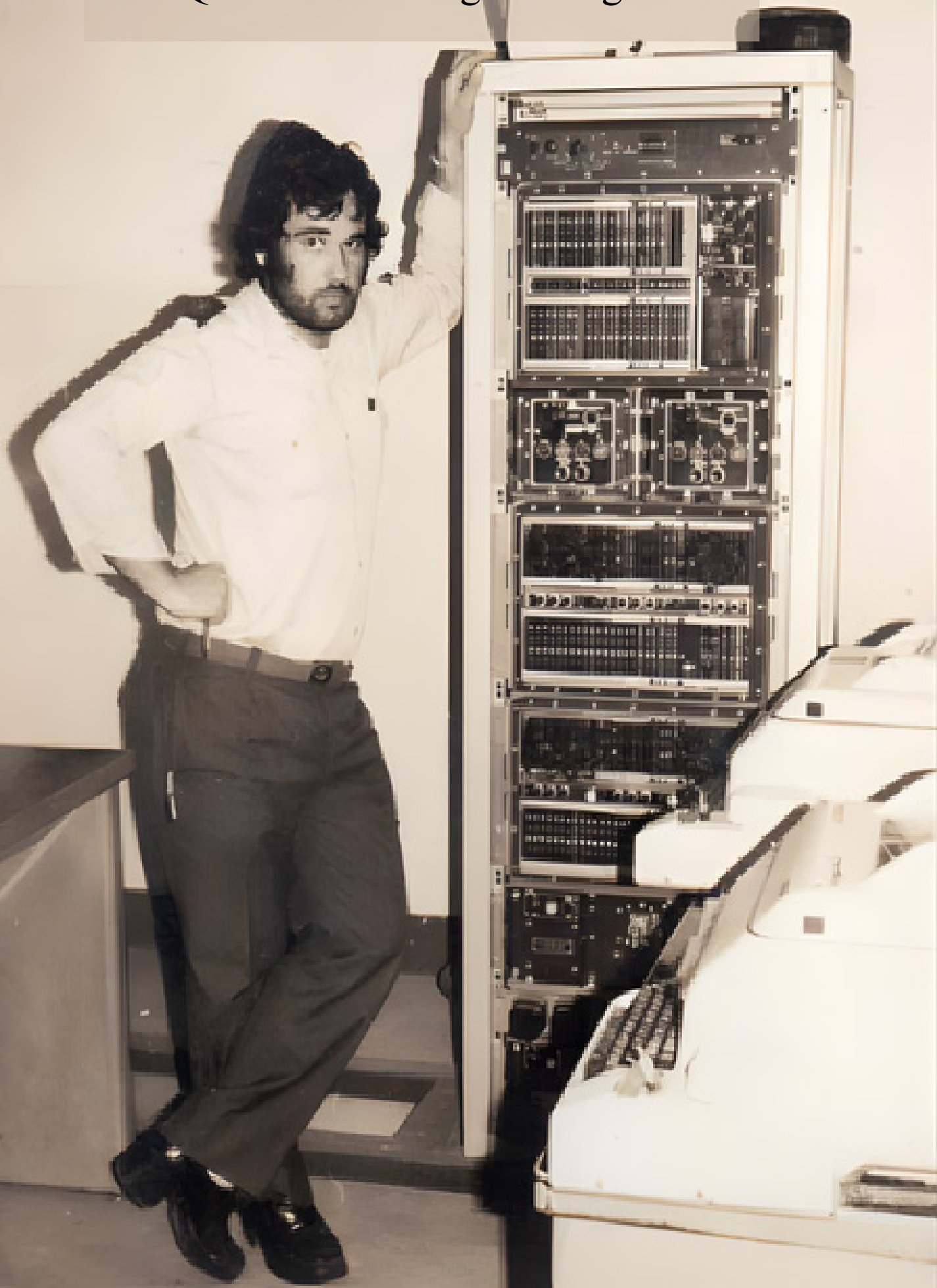
“Disse-me que agora podia sonhar sem medo”

com um sentimento de alívio. A transformação não foi apenas educacional, mas também emocional, “os alunos não tinham mais medo de expressar quem eram, pareciam completamente livres” [projeta um suspiro]. Teresa liderou projetos para promover a igualdade de género na educação, inspirando as suas

víduos dedicados podem tornar-se dinamizadores de mudanças sociais, mesmo em meio de tempos desafiadores. À medida que Palmela celebra as conquistas pós-25 de Abril, a contribuição única de Teresa para a revolução educacional permanece como um farol de esperança e inspiração para as gerações futuras.

A MELODIA PROIBIDA

Quando a mensagem chegou



Estava em serviço a fazer o turno da noite no Centro de Comunicações da Força de Fuzileiros do Continente no Alfeite, na madrugada de 25 de Abril de 1974. António Santos Pereira, 68 anos, natural da freguesia da Abela, em Santiago do Cacém relata que estava a ouvir rádio quando começou a ouvir a canção de Paulo de Carvalho, “o que me alertou para que algo estava a acontecer, uma vez que a referida música era proibida”. Ficou apreensivo e rapidamente foi ter com os seus colegas a avisar o sucedido. Na continuidade do seu turno voltou a ouvir outra canção, Zeca Afonso, segunda música proibida. Nesta altura não teve qualquer dúvida de que alguma coisa muito séria estava a decorrer. Sensivelmente, por volta das duas da manhã a sua Unidade recebe uma mensagem do Estado Maior da Marinha para passarem ao estado de prevenção. “Na manhã de 25 de Abril for-

mamos todos na parada onde o Comandante Pinheiro de Azevedo nos informou que estava em curso uma revolução para depor o Antigo Regime,” afirmou. Ficou de prevenção até que que saiu do quartel juntamente com os seus colegas armados para as localidades mais próximas, onde

se podia sentir uma azafama de pessoas de um lado para o outro questionando o que se passava. Revelou que ficou três dias sem dormir, pois, tinha de dar apoio de rádio às Companhias que estavam a fiscalizar as ruas. António Santos Pereira considera que, inicialmente, teve algumas dúvidas sobre o acontecimento, “apesar de não haver derrame de sangue foi complicado a nível militar na disputa com os

“O que me alertou para que algo estava a acontecer, uma vez que a referida música era proibida”

elementos da PIDE”. Porém, na sua perspetiva, acredita que o 25 de Abril foi importante porque desmoronou a Ditadura de Salazar, dando liberdade a um povo. Acrescentou que no Alentejo existiram alguns episódios infelizes colocando elementos partidários em contraposição, depois da Revolução. No final de quase 50 anos de Democracia, António Pereira, dá por certo que o país está melhor, contudo, ainda existem muitas dificuldades em manter-se igualitário, “há avanços e recuos com algumas crises políticas”. Para este

Fuzileiro da Marinha, reformado, quando colocada a questão como define Democracia, António sorri e menciona como sendo um regime político, os cidadãos têm direitos e deveres e devem ter participação cívica, “A Democracia abrange as condições sociais, económicas e culturais”.

Calma durante a Revolução

Uma alegria que ainda estava para sentir

A Revolução dos Cravos foi um momento de emoções fortes e difíceis de conter, alguns celebraram desde o primeiro instante, outros não sabiam o que celebrar. Eulália Nobre, 71 anos, recorda-se perfeitamente do 25 de Abril especialmente pela surpresa que sentiu porque, “não fazia ideia que ia acontecer alguma coisa”. Foi a caminho do trabalho, no autocarro, que começou a sentir algo no ar, pois as músicas que passavam na rádio denunciavam um futuro acontecimento, afirma, “não liguei nenhuma”.

Durante toda a viagem, manteve-se calma e sem qualquer preocupação mesmo depois de ouvir o comunicado das Forças Armadas. Quando chegou ao trabalho, finalmente questionou os colegas e sem uma resposta concreta, apenas sobrou um pensamento: “sou tonta, não há nada e estou a inventar”. Sentia uma enorme dificuldade em identificar o que se passava e então decidiu ignorar, até à chegada de um colega que lhe contou que tinha havido um golpe de estado. Reagiu com a maior tranquilidade à informação, “Pois, se calhar é isso” [risos]. Sabia que o país não estava bem, mas “não percebia que era a política que determinava isso”, levando-a a questionar o motivo de uma

revolução. Enquanto o dia passava sentia a alegria dos colegas, tão intensa que quase se tornava palpável, mas uma coisa não mudava em Eulália, sentia-se alegre pela felicidade dos outros, mas era incapaz de se sentir assim pelo acontecimento em si, porque não tinha consciência de que havia acontecido algo de tamanha importância e que iria mudar o país. Sem perceber o que o futuro lhe reservava depois da Revolução, continuou a trabalhar como se fosse um dia normal, pois não percebia a alegria que pairava no ar. Hoje, ao olhar para trás,

os seus sentimentos mudaram por completo, agora percebe a necessidade da Revolução porque, “o 25 de Abril foi a nossa libertação, se não houvesse 25 de Abril, nós não estávamos aqui com esta conversa” e é com a alegria que há 50 anos não conseguiu expressar, que celebra este dia histórico. Eulália,

a personificação da calma, receia que as gerações futuras não consigam perceber a importância da Revolução afirmando que “já nem a vossa geração sabe bem o que isso é”, entre gargalhadas, reconhece que Portugal não se encontra numa boa situação, mas “estaria bastante pior”. Refletindo sobre o estado atual do país em que nasceu, mantém-se calma tal como há 50 anos se manteve.

“Já nem a vossa geração sabe bem o que isso é”





TONS DE VIDA

A JORNADA DE UMA FAMÍLIA NUMEROSA

Os corredores da Escola Conde Ferreira guardam como os alunos viveram a eclosão do 25 de Abril de 1974, testemunhada pelos olhos atentos de Vítor Oliveira, 64 anos, que vivenciou enquanto concluía o sexto ano. Um turbilhão de eventos incomuns veio a alterar a rotina tranquila da escola, que se confirmou quando se ouviu nos céus de Santiago do Cacém os helicópteros, prenunciando mudanças iminentes. Às doze horas, no meio de uma aula, os alunos foram repentinamente dispensados. Para Vítor, foi o começo de um acontecimento que mudaria a sua vida. “Quando cheguei a casa é que a minha mãe me contou, mas quando o meu pai chegou do trabalho é que nos informou ao certo do que se estava

“Recordo-me que usava umas botas que estavam rotas e do meu pai colocar jornais a fazer de palmilhas para se aguentar”

a passar, ou seja, uma revolução”, recorda, cuja infância naquela vila foi o reflexo das dificuldades vividas durante a Ditadura. Numa família de nove filhos, o sustento era um desafio constante, mas nunca passaram fome, uma tarefa difícil para que não faltasse o essencial para si e para os seus irmãos. “Recordo-me que usava umas botas que estavam rotas e do meu pai colocar jornais a fazer de palmilhas para se aguentar”, ecoando a perseverança que marcou o seu passado. O cenário de festa invadiu as ruas de Santiago, a população, se-

denta por liberdade, celebrava a conquista da Democracia com entusiasmo contagioso. Contudo, para a família a transição implicou ajustes profundos, o seu pai ainda vendia castanhas, para que pudesse enriquecer a mesa. As preocupações com a segurança, entrelaçadas com a incerteza do futuro, assombravam os dias pós-Revolução. Os irmãos mais velhos contribuía para o orçamento familiar com os seus trabalhos. “Eles foram fundamentais”, admite, reconhecendo o papel crucial desempenhado por cada membro da família, a mudança

foi tangível. A educação, antes um luxo distante, tornou-se mais acessível, “minha mãe costurava as nossas roupas, inclusive as batas brancas da escola”, revela, destacando a transição de um tempo em que a exigência

do governo era um fardo pesado sobre todas as famílias, como a sua. As relações também se transformaram: “isso começava logo pelo regime que tínhamos, não tínhamos liberdade sequer para abrir a boca e isso foi mudando”, relembra, apontando para um tempo em que as palavras agora soam ressonantes. O testemunho de Vítor Oliveira é mais do que um relato pessoal, é um capítulo vivo e tocante da história de um país que emergiu das sombras da opressão para abraçar a luz da Democracia, transformando a vila de Santiago do Cacém.

Seixal

RECEITA PARA SALVAR O PAÍS

O 1º PASSO É AVARIAR UMA FRAGATA



Trabalhar num estaleiro naval passa por construir e reparar navios, mas e se um dia, para ajudar a salvar o país, fosse preciso provocar uma avaria. Nuno Machado, 75 anos, trabalhou no estaleiro do Alfeite, em Almada, o famoso local onde o primeiro-tenente Ramiro Soares Rodrigues engendrou o plano de “avariar” a fragata Sacadura Cabral, no dia 25 de Abril de 1974, o dia da Revolução. “Entrávamos às 8 e quando chegámos aos portões, estavam fechados”, foi assim que começou o dia dos trabalhadores do Alfeite. Um dia que se-
ria como todos os outros, de portões encerrados, não podiam trabalhar

e somente às 17 horas, abandonaram o seu local de trabalho “eufóricos com as notícias que circulavam” [esboça um sorriso]. Nuno afirma que a Revolução foi a melhor coisa que podia ter acontecido ao povo português, mesmo defendendo que “a Revolução fosse só para os militares”. Após 48 anos a sofrer com a ditadura e, conseqüentemente, a censura, aponta a chegada da liberdade de expressão como a situação mais impactante que o 25 de Abril lhe trouxe, porque viveu durante todos esses anos angustiado e com medo da PIDE. Tal li-

berdade, permite-lhe contar o seu ponto de vista sobre a famosa fragata Sacadura Cabral, que Ramiro Rodrigues avariou, quando recebeu ordens para se posicionar em frente ao Terreiro do Paço, com o intuito de acabar com os revolucionários. Machado acredita que o plano de avariar a fragata, por não ter sido previamente planeado pelos capitães, foi “um golpe pessoal à ditadura” por Ramiro. Sem essa iniciativa, tudo o que fora construído pelos restantes capitães de abril seria destruído, juntamente com o plano de salvar o país da prolongada ditadura, que “silenciou o

povo português” por quase cinco décadas. Mesmo considerando a fragata

“Um golpe pessoal à ditadura”

como um ponto importante para que a Revolução se “mantivesse de pé”, não deixa de enaltecer Salgueiro Maia como o principal herói do dia, juntamente com os restantes capitães, que “fizeram um bom planeamento e uniram-se no secretismo”, de modo, a que ninguém previsse o que estava para acontecer. Nuno, ao lembrar o seu tempo no Alfeite, atormentado pela ditadura, afirma que valeu a pena lutar pelo 25 de Abril e que se “Portugal voltar ao 24 de abril”, que voltem a avariar uma fragata para salvar a liberdade neste país.

QUANDO SE PRECISA DE UM LÍDER

UMA MULHER TAMBÉM O CONSEGUE SER



Todos os barcos têm um capitão para liderar a tripulação, mas se o suposto líder saltasse fora, quem iria segurar a embarcação? Odete Filipe, 74 anos, esteve numa situação similar, em que o patrão da empresa na qual trabalhava, abandonou o leme e deixou toda uma firma à deriva. O 25 de Abril marca no mapa a tentativa do naufrágio de uma equipa que podia ter afundado, mas não afundou. Ao fim de dois dias, diz que “o patrão tinha ido para o Brasil”, deixando os trabalhadores a dirigir a empresa de telecomunicações. A seixalense tinha 25 anos quando se deu a Revolução que a deixou, juntamente com muitas colegas, sem alguém que lhes pagasse o salário, assim, reuniram-se e “decidimos que não íamos fechar”, por ser a única fonte de rendimento dos trabalhadores. Entre 1974 e 1975, muito mudou graças à Revolução e às pessoas que nela ganharam forças e lutaram, para se fazer sentir as mudanças necessárias em Portugal, das quais realça as eleições livres em que “finalmente o voto é igual para todos” [emociona-se]. O barco que finalmente navegava ao ritmo dos ventos da mudança, em 1976 é novamente danificado pelo canhão de um barco que não esperava reencontrar, o patrão que tinha voltado do Brasil e queria recuperar o seu tesouro, a empresa que abandonou. O primeiro governo constitucional abalou o que tinha sido reconstruído depois do 25

“Houve muita coisa que não conseguimos, mas eu valorizo o que conquistámos”

de Abril, ao devolver aos patrões o que já não deveria ser deles. A tripulação não fraquejou, mas foi ameaçada de um despedimento geral “a condição do patrão era que fosse toda a gente para a rua, fosse tudo despedido”, mas Odete, em conjunto com a equipa com a qual enfrentou e reconquistou o legado da empresa, não cedeu e ao longo de um ano estiveram em greve que significou “um ano sem um tostão”. Decidiu que desistir do que alcançou não era uma hipótese, chegando ao ponto de conquistar mais um grande feito, ser presa duas vezes em apenas um dia, mas nunca sozinha, porque a equipa esteve sempre lá, até na prisão. Ao recordar-se da época em que a liberdade se instaurava em Portugal, Odete afirma que sempre tentou ter um papel na mudança de mentalidades: “sempre lutei pela igualdade”. Reconhece o legado que deixou em conjunto com tantas outras mulheres, mas insiste que “houve muita coisa que não conseguimos, mas eu valorizo o que conquistámos” referindo-se sempre no plural, porque nada se conquista sozinho.

GUILHERME CABRAL / RUI MORAIS

“Foi a minha maior conquista”

“Estava na minha sala deitada com a minha filha ao pé e com o meu ex-marido” é o que diz Mécia Campos, 77 anos, quando questionada sobre onde estava no dia 25 de Abril de 1974. A maior parte das mulheres portuguesas da época experienciavam uma vida que nem sempre seguia os caminhos que eram planeados por elas. Contudo, com a queda do regime devido à Revolução dos Cravos, tanto ela, como as restantes milhares de outras mulheres, puderam ter a possibilidade de serem donas do seu próprio destino. Antes da Revolução, trabalhava em casa como costureira, mas tinha a ambição de evoluir a sua vida profissional e trabalhar noutra área e noutro local, o que, naquela altura, era algo quase inatingível, pois só tinha o 4º ano de escolaridade, uma vez que “antes não se podia estudar como se pode atualmente”, visto que “havia poucas escolas e saídas” e “o ensino não era obrigatório”. No dia histórico, houve quem tenha saído à rua para se manifestar e dar o seu apoio à Revolução, mas houve quem tenha preferido ficar em casa e acompanhar tudo pela televisão. Foi o caso de Mécia que, juntamente com a sua filha de quatro anos e o ex-marido na sala de estar, decidiu acompanhar o desenrolar do Golpe de

“Antes não se podia estudar

A realização pessoal de Mécia Campos

Estado pela TV, desde manhã até à noite para saber como este evoluía. “Estivemos o dia e noite toda acordados para ver como se desenrolava o Golpe de Estado”. No entanto, não deixou de ver a grande movimentação que havia nas ruas do Seixal com centenas de pessoas a celebrarem o que estava a acontecer. Após a Revolução, a sua vida mudou drasticamente, podendo voltar aos estudos, completando, então, o 12º ano e, posteriormente, concorrer a cargos de trabalho que antes pensava nunca conseguir alcançar, como ser trabalhadora nas finanças. Trabalhava durante o dia e estudava durante a noite, algo que afirma não ter sido nada fácil. Porém, com um brilho no seu olhar, reforça as conquistas que a Revolução lhe trouxe dizendo que “foi a liberdade de, finalmente, poder fazer coisas de que gostava e de evoluir a minha vida. Foi a minha maior conquista”. 50 anos depois, Mécia vê o país “mais evoluído e muito melhor do que aquilo que era antes da Revolução” e que mesmo estando mil vezes melhor, espera que, daqui a 50 anos, esteja ainda melhor, chamando à atenção para se ter cuidado com os partidos de extrema-direita atuais, para não se correr o risco de voltar atrás no tempo. Por fim, Mécia Campos resume numa frase o dia 25 de Abril de 1974 ao dizer que foi “a realização popular”.

como se pode atualmente”

DIOGO PAIS / LENICE RUBIO

MEMÓRIAS PINTADAS COM A ALMA

ALEXANDRE PINHEIRO JÁ SABIA DE TUDO



©CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO 25 DE ABRIL

Os burburinhos da Revolução não foram uma surpresa para todos. Enquanto uns teciam em segredo os fios da mudança, outros simplesmente concordavam em saudar, o que traria a tão ansiada liberdade a Portugal. Alexandre Pinheiro, 73 anos, conheceu o plano engenhoso deste dia histórico antes mesmo da sua concretização, afirmando ter sido o seu camarada, Pina Monteiro, quem o abordou em voz baixa “estamos a preparar um movimento, quero saber se tu alinhas?”, lembrou euforicamente. O então militar que viria a contribuir para a libertação da Ditadura, já teria comandado um grupo de 25 homens na Guerra Colonial em Angola, durante dois anos. Saliendo as dificuldades que ultrapassou, recorda inquieto

o momento traumático em que pela primeira vez, disparou mortalmente sobre um jovem guerrilheiro. Controlando as suas emoções, cita ainda ter memória do rosto e das palavras daquele rapaz, o que o motivou a escrever o livro “A Arma”, eternizando as suas memórias em papel “a imagem deste rapaz perturbou-me imenso, daí a necessidade que eu tinha em fazer-lhe uma homenagem e a todos aqueles que sofreram com a guerra”, acrescenta. De regresso a Portugal, o ex-combatente não era o mesmo de antigamente “o rapazinho que eu era, bem-disposto, jovem estudante e que cantava com os amigos, foi se transformando em

**“O rapazinho que eu era,
bem-disposto, jovem estudante
e que cantava com os amigos,
foi se transformando em um
menino quase sem emoções, frio”**

um menino quase sem emoções, frio”, aponta ter sido o percurso como professor de Educação Física o que o ajudou a dissipar muitas dessas imagens que recordava da guerra. O seixalense revive a participação no 25 de Abril e nos dias posteriores, preenchendo o amplo gabinete com inúmeras lembranças. A sua primeira missão terá sido dirigir-se ao Ministério do Exército para prender Alberto de Andrade e Silva, a qual acabou sendo rotulada como fracassada, pois o ministro escapou. Foi ainda neste dia ao dirigir-se ao Ministério das Finanças para tomar rédeas entre os funcionários públicos, onde foi bastante respeitado “Aí

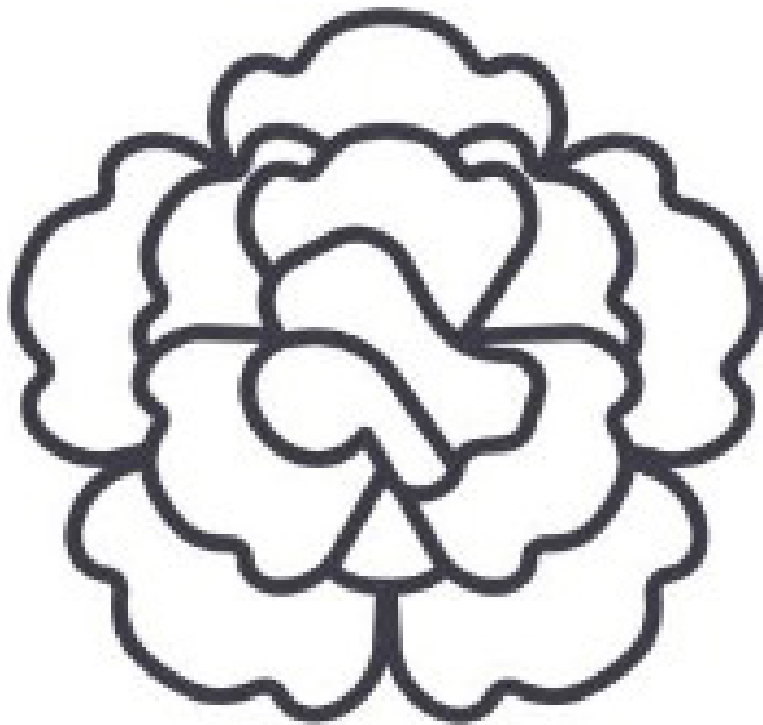
eu convenci-me, tínhamos isto nas mãos.”, descreveu entusiasmado. Cinco dias após o Golpe de Estado, Pinheiro integrou a guarda militar incumbida de receber e proteger Álvaro Cunhal,

dirigente do PCP na época. Recorda vividamente o momento em que conduziu Cunhal para uma “salinha” reservada após o seu desembarque, descrevendo depois o trajeto até uma chaimite, onde Cunhal proferiu o seu primeiro discurso. Entre o encontro com Mário Soares e Salgueiro Maia, reforça a devoção do povo aos militares no dia primeiro de maio. Por detrás de inúmeras vivências, Alexandre ainda se deixa tomar pelas memórias da Guerra Colonial “hoje ouvi um helicóptero perto de casa e automaticamente entrei em transe”, recordando que nem tudo se foi com o tempo.

RUI MORAIS / PATRÍCIA TEIXEIRA

A PREOCUPAÇÃO DE ALZIRA

“Tinha ali tudo o que me importava”



Alzira Samora não ligou o rádio na manhã de 25 de Abril de 1974, tinha ido para a cama cedo no dia anterior e não tinha ouvido o que se passara na madrugada. Não trabalhava, era “apenas uma dona de casa”, estava, por isso, a ter mais um dia normal, a cuidar da casa e do seu filho de apenas um ano. Quando saiu para ir à padaria, isto mudou, “aqui no Seixal só se olhássemos bem para as pessoas é que reparávamos”. Sublinha que apenas tomou conhecimento da Revolução porque encontrou uma amiga que lhe contou o que ouvira na rádio na madrugada anterior, “até pensei que ela estivesse a brincar comigo, ela era dessas coisas, mas quando cheguei à padaria só se falava nisso”. “Ficámos todos muito espantados, não estávamos à espera” afirma ao recordar o momento que viveu com o filho nos braços. Lembrou-se, imediatamente, do seu marido que, na altura, estava a trabalhar em Lisboa “estava muito nervosa por ele, nós, em casa, nem sabíamos bem o que se estava a passar ... se era violento ou não”, não tinha forma de o contactar, resolveu ir para casa tentar saber mais, através da televisão ou da rádio. “Estava demasiado impaciente, havia coisas que eu nem percebia” explica, salientando que há muitos aspetos desta altura que não se lembra nitidamente e que isto pode ter sido a forma

“Comecei a valorizar mais a minha liberdade... sempre soube que não era livre, mas nunca fiz nada por isso, hoje luto por mim”

do seu cérebro “lidar com a preocupação”. Decidiu distrair-se, sem sair de casa, visto que “tinha ouvido que não podíamos sair de casa e não queria problemas”, desligou os aparelhos e começou as tarefas domésticas. Quando olhou para o relógio já passavam trinta minutos da suposta hora de chegada do marido, foi aí que “o coração quase me saltou do peito”. Afirma que nem conseguia assimilar que estava “finalmente livre” por não saber o que se passava com o seu parceiro. Duas horas depois da hora prevista, finalmente, chega a casa: “ele tinha um brilho nos olhos que eu só tinha visto uma vez ... no dia em que nos casámos”.

Manuel Samora vinha em êxtase, tinha visto as pessoas na rua, tinha-se mesmo juntado a algumas, sabia que, agora, era livre para fazê-lo “eu vivi tudo em casa, ele esteve lá e eu é que precisei que ele me consolasse”, afirma Alzira. A partir deste momento, lembrou-se que tinha de festejar e aproveitar aquele momento, mas, apesar da vontade que Manuel tinha de sair pelas ruas do Seixal a gritar pelo desencarceramento que estavam a experienciar, decidiram continuar em casa com o seu filho, “tinha ali tudo o que me importava”. A Revolução dos Cravos mudou completamente a vida de Alzira Samora: “comecei a valorizar mais a minha liberdade... sempre soube que não era livre, mas nunca fiz nada por isso, hoje luto por mim”, garante.

Os cravos na lente de um retornado

“Ofereci uma garrafa de aguardente a troco da minha família”



Carlos Fernandes nasceu no Funchal, onde viveu com os pais e irmãos até que a vida lhe mudou os planos. Com apenas 16 anos, foi obrigado a entrar no mercado de trabalho para ajudar financeiramente a família e foi sozinho para Luanda, capital de Angola, onde, trabalhou como mecânico e, com cerca de 21 anos, começou a construir uma família até a situação colonial o ter obrigado a sair do país. “Sair de Angola foi uma decisão muito difícil, mas inevitável”, expressa, tendo em conta o perigo que significava para si e para a sua família permanecer no país. “Lá não sabíamos de Revolução nenhuma,

e, quando passava pelos militares, mostrava com medo”, acrescentando, “a única coisa que trazia era uma garrafa de aguardente e, a uma dada altura, foi aquilo que nos salvou... ofereci uma garrafa de aguardente a troco da minha família”. Quando chegou a Portugal, Carlos foi morar para a Portela, onde dormia sobre algumas folhas de jornal no chão e, mais tarde, “vendia discos na zona do Cais do Sodré para meter comida na mesa”. A situação manteve-se desta forma durante meses. “Num café, como não tínhamos dinheiro, pedi a um senhor para ver o emprego que ofereciam num jornal”, acrescentando, “fui a uma entrevista para ser eletricitista com a minha mulher e filhos

“É muito bom podermos ser livre agora, mas ninguém fala sobre as pessoas que perderam tudo com a Revolução”

aconteceu tudo de um dia para o outro”. Conta também que vivia muito bem em Angola, “acho que se não fosse pela guerra, estava lá até hoje... era feliz, tinha trabalho, mulher, filhos”. Segundo retrata, nunca viu algo tão violento, “passava de carro e via pessoas na beira da estrada, mortas... algumas decapitadas, nunca vi algo igual”, completando com uma reflexão sobre outros conflitos relevantes na atualidade, “é muito difícil ver o telejornal, o que está a acontecer na Palestina, custa muito porque estar no epicentro de um conflito é uma grande sensação de desespero”. “Levava no carro dois crachás, da UNITA e do MPLA

e lá, viram que eu precisava de emprego para ajudar a minha família e consegui-o”. O 25 de Abril foi, para si, um evento que testemunhou indiretamente, “é muito bom podermos ser livres agora, mas ninguém fala sobre as pessoas que perderam tudo com a Revolução”. Termina, lembrando aquilo que viveu e a situação em que se encontra atualmente, “Hoje em dia vivo mais confortavelmente, mas foram tempos muito difíceis... A Revolução foi feita em nome da igualdade e liberdade mas a verdade é que a liberdade e igualdade ainda não existem, a Revolução não foi feita a pensar em toda a gente”.



UM OCEANO DE LIBERDADE

O OFICIAL DE EXÉRCITO QUE VIU O PAÍS EMANCIPADO

Armando Faria, militante do partido comunista português e oficial do exército, destacado em Angola, relata que só soube da Revolução dos Cravos dois dias após o acontecimento. Depois do 25 de Abril o seu pai escreveu-lhe um telegrama a contar “as coisas bonitas da Revolução”, à distância de um oceano. No Leste de Angola, por onde permaneceu durante dois anos, viu em Portugal uma Revolução da qual não podia sentir o cheiro nem o gosto. Em dezembro volta a pisar terras lusitanas, libertas de uma prisão ditatorial que durava há mais de quatro déca-


das. Junto de camaradas do exército, comemorou euforicamente, a liberdade do país, um regime que o obrigou a manter-se longe da família e amigos. Após a confirmação que a ditadura tinha terminado gerou-se um clima de incerteza nas colónias portuguesas. Para este oficial, o Partido Comunista, do qual é militante desde o final da década de 70, foi a “única força política estruturada” que lutou contra o Regime Salazarista. Relata que muitos jovens desertavam para “fugirem” à guerra, mas quando se militavam no partido comunista português, os mesmos eram incentivados a ir para as colónias, não pela colonização, mas sim para propagar os ideais comunistas e in-

dependentistas. Regressa a Portugal em dezembro de 1974 e recorda-se de reaver amigos, alguns com quem tinha estudado e outros que tinham estado a prestar serviço militar na Guerra Colonial. Refere, ainda, que as cidades de Almada e Seixal tinham, mesmo que clandestinamente, uma participação e mobilização ativa muito forte na política para os padrões da época. Mesmo com a Revolução dos Cravos, a liberdade, democracia e ação política nacional não eram suficientes para melhorar as condições da população. Na época houve uma alteração na proteção social, um aumento significativo do salá-

rio mínimo taxado nos 3.000\$00 escudos, que hoje seriam 15 euros; o sistema

“As coisas bonitas da Revolução”

de Segurança Social defendia e protegia mais os trabalhadores, entre outros, foram marcos históricos para o desenvolvimento nacional, afirma. Contudo, quando olha para os tempos atuais “temos grandes problemas”, acrescenta e teme um retrocesso, mesmo mantendo uma visão otimista sobre o futuro. Acredita, ainda assim, que é um ciclo e que se fará novos avanços e melhorias nas condições de vida, não perdendo a esperança. Envolto de risos e hesitações “nada está garantido e tem de haver um constante progresso, luta e a reconquista de direitos, 25 de Abril sempre!”, conclui.



**UM PRIMEIRO CONTACTO
COM A LIBERDADE**

O BARULHO DAS RUAS DE SESIMBRA

Numa hora recheada de risos e sorrisos, José Moreira recorda um dos dias mais inesquecíveis da sua vida,

tal como o próprio faz questão de referir: “Foram momentos de alegria únicos, só semelhantes ao nascimento do meu filho”.

Durante os festejos da liberdade, José não foi apenas um mero espectador, foi sim, um participante ativo, procurando sempre saber mais informações daquilo que se passava. Com dois amigos percorreu as ruas de Sesimbra, imersos na atmosfera da Revolução, onde cada avenida vibrava com a energia

da liberdade recém-conquistada: “Na altura, encontrei-me, sem querer, com dois amigos e passámos o resto do dia juntos, só que não conseguíamos falar, não nos ouvíamos muito bem, em algumas

ruas só se ouvia barulho. [ri-se]”. O fervor espontâneo das manifestações contagiava qualquer um, ainda assim, muitas pessoas dirigiram-se para a capital, acreditando que ali poderiam passar melhor o dia, contudo, José não se arrepende “nem um pouco” de ter permanecido em festa na sua cidade natal. Todos os instantes foram felizes, mas decidiu realçar o momento em que lhe chegou a informação de que o (ex) primeiro-ministro, Marcello Caetano, estava cercado: “quando soubemos que foi cercado o espaço a Marcello Caetano

no Carmo, saltei para as cavalitas de um deles [ri-se], sabíamos que ele já não podia fazer nada, tinha um país inteiro contra ele”. José considera, ainda, a ausência da polícia política como um dos fatores mais importantes para o desencadeamento da Revolução nas ruas: “não vi um único PIDE e isso deixou-nos muito à vontade para dizer e fazer o quer que fosse”. A partir daí, José Moreira sentiu uma transformação profunda na sua vida: “Passei a dispor de muito mais liberdade de ação em todos os sentidos. Comecei, também, a intervir na resolução de questões sociais

prementes e a participar sindicalmente para fazer valer os meus direitos”. Para além disso, o senhor decidiu deixar uma mensagem para as “gerações pós-abril”, sublinhando a participação cívica: “Não

“Não aceitem nunca, mas mesmo nunca, qualquer ditadura, seja de que cor ela for”

aceitem nunca, mas mesmo nunca, qualquer ditadura, seja de que cor ela for [pausa] e, por favor, participem ativamente na vida política e pública”. A atmosfera única de Sesimbra, durante o dia 25 de abril de 1974, tornou-se um capítulo singular no livro de memórias de José, onde cada gargalhada e cada abraço, tornaram-se fragmentos imortais e intocáveis da sua experiência. Neste capítulo de uma estória tão especial, fica marcada uma frase que reflète a união de um país: “Eu senti a Revolução como poucos, aliás, como muitos”.

A realidade amarga de um retornando



“Para mim, a Revolução não valeu a pena”

Maria Carolina é uma das muitas retornadas que veem no 25 de Abril, não uma revolução que trouxe liberdade, mas um evento histórico que marcou a sua vida negativamente. Nascida em Angola, natural da Gabela, vivia numa fazenda com os pais e irmãos. Lá, casou-se e teve a primeira filha alguns meses depois da Revolução que lhe arrancou tudo o que tinha, “fomos corridos de lá e só levámos a roupa que tínhamos no corpo e uma bebé nos braços”. Conta que soube da Revolução no leito de morte do pai, internado em Portugal, “o meu pai morreu 2 dias de cá estar [Portugal], mandámos o corpo para Angola e ainda lá está”, expressando a dor de ter sido separada do próprio pai tão cedo no processo de luto. “Estive muitos anos sem ir a Angola, foi bom tornar a sentir o cheiro de África”, recorda sobre a viagem que fez

em 2012, “fui muito bem recebida, mas não era a mesma coisa, ver as coisas todas abandonadas [pausa], os meus pais tinham fazendas de café, já não havia café, tratores, máquinas agrícolas, tudo destruído, custou-me imenso”. Em relação a Portugal, não acredita que, nos últimos 50 anos, a evolução tenha sido significativa, “em relação às pessoas, acho que não mudou nada, eu por exemplo, tenho um sotaque de África, basta falar que as pessoas olham e começam a cochichar”, afirma. Completa enumerando outro fator que, na sua opinião, não evoluiu: “a

“Os meus pais tinham fazendas de café, já não havia café, tratores, máquinas agrícolas, tudo destruído, custou-me imenso”

política continua a mesma”, constata, criticando de seguida os governantes atuais, “temos que escolher caras novas para ter um país diferente”. “Para mim, a Revolução não valeu a pena [segue-se um silêncio] acho que as medidas deviam ser todas por igual, e não foram”, diz, apontando algumas questões que podiam ser alteradas, nomeadamente, na agricultura, que era a mão de obra mais comum do seu tempo: “Há terrenos abandonados, as pessoas que não querem esses terrenos, não os deviam ter, deviam deixar pessoas que querem trabalhar os terrenos pôr o país a desenvolver”. Revoltada,

Maria Carolina critica a dependência subsidiária da “gente que não quer fazer nada”. Acredita ainda, que, se a descolonização fosse feita de uma maneira mais organizada e a Revolução de outra maneira, teria sido melhor para todos, “as pessoas fugiram de uma guerra com

o que tinham no corpo, e havia pessoas que preferiam lá ficar, se tivessem condições”. De seguida, questiona se pode dizer algo polémico: “Sou contra a ponte se chamar 25 de Abril, foi Salazar que mandou construir e, por isso, a ponte devia continuar a ser Ponte Salazar, se querem fazer uma ponte 25 de Abril, mandem os que fizeram o 25 de Abril construir uma ponte!”, encerra, afirmando que acredita não ser a única com estes pensamentos, “quem pensa de forma diferente, se calhar recebeu subsídios, eu nunca recebi nada de Portugal”.

MARÉS DE TRANSFORMAÇÃO

O pescador e a viragem que ondudou



Em Sesimbra, onde o oceano é o maestro que regula a vida, Álvaro Pesqueira, 67 anos, era na altura um jovem pescador que se tornou símbolo de resiliência durante a Revolução dos Cravos. Crescendo sob a melodia das ondas e com o cheiro do mar salgado impregnado nas roupas, Pesqueira viveu uma jornada que se entrelaçou com os eventos marcantes de Abril de 1974. Filho de pai pescador, aprendeu desde cedo os segredos das redes e as variantes das marés. No entanto, apesar da aparente serenidade do ambiente, a ditadura que pairava sobre Portugal era um fardo sentido por todos. O espírito inquieto de Álvaro encorajava-o a sonhar com um Portugal onde as oportunidades não fossem sufocadas por estruturas

“Depois da queda da ditadura foi tudo muito complicado, mas tornou-nos mais fortes”

opressivas, “sempre me perguntei como seria ser verdadeiramente livre”, afirma. Quando o 25 de Abril finalmente chegou, trouxe consigo a promessa de uma nova era e, viveu uma mistura intensa de entusiasmo e ansiedade. Enquanto os seus colegas se dedicavam às tarefas habituais de reparar redes e preparar barcos, o jovem pescador escolheu um caminho diferente. Com a ditadura derrubada, Pesqueira não se acomodou, participou ativamente das reuniões

comunitárias que se tornaram parte integrante da nova rotina, discutindo fervorosamente como aproveitar a liberdade recém-conquistada para construir uma vila mais justa e próspera. A transição para a democracia não foi isenta de desafios, incertezas e tensões permearam o caminho, mas Álvaro e os seus companheiros perseveraram, “depois da queda da ditadura foi tudo muito complicado, mas tornou-nos mais fortes”, [suspira enquanto olha para o lado]. Ao longo dos anos, testemunharam melhorias notáveis na vida dos pescadores, como

oportunidades de pesca mais justas e uma distribuição correta dos recursos. Pesqueira tornou-se não apenas um pescador habilidoso, mas também um defensor incansável dos direitos da sua comunidade, “acreditei sempre que havia algo melhor para vir”. Ao celebrar o aniversário do 25 de Abril, Álvaro reflete com gratidão sobre o passado. Sesimbra, com águas calmas e praias acolhedoras, transcende a geografia e torna-se um símbolo vivo de resiliência e esperança, a vila piscatória continua a iluminar o caminho para futuras gerações, inspirando a comunidade a navegar em direção a um futuro mais brilhante.

(RE)VOLTA À REVOLUÇÃO

Cravos que seriam mangas



Num dia a “metrópole” está distante, no outro quase tão perto como as mangas que colhia debaixo do sol quente em Moçambique. Conceição Martins, 58 anos, nunca conheceu a ditadura como é contada em Portugal, mas foi a sua queda que lhe alterou o destino. A estória podia ser diferente, mas o seu tempo em Trigo de Morais, a cidade onde morava, não foi longo o suficiente para a contar de outra forma. “Na altura em que lá estávamos, tínhamos uma vida farta”, é assim que descreve o tempo na terra que a viu nascer, terra essa que considerava o seu chão, mas que acabou por desabar por uma revolução, à qual não consegue dar valor. A alegria moçambicana que tão bem recorda, ficou

A alegria moçambicana que tão bem recorda, ficou para trás no país que lhe enche os olhos de lágrimas

para trás no país que lhe enche os olhos de lágrimas. Foi o 25 de Abril que trouxe uma criança de nove anos para “a terra de tijolo” e para perto do povo português, que a julgava por vir de uma colónia, o que dificultou a sua adaptação. Para muitos portugueses, a data histórica é sinónimo de revolução, mas para a sesimbrense nada mais é do que o início da sua revolta interior porque, como afirma “perdi tudo o que tinha”. Passou de brincar nos arrozais da família e colher mangas das árvores sempre

que queria, para estudar no país monótono e desconhecido que era Portugal, a famosa metrópole. É a partir desse momento em que chega ao país que nada lhe acrescenta, que a saudade começa a viver dentro de si, não só da Natureza repleta de animais selvagens do “paraíso na terra”, mas também do pai que deixou para trás e da campa que não voltou a visitar [emociona-se]. A morte do pai, acompanhou-a ao longo dos anos, especialmente por ver a sua mãe num constante luto, com cinco filhos para criar

e sem poder “sentir uma mãozinha de terra” da campa do seu marido, o que era comum para prestar homenagem aos falecidos, especialmente porque “a minha mãe vivia muito os mortos e não se pode despedir do meu pai”.

Enquanto Portugal celebra a data da tão importante liberdade, Conceição reflete sobre a importância de tal acontecimento na sua vida e aí percebe “não me acrescentou muito, só me recordo do que perdi”. A comemoração dos 50 anos de Abril, para ela nada mais significa do que cinco décadas de saudade daquele tempo que já não volta e das memórias que vai esquecendo, mas algo é certo, o tão quente sol de Moçambique nunca brilhará tanto como os olhos de Conceição Martins, quando recorda a sua alegre infância.

Sines

Fernanda Silva, 79 anos, compartilha as suas vivências durante o icónico 25 de Abril em Sines.

Para Fernanda este momento marcante na história, “considerado por muitos como o momento de viragem no país”, trouxe “algumas liberdades, como por exemplo fazer convívios sem nos preocuparmos com a PIDE”, afirma com um sentimento de alívio. Relembrando os eventos com uma clareza impressionante, Fernanda transporta-nos para o turbilhão de emoções daquele dia histórico, “recordo-me vivi-

damente das ruas cheias de gente, uma atmosfera carregada de esperança e ansiedade” relata com um brilho nos olhos. Silva testemunhou de perto a Revolução que marcaria o fim de décadas de regime ditatorial em

Portugal. “Naquela manhã, misturava-se um murmúrio de conversas nervosas, era como se a cidade inteira estivesse em suspense”, descreve lembrando a incerteza que pairava no ar antes do momento decisivo. Descobriu que estava a acontecer algo de estranho naquela manhã pois não ouvia o mesmo movimento dos outros dias, “estava em casa a preparar-me para ir trabalhar, quando saio de casa, e deparo-me com as peixeiras que habitualmente vendiam peixe na rua, começaram a gritar a dizer que havia uma revolução mi-

litar”, expressando um sentimento de felicidade enorme. Ao ouvir isto, e sem perceber o que estava a acontecer Fernanda decide voltar para casa, e acompanhar pela rádio o que estava a acontecer. Sem hesitar em participar nas manifestações, junta-se aos outros corajosos cidadãos que procuravam uma mudança há muito desejada. “Foi um misto de medo e coragem. Sabíamos que estávamos a lutar por algo maior do que nós mesmos, era mais importante que as nossas próprias vidas”, afirma, lembrando da solidariedade palpável entre os manifestantes.

À medida que a Revolução se desenrolava, Sines transformava-se num cenário de esperança e liberdade. “Ver a bandeira atual a substituir a anterior era como testemunhar o crescimento de uma nova era”, partilha referindo-se à substituição da bandeira do Estado Novo

pela bandeira nacional. Para Silva, o legado do 25 de Abril continua a inspirar as gerações mais jovens, “é crucial que nunca esqueçamos o preço da liberdade e que continuemos a lutar por uma sociedade justa, para não voltarmos a uma ditadura em Portugal”. A memória desse dia deve estar marcada na história portuguesa para que as futuras gerações compreendam a importância da democracia, e valorizem sempre o direito ao voto”, conclui Fernanda com uma nota de esperança para um futuro luminoso.

“Ver a bandeira atual a substituir a anterior era como testemunhar o crescimento de uma nova era”

BRUNO MARQUES

A SINFONIA DE FERNANDA

“SABÍAMOS QUE ESTÁVAMOS
A LUTAR POR ALGO MAIOR DO QUE NÓS”



PERSEGUIÇÃO E DESRESPEITO

Os dois lados que marcaram a estória



Quem sentiu na pele a opressão da ditadura, cantou pela libertação no grande dia 25.

Quem foi perseguido pela PIDE, jamais esquecerá o que significa expressar a palavra errada. Quem abusou da liberdade, não percebia o que foi viver com medo. Joaquim Morgado, 79 anos, estava em Angola quando aconteceu a Revolução da qual se lembra perfeitamente, mesmo sem estar no país que o viu nascer. A sua memória de Portugal durante a ditadura aponta para a PIDE, porque “posso dizer que fui um dos elementos que foi perseguido”, perseguição essa

que apenas foi descoberta quando a sua mulher chegou a Angola, e disse que tinham batido à porta de casa para o levar. Foi num dia de trabalho que, por estar a chover, teve de apanhar um autocarro que se atrasou 5 minutos para a empresa,

acabando por lhe descontar 30 minutos no salário. Descontente decidiu falar com o patrão e expor a injustiça, “eu sou uma pessoa ativa nessas coisas e não gostei muito da situação”, bastou um pouco de conversa para perceber que “tinha ficado marcado”, dias depois recebeu uma carta, mas já sabendo o conteúdo rasgou-a sem ler. Assim, por ter mostrado descontentamento para com o patrão, foi acusado de “estar a incentivar as pessoas

para uma greve”, tornando-se num alvo da polícia política portuguesa porque à época qualquer pessoa que mostrasse estar contra um empregador, era visto como “incitador de greves nas empresas”. A memória que o levou a recordar o momento em que quase foi preso e torturado, relembrou-o de como a liberdade foi recebida por alguns compatriotas. Diz que talvez por terem sido oprimidos durante muito tempo, especialmente os homens mais jovens, não souberam delinear o limite entre a liberdade e a falta de respeito, abusando sem noção do que foi conquistado em Abril. “Liberdade é manifestarem-se,

expressarem-se, dizerem o que pensam, não é estar dentro dos transportes a faltar ao respeito [visivelmente incomodado]”, afirma. Ao recordar uma viagem de autocarro para Lisboa, o desconforto na voz

“Os mais jovens deviam fazer mais perguntas aos pais e avós sobre o 25 de Abril, é fundamental”

acentuou-se porque reviveu a imagem de uns jovens a verem “revistas de mulheres todas nuas”, ignorando completamente a consideração pelos outros. Joaquim tem receio que as próximas gerações acabem por esquecer a Revolução e por isso diz: “os mais jovens deviam fazer mais perguntas aos pais e avós sobre o 25 de Abril, é fundamental”, para assim se manter o legado criado há 50 anos, pois cabe à geração atual o papel de “segurar isto”.

GUILHERME CABRAL



©Freepik

“A falta da minha mãe” O que não teve naquele tempo

Exatamente, o dia 25 de Abril de 1974 para Joaquina estava a ser um dia como tantos outros, aparentemente calmo, morava num dos bairros mais típicos da cidade de Setúbal – o Bairro Santos Nicolau. “Apercebi-me pela rádio, nas notícias, que estava a acontecer qualquer coisa, mas não percebi muito bem, acho que era um Movimento que estava a haver, depois o meu pai, que era polícia, acabou por me dizer que estavam a colocar polícias à força dentro dos carros, fiquei assustada!”, afirmou Joaquina. Só mais tarde tomou conhecimento que era uma Revolução. Quando se fala do 25 de Abril de 1974 a sua memória transporta-a, imediatamente, para a

família. Joaquina Duros nasceu no Crato, distrito de Portalegre, há 79 anos, mas com dezoito meses de vida veio viver para Setúbal. Afirmo com muita satisfação que esta é a sua cidade do coração, foi a cidade que a viu crescer e onde construiu a sua família. Relata que foi um período que não gosta de recordar, pois a sua família estava a passar por um período menos feliz. “O meu marido deixou de falar com a minha mãe”, afirmou com uma tristeza profunda. “Foi uma conversa que houve, nem me lembro bem o quê, entre a minha mãe e a minha sogra, pronto foi o suficiente para ele deixar de falar com ela!” Trabalhava na costura e estava grávida do seu primeiro filho, sentia receio. “uma situação normal, era



o meu primeiro filho.”, disse Joaquina, com um brilho nos olhos. Esteve oito anos sem falar com a mãe e era perceptível na expressão de Joaquina que sentia um desgosto profundo pela ausência. Acredita que o 25 de Abril trouxe algumas vantagens e desvantagens para o país, considera que naquela altura não alterou os seus hábitos e a sua vida do quotidiano, tudo decorria de forma normal apesar do sucedido. Contudo, acrescentou “o tempo do Salazar não se podia dizer e fazer nada, ele dominava as coisas e agora pode-se tudo, faz-se tudo e diz-se tudo e ninguém é responsável por nada, há muita liberdade”, afirma

Quando se fala do 25 de Abril de 1974 a sua memória transporta-a, imediatamente, para a família.

Joaquina de forma zangada. Fazendo uma reflexão, hoje, quase 50 anos depois da “Revolução dos Cravos” esta octogenária, analisa o país de uma forma profunda e preocupante. Observa que o país está mais complicado em questões políticas e sociais. Assim, considera que se passou de um extremo ao outro, no sentido que passamos de uma Ditadura para uma Democracia. Quando colocada a questão, o que é a Democracia? Joaquina responde “É a liberdade que se tem agora e que antes não se tinha!”, e o 25 de Abril de 1974? responde sem hesitar “foi a falta da minha mãe!”

Cada história é única e valiosa, mesmo quando partilha semelhanças com outras. É essa singularidade que torna cada relato belo, capaz de transportar quem ouve ou lê para diferentes momentos do passado. Carlos Silva, 76 anos, vivia em Luanda quando Abril ganhou outro significado e através de uma saída para tomar um café, descobriu o que se passava nas ruas de Lisboa. Empolgado para contar a narrativa, descreve a infância vivida na Cova da Piedade como “comum”, mas que “havia muitas dificuldades”. O pai servia como sargento da Marinha, fazendo-o estar distante de casa e Silva, na altura, não sonhava que esse ofício do pai mais tarde se entrelaçaria com o caminho do próprio. Diante das adversidades como um homem

desempregado, casado e com uma filha pequena, Carlos tomou a decisão de se juntar à Marinha Mercante. Foi durante uma viagem em trabalho a Luanda que se encantou profundamente por aquele lugar, descrevendo Angola como “uma terra deslumbrante”. Quando finalmente teve a oportunidade, levou a família consigo e tomou a decisão firme de estabelecerem uma nova vida em terras africanas, motivado pela perspectiva de melhores oportunidades. Ao usufruir de um emprego estável e de uma qualidade de

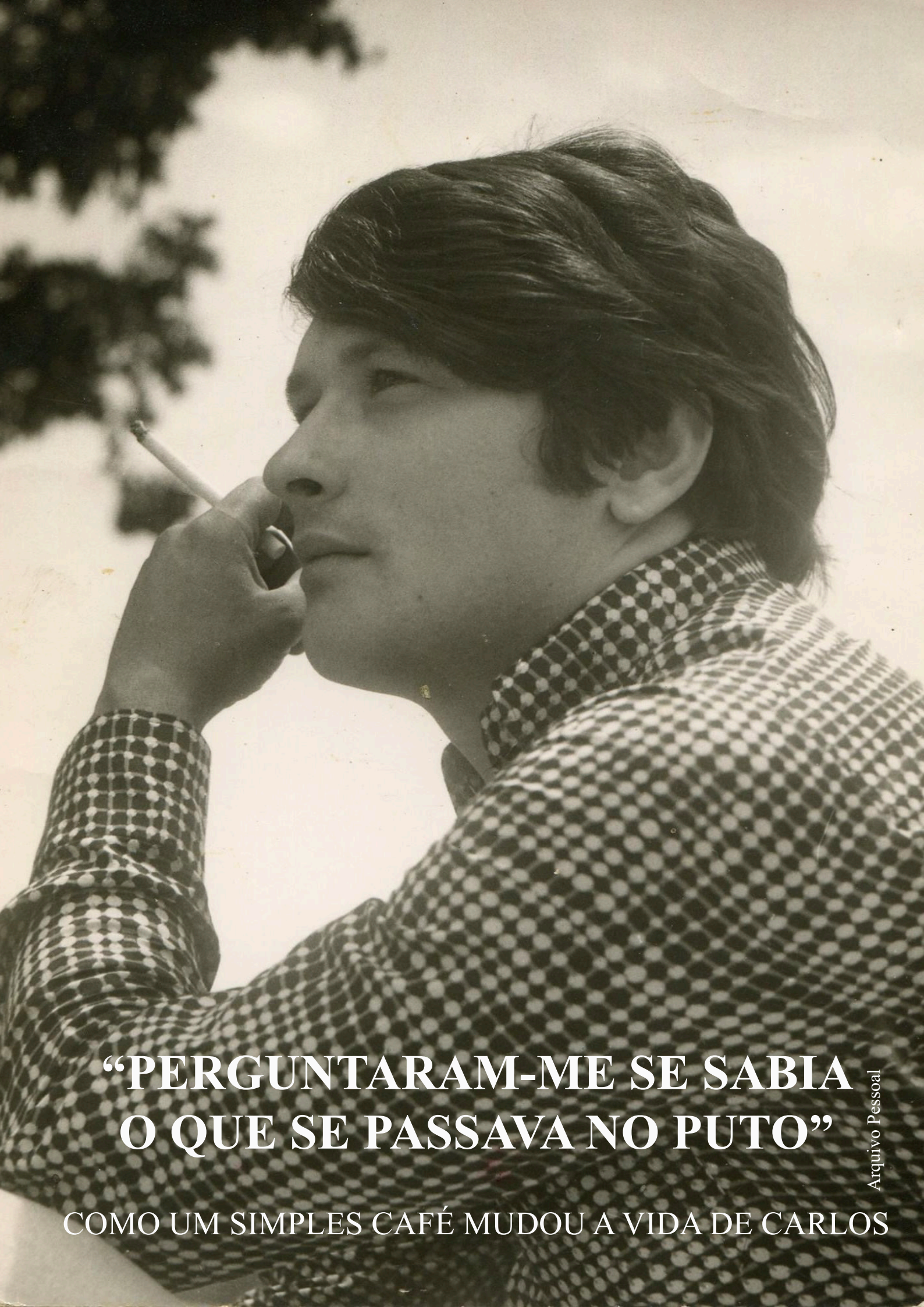
vida superior à que tinha na terra natal, Silva também teve a felicidade de se tornar pai novamente, desta vez de um menino. No 25 de Abril de 1974, para ele, era apenas mais um dia, dividido entre a casa e o trabalho. Com um sorriso ao evocar a memória desse momento, partilha a história que deu origem ao título. Ao passar por um restaurante próximo do trabalho para tomar o seu “cafezinho”, foi surpreendido pelo funcionário do balcão com uma frase que revelara dúvida na cabeça do jovem de 27 anos, “perguntaram-me se sabia o que se passava no Puto,

fui me atualizando pela rádio e soube da Revolução assim”, explicando logo em seguida que “Puto” era como os angolanos se referiam a Portugal. “Fiquei muito contente”, revive, quase com lágrimas nos olhos. Silva não

“As pessoas não estavam preparadas para terem uma liberdade daquelas”

conseguia acreditar que aquele regime tinha acabado, “nós, portugueses, fomos uns heróis”, acreditando que tudo iria mudar. Quando regressara à pátria devido aos graves conflitos dos três maiores grupos nacionalistas angolanos, um ano depois, viria a perceber que “as pessoas não estavam preparadas para terem uma liberdade daquelas” e viu-se num momento de transformação onde aquela mudança não marcava o fim, mas sim um novo começo. Ainda há muitas batalhas a serem travadas, muitas estórias a serem

PATRÍCIA TEIXEIRA



**“PERGUNTARAM-ME SE SABIA
O QUE SE PASSAVA NO PUTO”**

COMO UM SIMPLES CAFÉ MUDOU A VIDA DE CARLOS

“EU TINHA DEZ ANOS, NÃO TINHA CONSCIÊNCIA”

UM MENINO COM ESTÓRIAS

“

“O professor comunicou-nos que houve uma alteração no governo do País”, foi assim que Eduardo Santos soube da Revolução de Abril. Ao

invés de tanques cheios de cravos a andar por Setúbal, estava o professor a passear pela cidade num Ford Escort branco, pois tinha ido levar os alunos a casa após saber que não ia haver mais aulas “íamos todos ao colo uns dos outros, fez duas ou três viagens”,

recorda Santos.

Foi ter com a mãe ao trabalho e acompanhou o resto do dia através da rádio, a partir daí “foi todo um mundo que se abriu”, para Eduardo e para Portugal.

Com o 25 de Abril a vida familiar do rapaz setubalense deixa de ser o que era. Conta que na sua casa não se falava de política, nem sabia o que era “ninguém falava de política, era um assunto completamente tabu”. O seu pai era de esquerda, fazia propaganda política contra o regime e Santos recorda-se, vagamente, de o ver obrigado a pagar cotas extras à Assembleia Nacional para afastar os rumores e não ser preso. Esta memória contribuiu para que acumulasse ódio contra o regime ditatorial em vigor e a revolta in-

terior permanecesse presente até aos dias de hoje “fico chocado quando me dizem: isto antes do 25 de Abril é que era bom. Dá-me vontade de bater em alguém”, afirma com amargura na voz. O seu tio, Manuel Batista, antigo guarda-redes do Vitória de Setúbal, foi preso pela PIDE por, simplesmente, ter pedido o seu lugar reservado num jogo de futebol. O senhor recusou-se a dar-lhe e, após várias tentativas de Manuel para obter de novo o

lugar, o agente da PIDE retira o crachá do bolso e diz que o antigo jogador estava preso. “O meu tio nunca mais foi o mesmo, levou tanta pancada”, recorda com mágoa. É através das his-

“Fico chocado quando me dizem: isto antes do 25 de Abril é que era bom. Dá-me vontade de bater em alguém.”

tórias de terceiros que conta a Revolução. “Eu tinha dez anos, não tinha consciência”. Onde antigamente se fazia silêncio à mesa, passou a ouvir-se risos, piadas e estórias dos seus familiares e dos novos “heróis”, que se tornaram presença assídua na casa de Eduardo e de tantos outros portugueses. A Revolução abriu portas à modernidade e permitiu às crianças de Abril crescerem num ambiente onde a liberdade deixou de ser um rumor “apesar de todo o mal que se fez no pós 25 de Abril, eu acho que foi positivo”, finaliza.

ANA MORAIS / LENICE RUBIO



ra ri
rats ri
no ru

ola
va
u

i

l l
e

o p
pe



Divide as sílabas do seguinte
« (Eles) O velho e o rapaz foram
Subst. porque achavam mallo

Revolução silenciosa pelos olhos de Fernando

Um operador na história de Portugal

No vasto horizonte de memórias que compõem a Revolução dos Cravos, emerge a história de Fernando Cunha, 71 anos, um Operador Cripto, cuja vida se entrelaça com os eventos que moldaram Portugal no 25 de Abril de 1974. Estava em Beja, no Regimento de Infantaria 3, quando as primeiras músicas: “Depois do Adeus” e “Grândola Vila Morena” ecoaram pelos corredores, no entanto, como miliciano, desconhecia o segredo que os Capitães tramavam nas sombras. A rádio era a sua companhia constante, mas as entrelinhas da história revelaram-se de maneira inesperada. A noite do 25 de Abril trouxe para Cunha uma mensagem por decifrar, desafiadora na sua complexidade “recebi uma mensagem para decifrar com mais grupos do que o normal”. Um aviso do colega telegrafista aguçou os seus sentidos, que decifrou a comunicação e a entregou ao oficial do dia, no que se seguiu num encontro com o desconhecido: oficiais superiores que, horas antes da Revolução, não tinham aderido ao Movimento. A perplexidade de Fernando refletia-se na sua procura pelo entendimento, uma vez que o sucesso da Revolução residia na conspiração silenciosa dos Capitães. A falta de clareza deixou uma lacuna na compreensão dos eventos que moldavam o futuro de Portugal. Mobilizado

para Angola em junho de 1974, testemunhou, a milhares de quilómetros de casa, o pulsar dos dias revolucionários. O seu regresso em setembro de 1975 foi marcado pela sensação de impotência “pelo que estava a acontecer entre os Movimentos de libertação que se guerreavam entre si em Luanda”. A juventude de Fernando foi marcada por restrições e encontros secretos, onde a resistência florescia em meio à censura. Pertencente à Juventude Operária Católica e frequentador do Círculo Cultural de Setúbal, encontrou refúgio nas atividades culturais e nas palavras do Professor José Afonso, que se tornou um farol nas discussões sobre política e música. O cenário atual, onde Portugal floresce após décadas de transformação, suscita preocupações, “tenho receio de que a nossa juventude, por não ter passado dificuldades, não tenha noção da dificuldade que é estar livre de uma ditadura e, que agora se dediquem a extremismos que nos podem colocar no passado”. Nas suas palavras, o 25 de Abril foi uma data importante para se renascer “tal como uma criança que descobre o mundo aos poucos”, afirma. A liberdade e o respeito conquistados devem ser preservados, e a data célebre é um convite ao estudo, uma lembrança de que o desconhecimento era a realidade antes da Revolução, “não voltemos para trás, é doloroso”, afirma.

“Tal como uma criança que descobre o mundo aos poucos”

JÉSSICA DIAS / MARIANA SIMÕES



PARECENDO SER UM DIA NORMAL

Afinal, foi o desabrochar de algo maior



“

Apanhei o elétrico, como costumava apanhar todos os dias, passei pelo meio de uns militares, mas não liguei muito ao que estava a acontecer”.

É assim que António Quintas, 77 anos, começa por contar a sua história do dia 25 de Abril de 1974, naquilo que parecia ser só mais um dia normal de trabalho. Cresceu juntamente com os pais, andando descalço até aos dez anos, uma vez que não havia muita capacidade económica. O pai era anti-salazarista e não o deixou usar o uniforme da Mocidade Portuguesa por ter de se comprar e possuir a letra “S” de Salazar bordada. Mais tarde, foi para a Guerra Colonial, descrevendo esse tempo como tendo sido “muito complicado” e onde

“muitos militares choravam de medo”. Após esse período, António Quintas volta a Portugal onde vai trabalhar numas docas de reparação de navios e, no dia da Revolução, quando ia a caminho do trabalho, depara-se ao passar pelo meio de uns militares, não lhes dando muita importância, pois achou que “era só mais uma tentativa de golpe como o de 16 de março que falhou”. Porém, já enquanto trabalhava na reparação de um navio, é que percebeu através da rádio que era algo maior, pois pedia-se

à população para não sair de casa. Perdido esse que não foi ouvido e que, na perspectiva de António Quintas, foi bom isso ter acontecido, porque “se o povo não saísse à rua naquele dia, o 25 de Abril seria só mais um golpe falhado”. Assim, saiu à hora de almoço, faltando ao trabalho à tarde, para ir até ao Largo do Carmo, do qual teve de voltar às 22h da noite, pois a sua mãe estava preocupada, porque “numa situação normal, às 19h da tarde já estava em casa e naquele dia não”. 50 anos depois, António Quintas refere que houve uma

melhoria significativa no país comparativamente ao passado, onde muitas pessoas viviam em barracas e com pouco dinheiro e que, devido ao golpe de estado, pas-

“Foi uma chuva de emoções e realizações”

saram a ter mais estabilidade financeira com o aumento dos salários que veio a acontecer mais tarde. No entanto, refere que, atualmente, o problema da habitação está cada vez maior e a piorar dia após dia, receando que fique igual ao de 50 anos atrás. Questionado sobre o que a Revolução representou para si, António Quintas, rindo-se, diz que “foi uma chuva de emoções e realizações”, e descreve o dia como tendo sido uma flor que se desabrochou, flor essa que era a da liberdade.

“A minha vida alterou”

AS AMIZADES DE ALBERTO



Levantou-se da cama e, enquanto se arranjava para ir até à fábrica de automóveis IMA, onde trabalhava como diretor de produção, ouviu, através da Rádio Renascença, que “uma Revolução estava em curso”. Ao chegar ao trabalho, tudo estava num alvoroço, pois a incerteza tomava conta dos trabalhadores. Nesse dia, sentiu uma dicotomia de emoções. Primeiro, uma alegria imensa, mas esse sentimento logo se desvaneceu porque “quando soube, senti uma alegria imediata, mas quando cheguei à fábrica disseram-me: olhe que a alegria não é total”, o 25 de Abril “trouxe a maldade ao de cima”, afirma. O que era suposto ser mais um dia normal, tornou-se

no ponto de viragem para a vida de Alberto Rosa, na altura com 41 anos, agora com 91. As pessoas tornaram-se egoístas e oportunistas, tentando vingar-se dos anos de ditadura e a aproveitarem-se “do medo que se apoderou dos patrões” Alberto, sentiu o medo na pele e constata que “a minha vida alterou completamente após o 25 de Abril, se foi para bom ou mau, não sei”. Considera o este acontecimento como “uma data histórica” porque, apesar de ter posto fim a uma ditadura que governava o país há quase meio século, ficou desaponta-

do porque das mudanças que ambicionava, a única que se verificou foi o fim da Guerra Colonial. Discorda da forma de como terminou, afirmando com mágoa e raiva na voz, que “abandonaram os portugueses” nas antigas terras consideradas lusas. Recorda as histórias de amigos retornados, que lhe contaram que voltaram apenas com a roupa que tinham vestida e com poucos bens materiais, [emociona-se], sentindo empatia e compaixão pelos seus compatriotas, que foram forçados a abandonar as suas famílias para

defender uma pátria que, segundo Rosa, “estava em decadência”. A amizade é um pilar importante na vida de Alberto, ainda hoje, convive com os amigos na histórica baixa Setubalense, na qual parti-

“Quando soube, senti uma alegria imediata, mas quando cheguei à fábrica disseram-me: olhe que a alegria não é total”

lham histórias dos tempos em que eram jovens e revivem memórias. Aponta que o egoísmo revolucionário, trouxe a oportunidade “de conhecer os nossos verdadeiros amigos” pois, é nas alturas mais difíceis e complicadas que nada é como aparenta ser, e a Revolução ajudou-o a confirmar essa ideia. Para Alberto, o 25 de Abril “marcou o início de uma transição para a democracia em Portugal”, em que, “desencadeou mudanças profundas na sociedade, inaugurando uma era de liberdade, participação cívica e progresso”.

ENTRE CRAVOSE CICATRIZES

A JORNADA DE ARMINDA PELO 25 DE ABRIL



Surpreendentemente alheia aos acontecimentos do país, devido à falta de posses que a impediam de acompanhar notícias televisivas ou ouvir rádio, foi apanhada de surpresa ao ser abordada por um “agente” enquanto seguia a sua rotina habitual de visitar o sogro. A pergunta intrigante: “O que faz na rua? Não ouviu as notícias?”, revela a intrusão do novo cenário político na sua vida diária. Escoltada até ao seu destino, viu-se envolvida num mundo que mudava rapidamente. Há histórias que transcendem o tempo e nos lembram as complexidades de um passado recente. Arminda do Rosário, com 74 anos, tinha apenas

24, quando testemunhou a Revolução dos Cravos, que ecoou por Portugal em 25 de Abril de 1974. Grávida

e mãe de duas crianças, a sua vida mudaria de maneiras que jamais poderia ter imaginado. Com relatos detalhados, Arminda leva para uma viagem de memórias e emoções, enquanto partilha as suas experiências. O 25 de Abril, para Arminda, desencadeou uma montanha-russa de emoções, entre momentos de tristeza e alívio. Testemunhou amigas a sofrer nas mãos da PIDE, vivenciando a força e o poder extremo do regime. A vizinhança tornou-se palco de cenas de violência, com pessoas a serem brutalmente agredidas em plena luz do dia, e outros a desaparecerem sem deixar rasto. Numa reviravolta peculiar,

“Foi uma pessoa
que me desejou a **MORTE**,
mas não o culpo,
a PIDE fez com que ele
se tornasse numa pessoa má”

diz-se “a protegida”, graças ao seu progenitor, um suposto cozinheiro da PIDE. “Ter um pai do lado deles fez com que eu tivesse sempre sorte”, revela. No entanto, essa proteção não apaga as cicatrizes emocionais, pois partilha que “ele era mais do que um cozinheiro”. Toda a vizinhança desconfiava, “ninguém era parvo, só que ficavam calados, todos tinham medo dele, e com razão”. Ao descrever a crise e a fome assustadoras da época, afirma não culpar o pai pelos eventos sombrios que se desenrolaram. No meio de uma sociedade marcada pela escassez e desespero, expressa gratidão pelos seus filhos nunca terem passado fome “felizmente, o meu pai trazia

a l i m e n t o s todos os fins de semana”, mas também partilha o peso de ter enfrentado uma dura relação com o seu progenitor, “foi uma pessoa que me desejou a morte, mas não o culpo, a PIDE fez com que ele se tornasse numa pessoa má” [deixa escapar um suspiro]. Ao recordar os tempos pós-revolução, Arminda destaca a luta pela sobrevivência, indo a pé até Palmela à procura de pão com os filhos ao colo, já que tudo estava fechado, pois era a única opção que tinha para “ter comida na mesa”. Contrariando a expectativa de uma liberdade plena, enfatiza que o país ainda enfrentava dificuldades e desafios, questionando-se se a situação não teria piorado em comparação com o período anterior.

ANGOLA = FELICIDADE

NÃO HÁ RETORNO

“ Não me lembro do dia ou da madrugada do 25 de Abril de 1974, mas lembro-me, perfeitamente, dos anos antes e depois em Luanda”. Nasceu na cidade do Porto e tinha três anos de idade quando Graciosa de Jesus, 66 anos, foi viver para Angola com os avós, por quem foi educada. Partiram para aquela Colónia porque em Portugal estavam a viver com muitas dificuldades financeiras, chegando mesmo a passar fome. O avô foi trabalhar como porteiro para um prédio habitado por sargentos da Força

Aérea e mais tarde tiveram uma banca de fruta na “Praça Maria da Fonte”, que era o rendimento da família. Refere que era uma terra linda, com muitos recursos naturais, tinham muitos meses de Verão, existia muito trabalho e as pessoas eram felizes e amigas. Divertia-se quando ia com as amigas às matinés ao cinema e às farras, “deixei lá muitas amigas negras, que eram como irmãs, eramos uma família”. Frequentou um colégio particular e religioso, porém deixou de estudar para trabalhar, como datilografa, na rádio “Emissora



Católica de Luanda”, pouco tempo depois casou e teve a primeira filha. Os seus sogros que viviam no mato, em Sanza Pombo, perto da cidade, foram avisados, por angolanos, que estavam a invadir as casas e a matar as pessoas. Partilhou ainda que na avenida onde morava, de noite, parecia fogo de artifício os combates entre a UNITA, FNLA e MPLA, e que da sua varanda conseguia ver carrinhas a passar com cadáveres empilhados. “Quando se deu o 25 de Abril aquilo era um pandemónio, matavam as pessoas na rua sem dó nem piedade”. Tinha 18 anos quando regressou a Portugal, em maio de 1975, com cinco contos no bolso, valor máximo que era permitido trazer, o marido e a filha com poucos meses. Para trás ficou tudo, o emprego, a casa, os amigos, que eram como família, e um início

de uma vida. Foram para a Costa de Caparica, para um quarto, no INATEL, eram ajudados pelo IARN – Instituto Apoio ao Retornado de Nacionais, e comiam no refeitório. Mais tarde foi viver para Setúbal, para uma roulotte, onde habitou durante cinco anos e já contava com mais uma filha. Colocada a questão sobre a importância do 25 de Abril de 1974, Graciosa defende que para as pessoas que viviam em Portugal foi muito importante porque não tinham liberdade, contudo acrescenta, “mas sinceramente para mim não foi, falo com o coração, julgo que muitos que vieram de lá também não, aquela colónia podia ter sido dada de outra forma, não nos protegeram”. Quando interrogada sobre o que significado de Angola, fica bastante emocionada e responde entre soluços, “felicidade!”.

PATRÍCIA VASCONCELOS

“Deixei lá muitas amigas negras, que eram como irmãs, eramos uma família”

“

Há diversas modalidades de Estados: os estados socialistas,
os estados capitalistas e o estado a que chegámos”

Salgueiro Maia

Ficha Técnica



Ana Morais



Bruno
Marques



Cátia Duarte



Daniel Ferreira



Diogo Pais



Guilherme
Cabral



Hugo Bastos



Iara Silva



Jéssica Dias



Joana Mendes



Lenice Rubio



Mariana
Simões



Patrícia
Teixeira



Patrícia
Vasconcelos



Pedro Ventura



Rui Morais

ISSN 2184-7258

Editor

Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação

Diretor

Ricardo Nunes

Chefia de Redação

Daniel Ferreira

Iara Silva

Redação

Ana Moraes

Bruno Marques

Cátia Duarte

Daniel Ferreira

Diogo Pais

Guilherme Cabral

Hugo Bastos

Iara Silva

Jéssica Dias

Joana Mendes

Lenice Rubio

Mariana Simões

Patrícia Teixeira

Patrícia Vasconcelos

Pedro Ventura

Rui Moraes

Design

Ana Moraes

Bruno Marques

Cátia Duarte

Hugo Bastos

Lenice Rubio

Pedro Ventura

Copy Desk

Guilherme Cabral

Jéssica Dias

Joana Mendes

Secretariado

Hugo Bastos

Publicidade

Mariana Simões

